CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES

PRODUÇÃO ARTESANAL TRADICIONAL

CAMISOLA POVEIRA

CAMISOLA POVEIRA

PÓVOA DE VARZIM

DEZEMBRO 2021

Índice

1 Introdução 2

2 Nome ou denominação de venda do produto e proposta de logotipo (marca de indicação geográfica) 3

3 Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respetiva origem e/ou vínculo ao centro difusor mais relevante 4

4 Delimitação geográfica da área de produção 26

5 Identificação e caracterização das matérias – primas utilizadas 28

6 Identificação das principais características físicas do produto (formas, dimensões, padrões, cores e desenhos predominantes) 30

6.1 Camisola Poveira – forma / Estrutura, dimensões e cores 30

6.2 Camisola poveira - Motivos/Iconografia 32

6.2.1 Motivos fauna marítima 37

6.2.2 Motivos Barcos e apetrechos marítimos 39

6.2.3 Motivos nomes 42

6.2.4 Motivos Siglas 44

6.2.5 Motivos florais, animalistas, brasões e coroas 49

6.2.6 Motivos Barras 53

6.2.7 Motivos Centrais 56

6.2.8 Motivo Tremidinhos 70

6.2.9 Motivo Castelinhos 71

7 A descrição do modo de produção, designadamente as técnicas e ferramentas utilizadas e os equipamentos auxiliares 72

7.1 Técnicas 72

7.1.1 Camisola 72

7.1.2 Bordado 81

7.2 Ferramentas e equipamentos 82

8 Condições de inovação no produto 84

9 Bibliografia 85

Ficha técnica 87

1 INTRODUÇÃO

A certificação de produções artesanais tradicionais é o procedimento através do qual se garante a conformidade de determinado produto artesanal tradicional com os requisitos constantes no caderno de especificações. Este caderno é o documento que fundamenta o processo de certificação da produção artesanal tradicional a certificar, no qual se identifica e caracteriza de forma rigorosa a "Camisola Poveira – Póvoa de Varzim" descrevendo todos os elementos que a caracterizam e lhe conferem a sua especificidade identitária.

Pretende-se, com a certificação, a obtenção de maior visibilidade, divulgação e, fundamentalmente, a proteção da camisola contra cópias e produtos similares industriais, impedindo a sua descaracterização.

Este é o documento normativo que regulamentará a implementação do processo de certificação através de uma IG – Indicação Geográfica "Camisola Poveira – Póvoa de Varzim", cuja atribuição compete ao INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial.

O Caderno de Especificações contém, de acordo com o que é determinado no Decreto-Lei nº121/2015, o conjunto de elementos que estabelecem o vocabulário e a gramática decorativa que torna inconfundível a imagem da produção, individualizando esta produção artesanal tradicional. Os elementos que, obrigatoriamente, integram o caderno de especificação são:

- O nome ou a denominação de venda do produto;
- O enquadramento cultural e histórico – geográfico da produção;
- A delimitação geográfica da área de produção;
- A identificação e caracterização das matérias – primas utilizadas;
- A descrição do modo de produção, designadamente as técnicas e ferramentas utilizadas e os equipamentos auxiliares;
- A identificação das principais características físicas do produto, tais como as dimensões, formas, desenhos ou padrões e cores predominantes;
- As condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a identidade do mesmo.

2 NOME OU DENOMINAÇÃO DE VENDA DO PRODUTO E PROPOSTA DE LOGOTIPO (MARCA DE INDICAÇÃO GEOGRÁFICA)

O Município da Póvoa de Varzim, entidade promotora do presente processo de certificação, vem requerer, junto do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP, I.P.), o registo da produção artesanal tradicional "Camisola Poveira – Póvoa de Varzim".

Esta é uma marca composta por símbolo e denominação, com as cores vermelho, preto e tipo de letra "Pricedown" maiúscula, de acordo com o representado na Figura 2.1.

Figura 2.1 - Marca composta "Camisola Poveira" (símbolo e denominação) e Pantone das cores (Fonte: Elaboração Própria).

Este pedido de registo é sustentado pelo presente caderno de especificações da produção artesanal da "Camisola Poveira – Póvoa de Varzim", elaborado de acordo com o estabelecido no Decreto-Lei nº 121/2015, de 30 de junho, que procede à criação do Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Artesanais Tradicionais (SNQCPAT), cuja organização e gestão é responsabilidade do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP, I. P.), dando posteriormente origem ao correspondente registo de indicação geográfica (IG) junto do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI, I.P.)

Atualmente, o Município da Póvoa de Varzim é titular do direito de propriedade e do exclusivo da Marca Nacional "Camisola Poveira", ao abrigo do código da Propriedade Industrial, registada no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial, sob o nº 390765.

3 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DA PRODUÇÃO, CONSIDERANDO A RESPETIVA ORIGEM E/OU VÍNCULO AO CENTRO DIFUSOR MAIS RELEVANTE

A Camisola Poveira é um dos ex-libris da Póvoa de Varzim, constituindo um património histórico e cultural facilmente identificado pelas suas características únicas e identitárias. Peça de traje festivo masculino, feita em lã, no seu tom natural de ovelha branca, decorada com emblemáticos bordados a ponto de cruz que ostentam uma iconografia própria e marcante pelas suas cores preto e vermelho. Continua, ainda hoje, a ser produzida artesanalmente, sendo cada vez mais usada como imagem de marca da cidade.

Esta icónica peça de traje tradicional, conta com mais de um século de existência, embora tal como muitas outras produções artesanais tradicionais, se encontre atualmente deslocada da sua função original de agasalho dos pescadores poveiros.

Desde o século XVIII que, em cenas de naufrágio ilustradas em tábuas votivas (Figura 3.1 a 3.3), são conhecidas representações de pescadores poveiros envergando camisolas brancas e catalães vermelhos (Deolinda Carneiro (DC), Diretora do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim).

Figura 3.1 - Ex-voto de Manuel Milhazes da Póvoa de Varzim a Nossa Senhora da Abadia, Amares. 1773. Pintura a óleo / madeira. Museu de N.ª S.ª da Abadia. Amares. / Pormenor. Os pescadores poveiros estão representados com catalão vermelho na cabeça e camisola branco sujo (Carneiro, D.; Gomes, J.M.F. [2008]).

Figura 3.2 - Ex-voto de João Paroleiro da Vila da Póvoa a Nossa Senhora do Alívio. 1808. Santuário de N.ª S.ª do Alívio, Vila Verde. Pormenor. Pescadores poveiros com catalão vermelho e camisolas brancas (Fotografia coleção Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim (MMEHPV).

Figura 3.3 - Ex-voto de José da Silva Laranja a Nossa Senhora do Desterro. 1839. Capela de N.ª S.ª do Desterro. Vila do Conde. Museu da Igreja Matriz de Vila do Conde (Fotografia de inventário de Arte Sacra, realizado pelo MMEHPV em 1996).

Em vários registos pictóricos posteriores é percetível o seu corte reto - semelhante às antigas túnicas e camisas, atilhos para fechar a abertura do decote e bordados a preto e vermelho. Tipologias e pormenores que encontramos na indumentária do período áureo dos descobrimentos (dos séculos XV – XVI) e que, na Póvoa de Varzim, parecem perdurar além do usual, pois, às reminiscências arcaizantes da camisola, há a acrescentar as do catalão (carapuça de lã para usar na cabeça), cujas caraterísticas enraízam no gorro da nobreza do século XV[1] (Deolinda Carneiro).

A partir do século XIX, esta peça de traje ganhou já uma simbologia identitária de Póvoa de Varzim e dos seus pescadores ao ser descrita em publicações diversas e ilustrada em pinturas, gravuras e fotografias. O corte da "Camisola Poveira" é, por si só, significativo e identitário, contudo, são os bordados que mais rapidamente captam a atenção. Em 1868, o "Archivo Pittoresco" publicou a gravura "Um pescador da Póvoa de Varzim" (Figura 3.4), onde o mesmo enverga uma camisola branca com algumas decorações na zona do decote e braços (Deolinda Carneiro).

[1] O gorro da nobreza irá perdurar nos populares barretes e *garruços* do séc. XVIII, na *gorra* dos estudantes de Coimbra, catalães, etc.

Figura 3.4 - Um pescador da Póvoa de Varzim. Gravura de PEDROZO. 1868. ARANHA, Pedro Venceslau de Brito - Villa da Povoa de Varzim. In Archivo Pittoresco. Porto: Tipografia de J. J. Gonçalves Basto, 1868, p.197.

Em 1876, Ramalho Ortigão descreve-a nos seguintes termos: "a camisola justa com um coração e uma cruz bordada no peito, e umas armas de Portugal com a respetiva coroa bordadas no braço direito*"* (Ortigão, 1876).

Um pouco mais tarde, em 1887, em gravura colorida (Figura 3.5) da revista "O Minho Pittoresco", os bordados são apresentados a vermelho. Em fotografias (Figura 3.6) do mesmo ano é possível ver alguns dos motivos bordados numa camisola, assim como o seu formato. A originalidade e a garridice desta camisola torna-a, progressivamente, uma das peças mais características e emblemáticas do traje típico do pescador da Póvoa de Varzim. (Deolinda Carneiro)

Figura 3.5 - Pescadores da Póvoa de Varzim. José Augusto Vieira – Minho Pittoresco. Lisboa, 1887, p. 260.

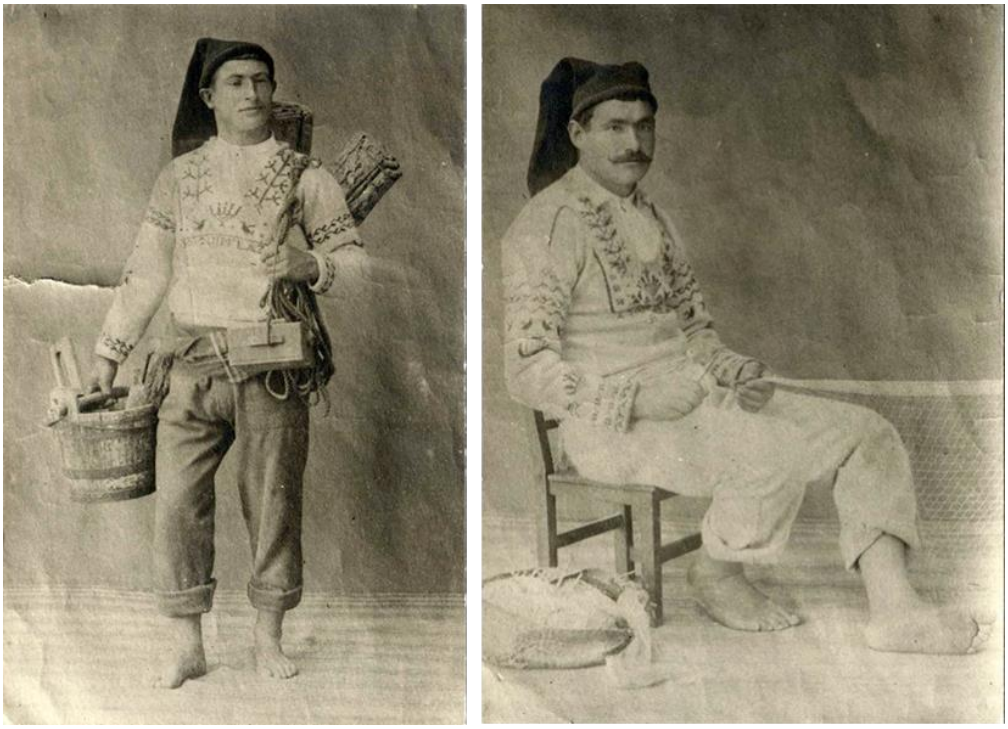

Figura 3.6 - Pescadores da Póvoa de Varzim. Clichés mandados tirar por José Gonçalves de Castro Lopes, em 1887. (Exposição. O Traje Poveiro. 1981. Coleção (MMEHPV), F-2760).

No final do século XIX, a camisola de lã seria usada de forma generalizada pelos pescadores poveiros, facto que se encontra documentado, nomeadamente na revista Occidente de 11 de março de 1892, na qual está descrito que, "Se os pescadores estão em terra aparecem todos às suas portas. Todos teem os mesmos typos physionómicos, todos teem o mesmo vestuário, o grande gorro encarnado ou preto, a larga calça e a camisa de branqueta ou a camisola justa com um coração e uma cruz bordada no peito, e umas armas de Portugal com a respetiva coroa bordadas no braço direito". (Ortigão, 1892)

O grande naufrágio de 27 de fevereiro de 1892, terá contribuído para que o uso comum e generalizado deste modo de vestir tão garrido e vistoso tenha caído em desuso, visto que a tragédia vestiu por longos anos a comunidade piscatória de negro. Outros fatores, como a introdução de novas matérias têxteis e de novas modas, terão também tido influência para que o uso da camisola tenha diminuído substancialmente.

Na sua edição de 11 de março de 1892, a "Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro", descrevia da seguinte forma a grande tragédia, "A data de 27 de fevereiro último ficará dolorosamente assignalada para as populações marítimas da Póvoa de Varzim e da Affurada, pela horrorosa hecatambe que se deu em resultado da tempestade que se desencadeou n´aquelle dia e que causou a morte a dezenas de pescadores, que tinham ido procurar na labutação do mar, o sustento dos seus. Não há memória de um sinistro tão immenso, nas costas marítimas do norte do paiz, e a profunda impressão que essa grande desgraça produziu em toda a parte, traduz-se n´este momento no affan com que cada um procura minorar a mizéria e a desventura, em que tantas famílias ficaram, pela morte afflictiva dos seus chefes." (Rodrigues, 1892)

Pode-se dizer que, a partir daquela data, os pescadores reforçaram o seu traje de luto e deixaram de usar trajes de cores garridas (Costa, 1980). Apesar desta circunstância, e do facto deste traje ter entrado em desuso, não significa que o mesmo tenha deixado totalmente de ser usado, uma prova disso é o facto de terem chegado até aos nossos dias fotografias (Figura 3.7) da primeira década do seculo XX, com homens poveiros a envergarem a "Camisola Poveira".

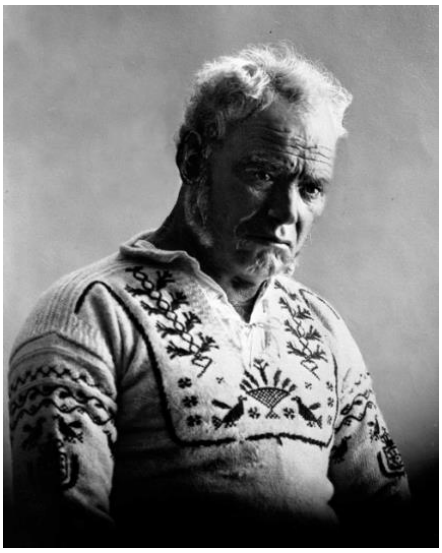

Figura 3.7 - José da Silva Braga, o "Tio Peroqueiro", Foto Neta. Anterior a 1913 ((MMEHPV), FN-1442).

É pela mão de António dos Santos Graça, etnógrafo poveiro, que a camisola ressurgirá de um período de quase esquecimento. Entusiasta da cultura popular, vê nesta peça de vestuário um simbolo único e de valor artístico, que urge preservar e divulgar.

Nos seus textos é evidente o interesse que esta peça de traje lhe suscitou, dedicando-se ao estudo da sua origem. Com base no trabalho de António dos Santos Graça, no livro "Rancho Poveiro – Cinquenta Anos de História 1936-1986", está descrito o seguinte, "Quem começou a bordá-las a ponto cruz? Possivelmente, segundo Santos Graça, os velhos "Lobos do Mar", que também marcavam outras peças de vestuário, não com ponto cruz, mas com outro que visualmente se confunde com ele, da sua autoria, e que encontrei em gabão (agasalho com capuz) (Figura 3.8) que pertenceu aos Chabões (Gonçalves Regufe – Francisco Marques), e é, agora, pertença do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim". (Amorim, *et al*, 1987)

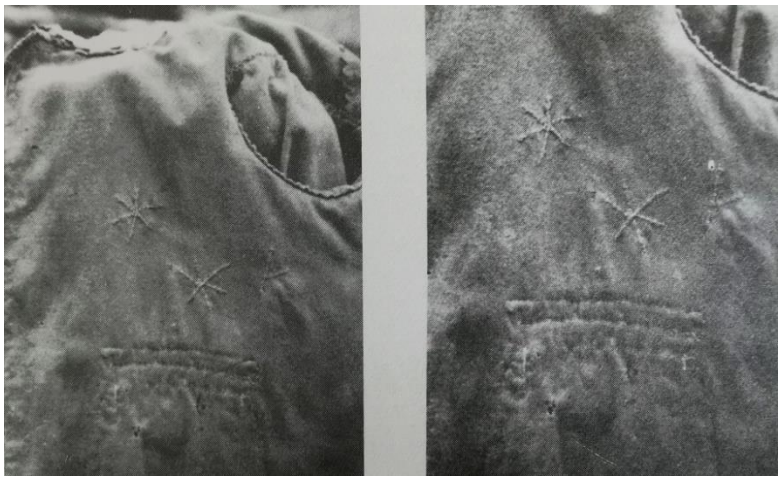

Figura 3.8 - Pormenor de gabão com marca do proprietário, bordada manualmente (Rancho Poveiro – Cinquenta Anos de História 1936-1986).

Posteriormente, a "Camisola Poveira" passou a ser produzida e bordada pelas mulheres poveiras, conferindo-lhe o aspeto ornamentado que hoje lhe conhecemos.

O interesse pelo estudo dos trajes e costumes regionais, particularmente em voga em Portugal a partir de finais do século XIX, impulsionou o aparecimento dos Grupos de Folclore em Portugal, nomeadamente a partir das décadas de 30 e 40 do século XX. É nesse contexto que ocorre a criação do Grupo Folclórico Poveiro, vulgo "Rancho Poveiro" (Figura 3.9) , em 1936, por António dos Santos Graça (Deolinda Carneiro).

Figura 3.9 - O "Rancho Poveiro" (1947-1951) (Coleção do (MMEHPV), FN-2275).

Este, ao selecionar a indumentária, colocou em evidência esta peça de traje, que se destacava pela sua singularidade, tanto mais que fazia parte do traje masculino de outrora, como anteriormente referido.

Ao ser usada para dançar, tornava-se mais confortável dispensar o uso do casaco e do colete, aumentando assim a visibilidade da camisola e deixando mais espaço livre para ampliar os lavores. Com o correr do tempo estes motivos bordados foram-se diversificando e, aos tradicionais elementos decorativos ao gosto minhoto, adicionou-se a temática marítima e as siglas poveiras, como é possível constatar nas camisolas abaixo apresentadas (Figura 3.10), elementos identitários duma comunidade orgulhosa da sua ligação ao mar e à sua história[2] (Deolinda Carneiro).

Figura 3.10 - Camisolas oferecidas ao (MMEHPV), meados do séc. XX (c. 1936 – 1960).

[2] Os banheiros da praia da Póvoa, começaram a bordar nomes próprios, com as respetivas alcunhas, usando as camisolas como elementos identitários e promocionais. A maior parte dos elementos do Rancho poveiro (em meados do século XX) também usavam camisolas com os seus nomes e alcunhas bordados. Os fotógrafos "à la minuta", como o conhecido "Barateiro", que andavam pela praia, normalmente usavam camisolas poveiras em tons escuros (principalmente azul) com os bordados em tons claros.

António dos Santos Graça justifica a utilização da "Camisola Poveira" em artigo publicado no Jornal Comércio da Póvoa de Varzim de 10 de julho de 1936: "Não tivemos hesitação na escolha do traje: fomos para o traje branco porque foi ele o que mais perdurou na nossa gente do mar, mantendo-se, na gente moça, até ao findar do século, principalmente nas danças, jogo da péla, festas e romarias. Foi sempre o escolhido pelos mezários da Lapa nas suas idas a Lisboa, como melhor representando o traje local. Quais as suas nuances? Porque preferimos a camisola de malha (lã) ao casaco? Vamos dizê-lo, descrevendo a nossa preferência: Fato do homem: convém dizer aqui que o poveiro não lhe chamava fato, mas farda, (como se descrevia no contrato dos meeiros): Calça branca farta, bolsos abertos ao cimo dos dianteiros e sôbre êstes e a carcéla (maneira, no dizer do poveiro) pospontos pretos ou vermelhos em feitios diversos, pela costura da calça os mesmos pospontos em zig zags. Colête branco do mesmo pano, com botões de osso. Camisola de lã com motivos em preto e vermelho. Camiza de préguinhas com gola dobrada. Casaco branco com botões cobertos a pano vermelho. Barrête de malha de lã branca com desenhos em cor ou catalão vermelho. Precinta branca às riscas. Coturnos brancos aos fatocos ou renda. No homem pusemos de parte o colete e o casaco, porque a camisola de lã, com esses ingénuos bordados, é vistosa e bela, e tanto que ela se manteve através dos trajes azuis, castanhos e das casimiras, sendo luxo de velhos e novos. Esses ingénuos desenhos eram feitos por velhos da classe que a isso se dedicavam, vivendo internado na Casa do Pescadores, ainda um, que era exímio nestes trabalhos."

Assim, desde a sua criação até aos dias de hoje, o Rancho Poveiro (Figura 3.11 a 3.13) foi e continua a ser um veículo essencial para a divulgação do traje local e em particular da "Camisola Poveira", tanto em Portugal como nos vários locais do mundo por onde o rancho viaja, em representação da comunidade e cultura poveiras.

Figura 3.11 - Componentes do Rancho Poveiro (Bilhete Postal. Meados do séc. XX).

Figura 3.12 - O Grupo Folclórico Poveiro (anterior a 1959) (MMEHPV)).

Figura 3.13 - Cortejos etnográficos (1962 e 1963) (MMEHPV)).

Além do “Rancho Poveiro” (que ganhou, rapidamente, uma grande popularidade), principal meio de divulgação, o processo que permitiu que esta peça de traje ultrapassasse a dimensão local, remete-nos em particular para o segundo terço do séc. XX, quando a mesma contou com importantes meios de divulgação (Deolinda Carneiro). Durante este período a importância atribuída ao traje do pescador poveiro, em particular, e como já referido, depois de António dos Santos Graça o ter feito “renascer” está espelhada em vários factos abaixo descritos.

Em 1937, na cidade de Paris, realizava-se a exposição “Artes e Técnicas da Vida Moderna”, e, inserida no pavilhão de Portugal, é realizada uma mostra das expressões culturais portuguesas, nomeadamente da arte popular. No catálogo desta Exposição é publicada uma ilustração (Figura 3.14) de um casal de pescadores poveiros, vestidos com traje típico e na qual o homem aparece vestido com uma camisola com motivos vermelhos e pretos, o facto do traje e em particular da “Camisola Poveira” terem sido representados nesta exposição, reflete a importância que lhe era atribuída no contexto da cultura popular portuguesa.

Figura 3.14 - Capa e Ilustração de Paulo Ferreira, representando um casal de pescadores poveiros (Quelques Images De L'Art Populaire Portugais, 1937).

Em 1938 a conceituada revista “National Geografic” publica uma fotografia de um pescador (Figura 3.15), no contexto de uma exposição dedicada à indústria da pesca, que se realizou precisamente na Póvoa de Varzim.

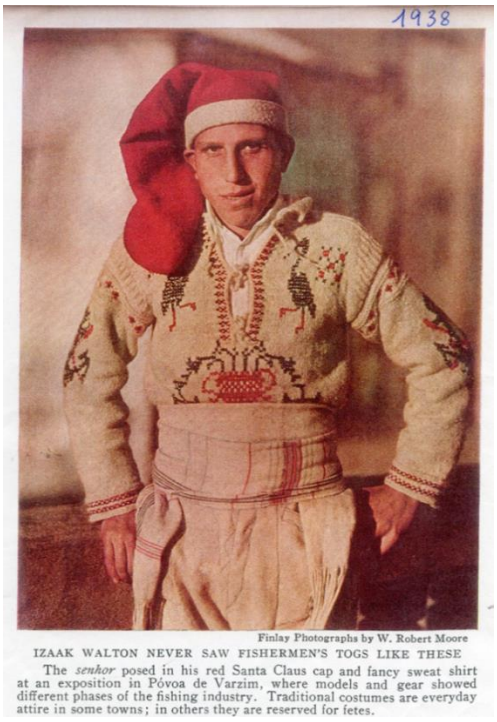

Figura 3.15 - Fotografia de pescador poveiro envergando a "Camisola Poveira" (Fishermen's Togs National Geographic Magazine.1938) (MMEHPV).

Ainda nos anos trinta do século XX, mais concretamente em 1939, Tom (Thomaz de Mello) concebe e inicia a comercialização de uma coleção de bonecos em madeira, representando trajes regionais portugueses. Os bonecos em madeira de Tom ganharam grande notoriedade e popularidade, e desempenharam um papel importante na divulgação dos trajes regionais, quer no contexto de decoração de habitações particulares quer em feiras nacionais e internacionais e exposições de artes decorativas. Em 1969/1970, Tom lança a segunda série desta coleção, com a designação "Bonecos Regionais Portugueses", que revisitam algumas das figuras da série inicial. O traje Poveiro e a representação da "Camisola Poveira" mereceram presença nas duas séries da coleção, através de um boneco representando um pescador poveiro com o traje típico (Figura 3.16 a 3.18) (Silva, 2020).

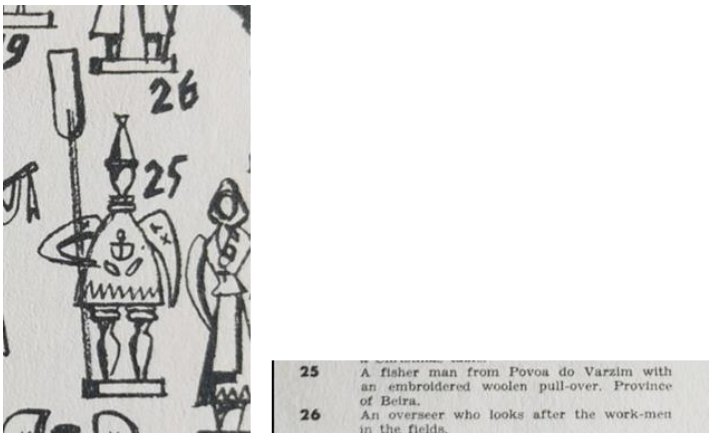

Figura 3.16 - Fotografia de pormenor do folheto da 1ª Série coleção de bonecos do Tom "Portuguese wooden figures by Tom" 1939/1940 (Silva, 2020).

Figura 3.17 - Fotografia de pormenor de imagem com Etiquetas para embalagem "Bonecos Regionais Portugueses, 2ªa série" 1969/1970 (Silva, 2020).

Figura 3.18 - Fotografia do boneco da coleção "Bonecos Regionais Portugueses, representando o pescador poveiro (Silva, 2020).

Em 1940 decorre em Lisboa a "Exposição do Mundo Português", onde estiveram representados alguns dos mais relevantes elementos/produtos da arte popular portuguesa. Nela esteve integrada uma representação da Póvoa de Varzim, da qual faziam também parte homens poveiros vestidos com o traje tradicional inclusive a "Camisola Poveira". No âmbito desta exposição, é também produzido o livro "Vida e Arte do Povo Português", ao qual se refere Vasco Rosa, em "Design Português 1940/1959 Maria João Bantazar.3", da seguinte forma, "…é todo um exercício de deleite visual, tão elevado é o patamar de equilíbrio de formas e cores numa obra que é um elogio da arte popular na imensidão das suas aplicações, dos trajes regionais aos lenços dos namorados,…" (Almeida, *et al*, 2015).

No livro "Vida e Arte do Povo Português", o traje do pescador poveiro, do qual a camisola de lã faz parte, vem assim descrito, "O homem do mar, com as bragas brancas ou calças arregaçadas, de camisola de baeta aos quartos, ou de lã branca, animada dos sinais distintivos da companha respectiva, bordados no peito a vermelho como sinais heráldicos, de carapuça ou catalã rubra – Póvoa de Varzim". Para além da referência escrita e descrição de elementos identitários da "Camisola Poveira", este mesmo livro, tem uma ilustração representado um dos barcos típicos da Povoa de Varzim, onde aparece a representação de um pescador a usar a "Camisola Poveira" (Figura 3.19).

Figura 3.19 - Capa do livro "Vida e Arte do Povo Português" e ilustração de barco típico da Póvoa de Varzim com pescador a envergar a "Camisola Poveira" " (Livro Vida e Arte do Povo Portugês,1940).

A “Camisola Poveira” apareceu também retratada na imprensa de meados do século XX. Na “Revista Portuguesa de Arte e Turismo – Panorama”, é publicada imagem da “Camisola Poveira” em mais do que um número da mesma, nomeadamente no número 7 de 1942, que publica uma fotografia de um pescador poveiro (Figura 3.20), envergando uma “Camisola Poveira”, no contexto de um artigo intitulado “As nossas redes de Pesca”. Uns anos mais tarde a Revista “O Século Ilustrado” de 15 de outubro de 1958, dá destaque na sua capa às festas na Póvoa de Varzim, publicando aí uma fotografia (Figura 3.21) de um casal poveiro, na qual o homem aparece envergando uma “Camisola Poveira”.

Figura 3.20 - Fotografia de pescador poveiro envergando uma “camisola poveira” (Revista de Arte e Turismo – Panorama,1942).

Figura 3.21 - Fotografia de casal poveiro, com o homem poveiro envergando uma “camisola poveira” (Revista o SÉCULO Ilustrado, 1958).

O filme “Ala-Arriba” (Figura 3.22), realizado por Leitão de Barros em 1942, e que foi premiado no Festival de Veneza, contribuiu para a divulgação da “Camisola Poveira”, assim como para a sua valorização comercial. O argumento e guião foram baseados na obra "O Poveiro" de António dos Santos Graça. O filme retrata a comunidade piscatória da Póvoa de Varzim e foi interpretado por atores profissionais mas também por verdadeiros pescadores poveiros, que falam mantendo o seu característico sotaque, mostrando genuínas vivências e costumes da comunidade.

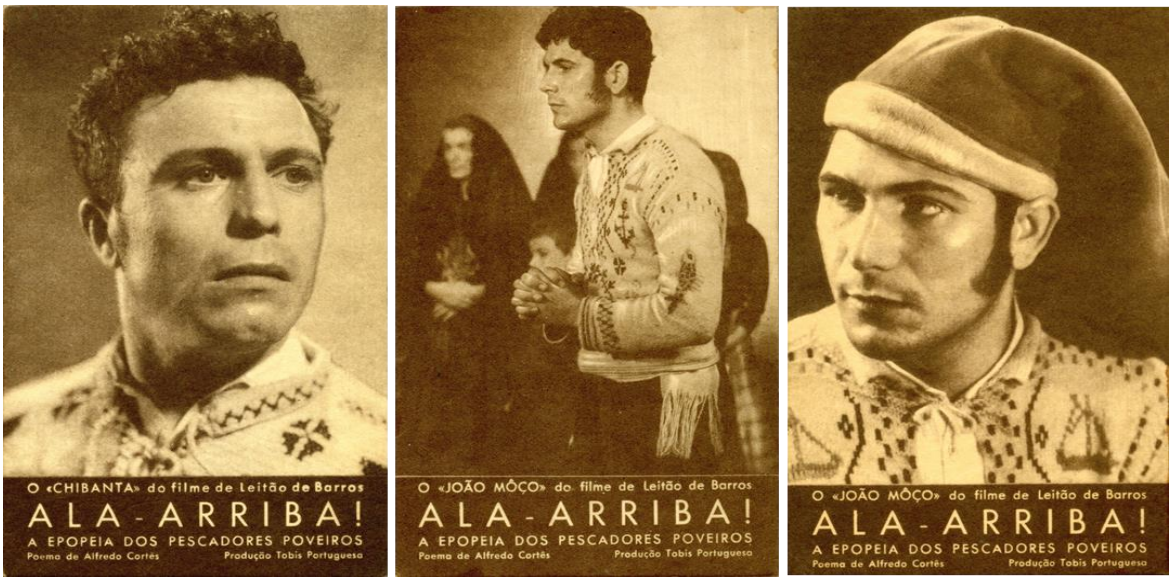

Figura 3.22 - Postais com imagens de pescadores poveiros no filme “ALA- Arriba” envergando a “Camisola Poveira”.

O Museu de Arte Popular, inaugurado em julho de 1948, em Lisboa, tem também integrada no seu espólio a “Camisola Poveira”, (Figura 3.23)

Figura 3.23 - Camisola anterior a 1940 (*Catálogo de exposição Artes Tradicionais de Portugal.* Fundação Calouste Gulbenkian).

Há ainda a considerar a forma pródiga como a "Camisola Poveira" era usada em bilhetes postais (Figura 3.24), miniaturas e imagens impressas no *bric-à-brac* das "Recordações da Póvoa de Varzim", peças que ganharam especial relevância promocional pelo facto desta estância balnear, já centenária, continuar a atrair grande número de "banhistas" e turistas (Deolinda Carneiro).

Figura 3.24 – Bilhetes postais com ilustrações representando a "Camisola Poveira" (meados do Séc. XX).

Na sua difusão nacional e internacional há a considerar o facto de a mesma constituir uma peça de traje cómoda, alegre, original, fácil de executar, e, em simultâneo, possuir afinidades com as camisolas de lã em moda a partir da década de 20, aspeto que motivou uma lenta e progressiva utilização por locais e visitantes (Deolinda Carneiro).

O sucesso comercial chegou nos anos 50 a 70, período em que a "Camisola Poveira", graças às suas características conheceu uma notável divulgação, dentro e fora do país, com a exportação de milhares de camisolas e outros artigos associados. Em 1968, a princesa Grace do Mónaco, uma das figuras mais mediáticas a nível mundial, aparece em diferentes fotografias (Figura 3.25) publicadas na imprensa internacional, envergando uma "Camisola Poveira" (Deolinda Carneiro).

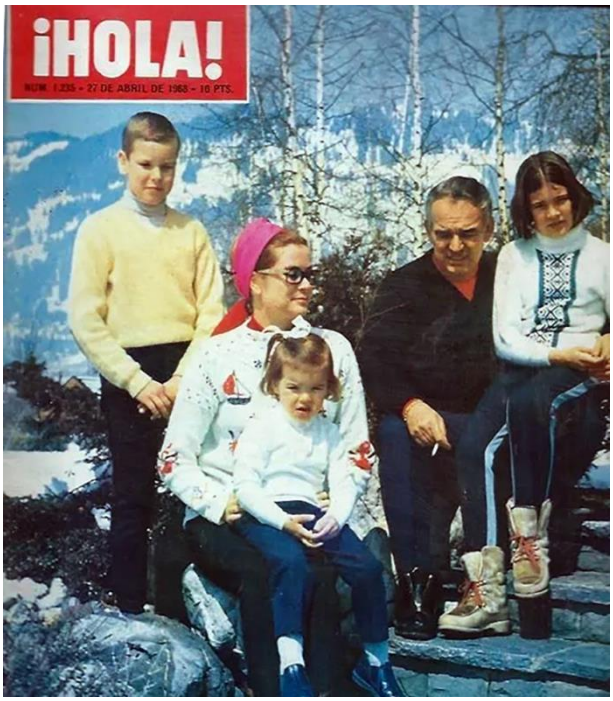

Figura 3.25 - Princesa Grace do Mónaco envergando "Camisola Poveira" (Revista «HOLA», N.º 1235, 27.04.1968. Espanha).

Esta procura teve uma pronta resposta por parte de algumas empresas locais que viram, neste nicho de negócio, a possibilidade de crescimento, seguros da facilidade de recrutamento de mão-de-obra conhecedora. Assim sendo, contrataram dezenas de mulheres, muitas delas da classe piscatória, que, nos tempos livres, em suas casas, ou enquanto esperavam os barcos, confecionavam e bordavam as camisolas a um ritmo impressionante (Deolinda Carneiro).

Neste período, devido à grande procura, algumas das mulheres que produziam a camisola, para além de a tricotar na totalidade utilizando agulhas, começaram a utilizar máquinas de tricotar domésticas, para a confeção da camisola de modo a agilizar o processo.

Apesar de, nas décadas de 60 e 70 do Século XX, a "Camisola Poveira" ter sido essencialmente produzida com objetivos comerciais, constata-se por informação transmitida oralmente, mas também através de fotografias de família (Figura 3.26), que a mesma continuou a ser usada pelos poveiros (particularmente pelas crianças).

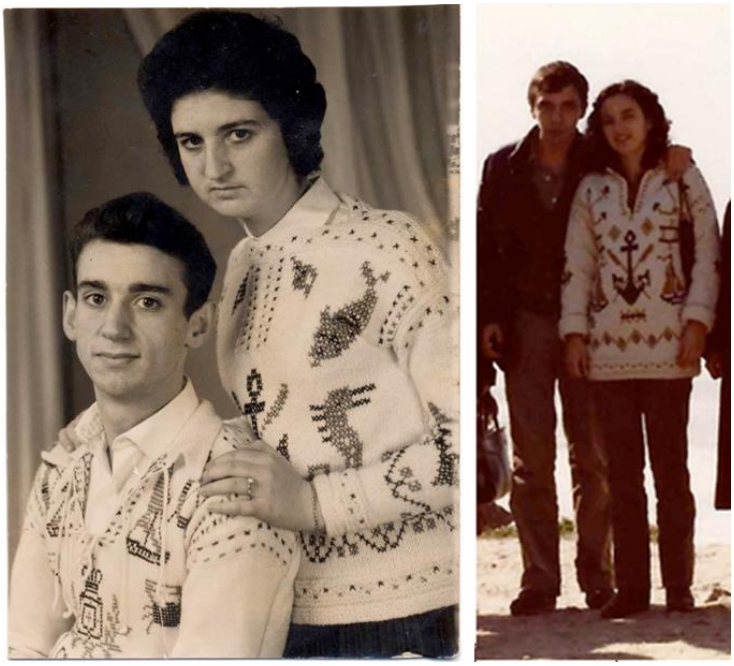

Figura 3.26 - Fotografias de família anos 1950 / 1970.

Nos anos 80 este comércio e artesanato entram em progressivo declínio, com a queda da procura, envelhecimento e desinteresse dos promotores. Paulatinamente, a atividade foi-se extinguindo, com grande mágoa de muitos defensores do património poveiro, para quem a "*Camisola* Poveira" era um ícone local (Deolinda Carneiro). Foi ainda nesta década que o Museu de História e Etnografia da Póvoa de Varzim, organiza uma exposição subordinada ao tema "O Traje Poveiro" que esteve patente na Póvoa de Varzim, na sede da Associação Comercial em 1981. Esta exposição é posteriormente montada em Lisboa, onde esteve patente, entre novembro de 1983 e abril de 1984, no Museu Nacional do Traje (Figura 3.27). A exposição "O Traje Poveiro" passou ainda por França, Alemanha e Brasil.

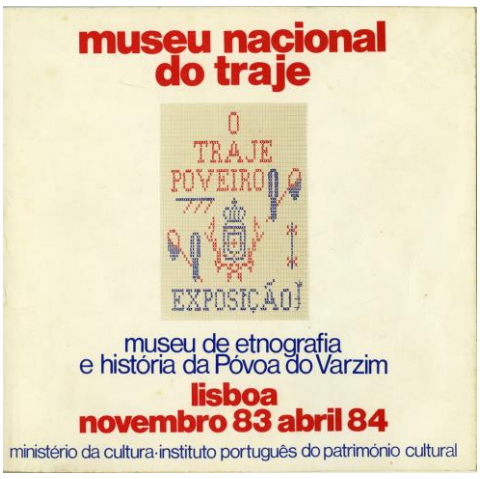

Figura 3.27 - Capa do catálogo da Exposição "O Traje Poveiro" realizada em Lisboa (1983-1984).

Já nos anos noventa do século XX, mais concretamente em 1994, o Museu Nacional do Traje, organiza em Lisboa a exposição "Trajes Míticos". Esta exposição foi desenvolvida no âmbito do evento "Lisboa Capital Europeia da Cultura'94". O traje poveiro do qual faz parte a "Camisola Poveira" esteve representado nesta exposição, como evidenciado em página do seu catalogo (Figura 3.28).

Figura 3.28 - Página do Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional do Traje no âmbito de Lisboa Capital Europeia da Cultura'94, na qual esteve representada a "Camisola Poveira" (1994).

Já no século XXI, o Município da Póvoa de Varzim, em parceria com o IEFP, decidiu reativar o seu fabrico e, mercê de uma candidatura a fundos europeus, foi lançado um curso dedicado à "Camisola Poveira". Esta formação contou com o empenho do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim e o apoio incondicional do seu Grupo dos Amigos do Museu, no sentido de agilizar procedimentos para a prossecução da iniciativa. A equipa de formadoras incluía uma licenciada em Geografia, com atividade e investigação nos campos da antropologia, etnografia e artesanato, bem como antigas profissionais desta arte, que reaprenderam os gestos de algumas décadas atrás e ensinaram às formandas os segredos das malhas e dos bordados (Deolinda Carneiro).

Foi, assim, emergindo a consciência da necessidade de promover a divulgação da *camisola* e da existência de um nicho de mercado onde esta tinha possibilidades de venda. Entretanto, assistiu-se a algumas experiências curiosas, realizadas por empresários locais e por estudantes, mas também por reputados designers de moda, que usaram a camisola - e o seu característico bordado - como fonte de inspiração (Deolinda Carneiro).

Em 2007, os CTT, editam um livro de selos dedicado ao tema "Trajes Regionais", no qual são dedicadas algumas páginas a esta camisola, explicando de forma sucinta a sua origem e principais caracteristicas. Neste âmbito é editado um selo alusivo à "Camisola Poveira" (Figura 3.29).

Figura 3.29 - Selo alusivo à "Camisola Poveira", editado no âmbito do livro dos CTT "Trajes Regionais Gosto popular, cores e formas"(2007).

O Museu Municipal e o Grupo dos Amigos do Museu intervieram ativamente na revitalização da camisola e, com esse fim, a partir de 2009, um grupo de senhoras, com interesse nesta área, promovem, todas as semanas, sessões de trabalho na sede do Grupo e no Museu Municipal, ensinando e confecionando camisolas e outros adereços, segundo os motivos e os modelos tradicionais, ou em novas utilizações e finalidades. Assim, o Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim tem assumido um papel catalisador desta atividade, apoiando a produção e promovendo a pesquisa, a divulgação e comercialização dos produtos ligados à "Camisola Poveira", nomeadamente através da participação em feiras de artesanato, assim como a exposição e venda dos produtos no Posto de Turismo e Museu.

Em 2013, Rosa Pomar, inclui a "Camisola Poveira" no livro "Malhas portuguesas – História e prática do tricot em Portugal, com 20 modelos de inspiração tradicional".

Mais recentemente, em 2015, o Museu de Etnologia, em Lisboa, realizou, no âmbito do workshop "Malhas da Pesca", a exposição "Da Matéria aos usos: Malhas de lã da Póvoa de Varzim". Este evento era apresentado com o seguinte texto, "Esta mostra dá a conhecer uma seleção de peças de vestuário, relativas à confeção de malhas de lã na comunidade piscatória da Póvoa de Varzim, e de tecnologia têxtil relacionada com o ciclo da lã em Portugal. Situadas no cruzamento dos dois setores mais expressivos das práticas produtivas tradicionais em Portugal, o da atividade agro-pastoril e o da atividade piscatória, estas peças são também testemunhos da função identitária do traje regional. É o caso da camisola do pescador da Póvoa, caída em desuso em finais do séc. XIX, recuperada na década de 1930 como símbolo da cultura poveira, no âmbito de processos de recriação "etnográfica" e de promoção folclórica, e cuja produção subsiste hoje principalmente em função do mercado turístico."

Nesse mesmo ano (2015) a Camara Municipal da Póvoa de Varzim, através do próprio Posto de Turismo e do Museu Municipal, para assinalar o "Dia Mundial do Turismo" organiza a exposição "Camisola Poveira – uma história com marca" (Figura 3.30), dando a conhecer a história da "Camisola Poveira – Póvoa de Varzim", a sua confeção, a sua evolução e a sua valorização cultural.

Figura 3.30 - Fotografia da exposição "Camisola Poveira – uma história com marca" (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim (2015)).

Nos últimos anos tem-se assistido, como resultado de algumas iniciativas, encetadas pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, já referidas no presente caderno de especificações, e que contribuíram para a recuperação do orgulho identitário e do interesse local por esta peça tradicional, tem-se assistido a um gradual aumento de pessoas a produzir a camisola poveira e interessadas em aprender a arte, que os seus antepassados produziam e usavam no seu dia-a-dia. Na figura 3.31, são apresentadas algumas "Camisolas Poveiras" produzidas no final do século XX e já no século XXI.

Figura 3.31 - Fotografias de "Camisolas Poveiras" do final do século XX e do século XXI (Col. Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim (MMEHPV)).

Atualmente a "Camisola Poveira – Póvoa de Varzim" continua a ser valorizada e procurada além-fronteiras, sendo exemplo disto, a recente referência, a esta camisola, em revistas japonesas e o facto de uma empresa japonesa "Loja Andorinha" que comercializa e divulga peças de artesanato português, incluir no seu catálogo (Figura 3.32).

Figura 3.32 - Capa e páginas interiores do catálogo da "Loja Andorinha" (2016).

Fica assim, no nosso entender, sustentada a origem e percurso histórico da "Camisola Poveira", o seu enquadramento geográfico, assim como a sua ligação identitária às gentes poveiras, embora com enquadramentos diferentes ao longo da sua história.

4 DELIMITAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE PRODUÇÃO

A produção da "Camisola Poveira" está territorialmente associada, fundamentalmente, aos limites geográficos da Freguesia da Póvoa de Varzim, de acordo com o mapa anterior à reforma administrativa de 2013 (Figura 4.1), atualmente integrada na União de Freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai de acordo com o mapa posterior à reforma administrativa de 2013 (Figura 4.2), pertencentes ao Concelho da Póvoa de Varzim, distrito do Porto.

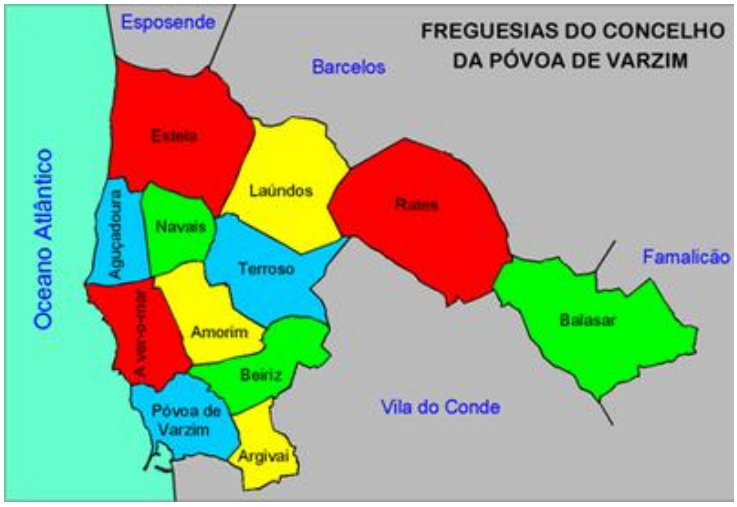

Figura 4.1 - Mapa do Concelho da Póvoa de Varzim (vigorou até à reforma administrativa de 2013).

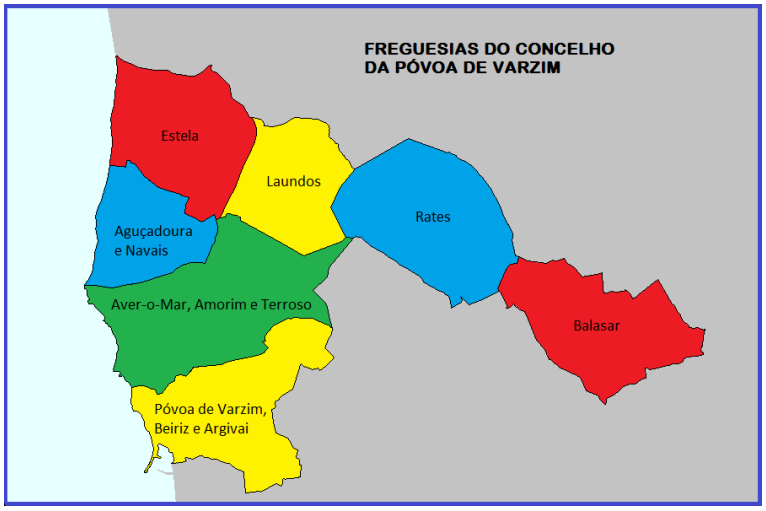

Figura 4.2 - Mapa do Concelho da Póvoa de Varzim (a partir da reforma administrativa de 2013).

Propõe-se como delimitação geográfica da área de produção da "Camisola Poveira" todo o concelho da Póvoa de Varzim, na perspetiva de possibilitar o alargamento e a disseminação desta atividade por uma área de abrangência geográfica mais ampla.

Desta forma, será possível que atuais produtores de camisolas e potenciais interessados de todo o concelho que implementem esta atividade, vejam as suas produções certificadas, caso as mesmas estejam dentro dos parâmetros técnicos e estéticos exigidos, no presente caderno de especificações para esta produção artesanal tradicional.

Esta valorização da produção, por via da certificação, não só será uma forma de garantir a manutenção, proteção e identidade desta arte tradicional, como a tornaria mais atrativa e viável, incrementando e promovendo, simultaneamente, uma produção de qualidade, autenticidade, em que o consumidor poderá confiar, conhecendo toda a sua história, os seus autores e o contexto geográfico e social que lhe deu origem.

Pretende-se, também, que constitua um estímulo para que jovens de todo o concelho se envolvam nesta produção artesanal, possibilitando a evolução para uma linguagem de estética mais contemporânea, mais direcionada para os mercados atuais.

O facto de se alargar a abrangência geográfica da área de produção a todo o Concelho da Póvoa de Varzim permitirá que um maior numero de pessoas procurem nesta atividade um modo de subsistência, encarando-a como profissão principal, ou como um complemento de outras profissões, fator indispensável à manutenção desta produção artesanal tradicional e ao seu desenvolvimento futuro.

5 IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS MATÉRIAS – PRIMAS UTILIZADAS

A lã é a matéria-prima por excelência do tricot. Oferece isolamento térmico mesmo quando molhada, é elástica e maleável, mas simultaneamente resiste ao uso sem deformar, existe em diferentes cores naturais podendo também ser facilmente tingida. Para além disso pode ser fiada em todas as espessuras desejadas sem recurso a mais apetrechos do que um simples fuso de madeira (Pomar, 2013).

A lã usada tradicionalmente na produção da "Camisola Poveira" e dos seus bordados era lã natural de ovelha. Em meados do século XX, com o aumento de produção da camisola esta lã ficou de tal maneira associada às camisolas, que passou a ser conhecida como "lã poveira". Matéria-prima utilizada sem concorrência até à segunda metade do século XX, altura em que o *boom* da industrialização têxtil introduziu os fios sintéticos no mercado, baixando o preço da matéria prima.

Pesquisas feitas, levaram-nos a concluir que a introdução de fibra sintética na confeção da "Camisola Poveira" remonta à década de 70, do século XX. Verificamos, ainda, a introdução de uma outra fibra natural: o algodão.
Encontrámos, portanto, e desde essa década, camisolas produzidas com fio 100% sintético; fio constituído por uma percentagem de lã e fibra sintética; 100% algodão e as originais camisolas com fio 100% lã. Apesar destes factos, e de forma a respeitar a origem histórica desta camisola, na sua produção deve ser exigido que o fio usado seja exclusivamente de lã de ovino.
Relativamente aos motivos nela bordados, destinados a produzir um efeito decorativo, não deve ser exigido que sejam exclusivamente de lã de ovino, podendo também ser utilizados fios em algodão mercerizado e fios que contenham na sua composição fibras sintéticas, de acordo com as regras do presente caderno de especificações abaixo descritas.

Com o objetivo de refletir e assegurar a sua originalidade histórica, reforçado pelo reconhecimento generalizado mais comum do produto (camisola de lã poveira), consideramos que as matérias-primas (Figura 5.1) (fio) usadas na produção da "Camisola Poveira", devem assim obedecer às seguintes características:

Camisola

Espessura do fio: 2mm (± 1mm) a 5mm (± 1mm).

Composição do fio: fio 100% lã de ovino ou lã virgem (ovino).

Cor: Tom natural da lã.

Bordados

Espessura do fio: 1mm a 3mm (± 1mm).

Composição:

- fio 100% lã de ovino ou lã virgem de ovino;
- fio composto de lã de ovino e de fibras sintéticas em percentagens variaveis;
- fio 100% sintético;
- fio de algodão mercerizado.

Cor: Vermelho e preto.

Figura 5.1 - Representação de matérias-primas utilizadas na produção da “Camisola Poveira”.

6 IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO PRODUTO (FORMAS, DIMENSÕES, PADRÕES, CORES E DESENHOS PREDOMINANTES)

As formas e as cores do traje popular português ajustam-se, com uma evidência muito marcada, à localização geográfica. A orla marítima vestia-se de cores garridas, o que exprime sentimentos positivos de alegria, de prazer, de desejo de viver e do sentido da festa. Mesmo nos casos em que o homem usava castanho ou negro nas calças ou na capa, a cor era introduzida na camisa, na faixa ou na camisola de lã, como acontecia no pescador da Póvoa do Varzim (Lages*, et al,* 2008).

6.1 CAMISOLA POVEIRA – FORMA / ESTRUTURA, DIMENSÕES E CORES

Forma/Estrutura

A "Camisola Poveira" é uma camisola retangular de mangas compridas (Figura 6.1). A gola é em estilo "mandarim" e o decote é de abertura simples, o qual é fechado por um ou três cordões feitos com o mesmo material da camisola.

Figura 6.1 - Forma e estrutura da "Camisola Poveira".

Os motivos bordados na estrutura das camisolas, são fundamentalmente dispostos na parte frontal, assim como nas mangas e de forma residual também nas costas. A sua aplicação segue as regras descritas no capitulo 6.2.

Dimensões

Por ser uma peça de vestuário produzida manualmente, e portanto adaptando-se a sua dimensão ao corpo para quem é produzida, não se considera nenhuma dimensão como padrão. Esta variação de tamanho não implica obrigatóriamente qualquer alteração ou redimensionamento no tamanho dos motivos nela bordados. No antanto, os motivos bordados poderão ser redimensionados para ajustar ao tamanho da camisola e/ou espessura do fio.

Cores

No livro "O Poveiro", António dos Santos Graça descreve as cores que as crênas (pinturas dos barcos a breu), indicando que estas eram feitas em três cores, "Cor natural da resina um branco amarelado), vermelho e preto. Se o centro onde se pintavam os dizeres e as divisas, era branco; as bordas e a linha de água eram, regra geral, em preto. Mas as cores predominantes, talvez na proporção de noventa por cento, eram o centro vermelho e desenhos, letras e barras pretas" (Graça, 1982).

Apesar de não se conhecerem provas documentais escritas da razão das cores da "Camisola Poveira" serem inspiradas nas cores dos barcos, é evidente nesta descrição a relação entre umas e outras. O vermelho e o preto são também as cores predominantes em diversos bordados tradicionais da peninsula ibérica. Sendo, de facto, estas as cores predominantes que chegaram até aos nossos dias na "Camisola Poveira".

De forma residual, constata-se que a camisola terá sido produzida com cores mais escuras, como se pode verificar em fotografia datada de 1950 (Figura 6.2). As referências oralmente transmitidas, permitiram concluir que a camisola de cor azul com bordados a branco e vermelho e ainda a camisola de cor vermelha com bordados a preto e branco eram e ainda são as cores escuras usadas para produzir as camisolas. As cores mais escuras serão consideradas no capítulo "Condições de Inovação no Produto".

Assim, as cores permitidas para a "Camisola Poveira" e os seus bordados são as usadas tradicionalmente e com maior frequência: tom natural da lã na camisola e o vermelho e preto nos bordados

.

Figura 6.2 - Fotógrafo "à la minute" "O Barateiro" Camisola azul-escuro (1950).

6.2 CAMISOLA POVEIRA - MOTIVOS/ICONOGRAFIA

Nos motivos primitivos, século XVIII até início de século XIX, os bordados nesta camisola tinham toda a ingenuidade dos motivos populares comuns a outras regiões de Portugal, em particular os motivos minhotos. Alguns desses motivos eram, por exemplo, corações, grinaldas, aves, desenhos florais e escudos nacionais encimados com a coroa real. Numa fotografia do final do século XIX (Figura 3.6), pode ainda ver-se que a camisola apresentava bordado, na parte frontal, um nome, que se depreende seria o nome do seu proprietário, podendo assim concluir-se que esta seria já uma prática.

Madalena Brás Teixeira, indica no seu trabalho "O traje Regional português e o seu folclore" que "a maioria dos trajes segue um padrão setecentista. No caso da Póvoa de Varzim, estamos perante algumas especificidades de que a mais emblemática e significativa corresponde à introdução das "siglas" que constituem um glossário iconográfico. Com pequenos sinais identificadores de cada pescador e, frequentemente, de cada família, os poveiros desenham uns sinais gráficos com que também marcam a sua roupa, como se fora uma *griffe*. Nas suas famosas camisolas, as siglas são cotejadas com as âncoras e com todo o tipo de sinalética marítima, que vai dos diferenciados nós, às redes, aos remos cruzados, às flâmulas e aos próprios barcos" (Lages, *et al*, 2008).

Nas camisolas mais primitivas, os motivos bordados eram fundamentalmente dispostos na parte frontal, de meio para cima, e nas mangas. Nas costas, apenas eram aplicados os bordados associados aos "Castelinhos" e aos "Tremidinhos. O posicionamento dos motivos bordados na parte frontal das camisolas mais primitivas, seria justificado pelo facto dos homens as usarem por baixo de coletes e também devido ao uso de faixas a envolver a zona da cinta e baixo ventre, que tapariam a parte frontal inferior da camisola, ocultando os motivos bordados nessa zona.

Posteriormente, após a fundação do Rancho Poveiro esta forma de dispor os bordados continua a verificar-se. Terá sido já após a formação do Rancho Poveiro, em meados século XX, época a partir da qual se terá incrementado a produção de camisolas com objetivos comerciais, que a distribuição dos bordados terá passado a ocupar uma maior área da parte frontal da camisola. O aumento de produção destas camisolas, proporcionou a introdução de novos motivos, tais como: as siglas e os motivos marítimos, p.ex. âncora, barco, a roda do leme, os peixes, as conchas, entre outros.

Na "Camisola Poveira" os bordados decorativos costumam dispor um motivo central, lateralmente ao qual são colocados bordados simétricos ao longo da zona do tronco. As mangas também apresentam motivos bordados.
Os motivos mais frequentes são de temática marítima (ex. fauna do mar, barcos, instrumentos de pesca), siglas poveiras (identitárias de cada família), representações simbólicas portuguesas (ex. quinas, figuras características da implantação da República) e mesmo o registo do nome ou alcunha do portador (Figueiredo, 2010).

Os motivos inventariados no presente "Caderno de Especificações" são os que ainda se utilizam atualmente pelas pessoas que produzem esta camisola na Póvoa de Varzim e que foram recolhidos com base em fotografias antigas de camisolas, esquemas de desenhos usados por antigos produtores (Figura 6.3) e em outras fontes bibliográficas. O objetivo deste levantamento é dar a conhecer motivos que podem ser bordados, a forma de cada motivo e as suas regras de aplicação.

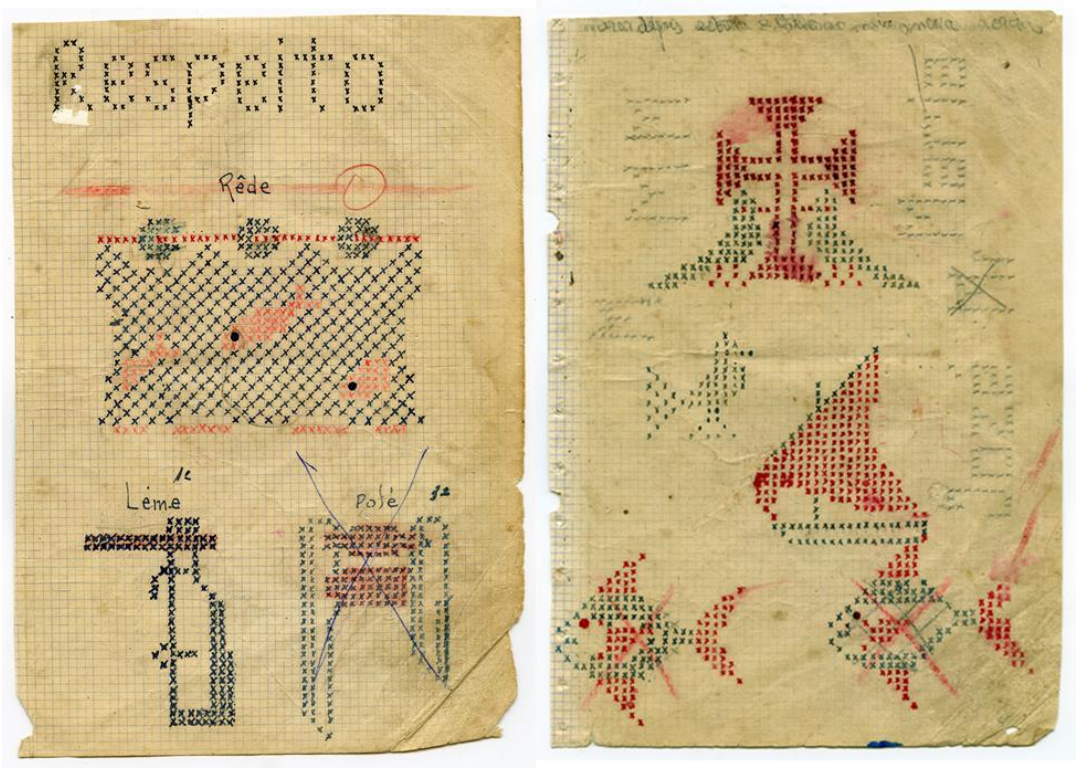

Figura 6.3 - Reprodução de folhas de caderno com esquemas de motivos para bordados desenhados à mão por João Cadilhe, 1954 (Coleção (MMEHPV)).

O facto do processo de certificação da "Camisola Poveira – Póvoa de Varzim" estabelecer os motivos que podem ser bordados, não impede que sejam efetuadas revisões posteriores de modo a avaliar a viabilidade e/ou necessidade de acrescentar novos motivos, isto de acordo com as regras estabelecidas nas condições de inovação, indicadas no presente caderno de especificações.

Os motivos a bordar a ponto de cruz na "Camisola Poveira", no contexto do processo de certificação da "Camisola Poveira – Póvoa de Varzim" como produção artesanal tradicional, são os que estão a seguir representados, descritos ou referenciados. Poderão ainda ser bordados motivos, de acordo com as regras do presente caderno de especificações, que não estejam representados no presente caderno de especificações, mas que estejam documentados em imagens/fotografias de camisolas, esquemas de representação de bordados ou mesmo em camisolas, cuja data seja anterior aos anos 70 do século XX. A sua organização é feita por temática e por zona de aplicação na camisola. Deverão ser aplicados de acordo com as regras definidas na figura 6.4 e as regras descritas para cada zona de aplicação. Os motivos bordados deverão ficar afastados uns dos outros no mínimo duas malhas de distância.

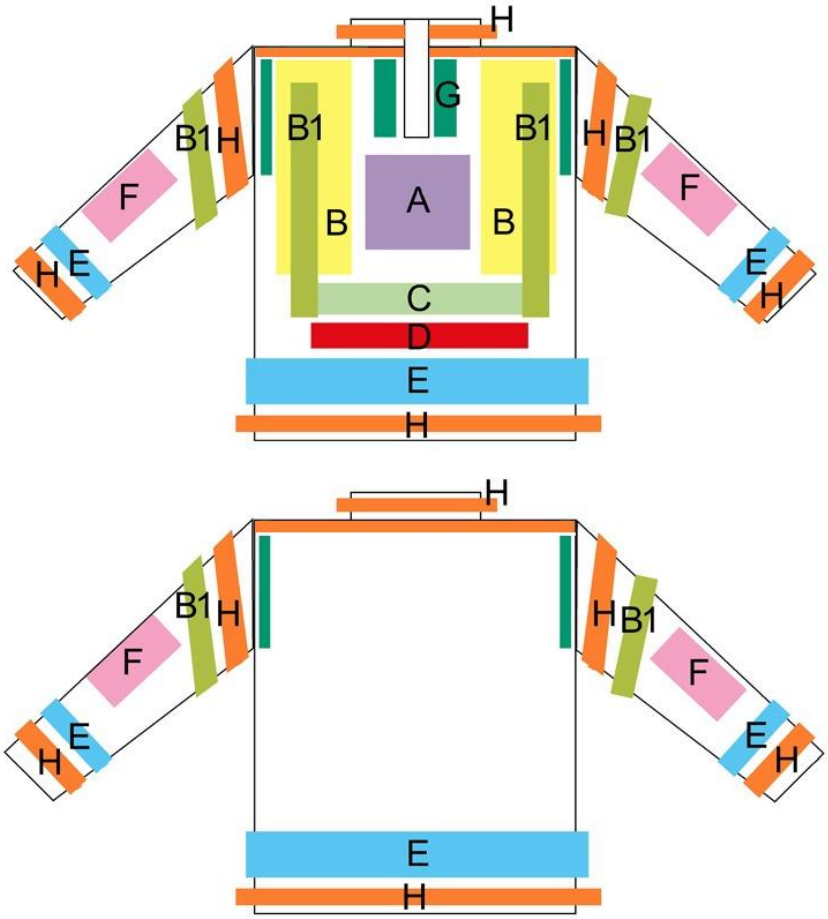

Figura 6.4 - Representação esquemáticas das zonas de aplicação dos bordados

Zona central (A):
Nesta zona central da camisola serão aplicados os motivos de maior dimensão (6.2.7 Motivos Centrais). Apenas poderá ser aplicado um único motivo. Este bordado central deve ser aplicado de modo a que o seu eixo de simetria alinhe com o eixo de simetria do decote.

Zonas laterais (B)
Em cada zona lateral poderão ser aplicados até um máximo de seis motivos, sendo que o máximo de seis motivos só poderá ser aplicado caso não seja aplicada a zona B1 na frente da camisola. As duas zonas, esquerda e direita, deverão ser simétricas, exceto no caso de algumas "siglas" cuja estrutura e consequentemente o seu significado fique alterado quando em simetria. Nestas zonas poderão ser aplicados todos os motivos, exceto os da temática "Barras" (6.2.6) e os aplicados na "Zona Central" (6.2.7).

Zona Barras (B1)
Em cada destas zonas poderão ou não, ser aplicadas "Barras" verticalmente (6.2.6). As duas zonas, esquerda e direita, deverão ser simétricas.

Zona inferior (C)
Esta zona é de aplicação facultativa e nela poderão ser aplicados nomes utilizando exclusivamente os tipos de letras descritos em (6.2.3), ou motivos definidos para as Zonas Laterais (B).

Zona inferior (D)
Esta zona é de aplicação facultativa e nela poderão ser aplicadas "Siglas Poveiras" ou quaisqueres motivos mais pequenos descritos no presente caderno de especificações.

Zona Barras (E)
As Barras a aplicar nos punhos e no cós deverão ser bordadas em volta de toda a camisola, frente e costas. A aplicação das "Barras" no cós da camisola é opcional.

Zona Mangas (F)
Nestas zonas os motivos deverão ser aplicados a meio da manga e na sua zona exterior. Aqui aplicam-se os motivos da zona central (A), que poderão coincidir ou não com o escolhido para essa zona em cada camisola. Em cada camisola os motivos usados nas duas mangas deverão ser iguais.

Zona Tremidinhos (G)
Nestas zonas são apenas aplicados bordados simples devendo estes apresentar sempre alternância de cores entre colunas de tremidinhos, de acordo com o esquematizado em (6.2.8).

Zona Castelinhos (H)
Nestas zonas são apenas aplicados bordados simples no espaço entre bicos dos castelinhos, devendo estes apresentar sempre alternância de cores entre castelinhos, de acordo com o esquematizado em (6.2.9).

As regras de aplicação dos motivos permitem liberdade criativa na montagem dos esquemas de aplicação dos bordados. Na figura 6.5 está representado um exemplo de esquema de aplicação dos bordados. Nas imagens de camisolas (Figura 6.6), é possível ver diferentes esquemas de aplicação já bordados, permitindo mais facilmente percecionar o resultado final dos diferentes motivos que são apresentados esquematicamente nos subcapítulos seguintes.

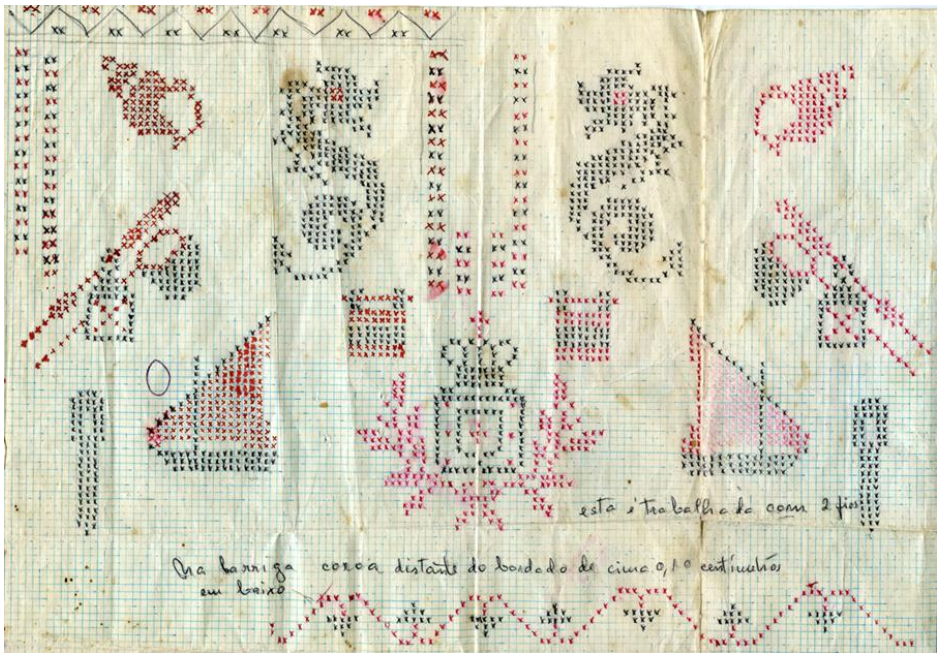

Figura 6.5 – Reprodução de esquema com montagem de aplicação dos bordados para uma camisola, desenhados à mão por João Cadilhe, 1954 (Coleção (MMEHPV)).

Figura 6.6 - Camisolas Poveiras com diferentes esquemas de aplicação dos motivos bordados (Coleção do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim (MMEHPV)).

6.2.1 MOTIVOS FAUNA MARÍTIMA

Estes motivos pretendem representar a fauna marítima, intimamente ligada à vida da comunidade piscatória e da comunidade poveira no geral. Estes motivos poderão ser aplicados nas zonas de aplicação A (Figura 6.4) (apenas de acordo com o especificado em 6.2.7), B, C, D, E e F (Figura 6.4) e poderão ser bordados de acordo com os esquemas abaixo representados nas figuras 6.7 e 6.8.

Figura 6.7 - Representação esquemática de motivos fauna marítima (parte 1).

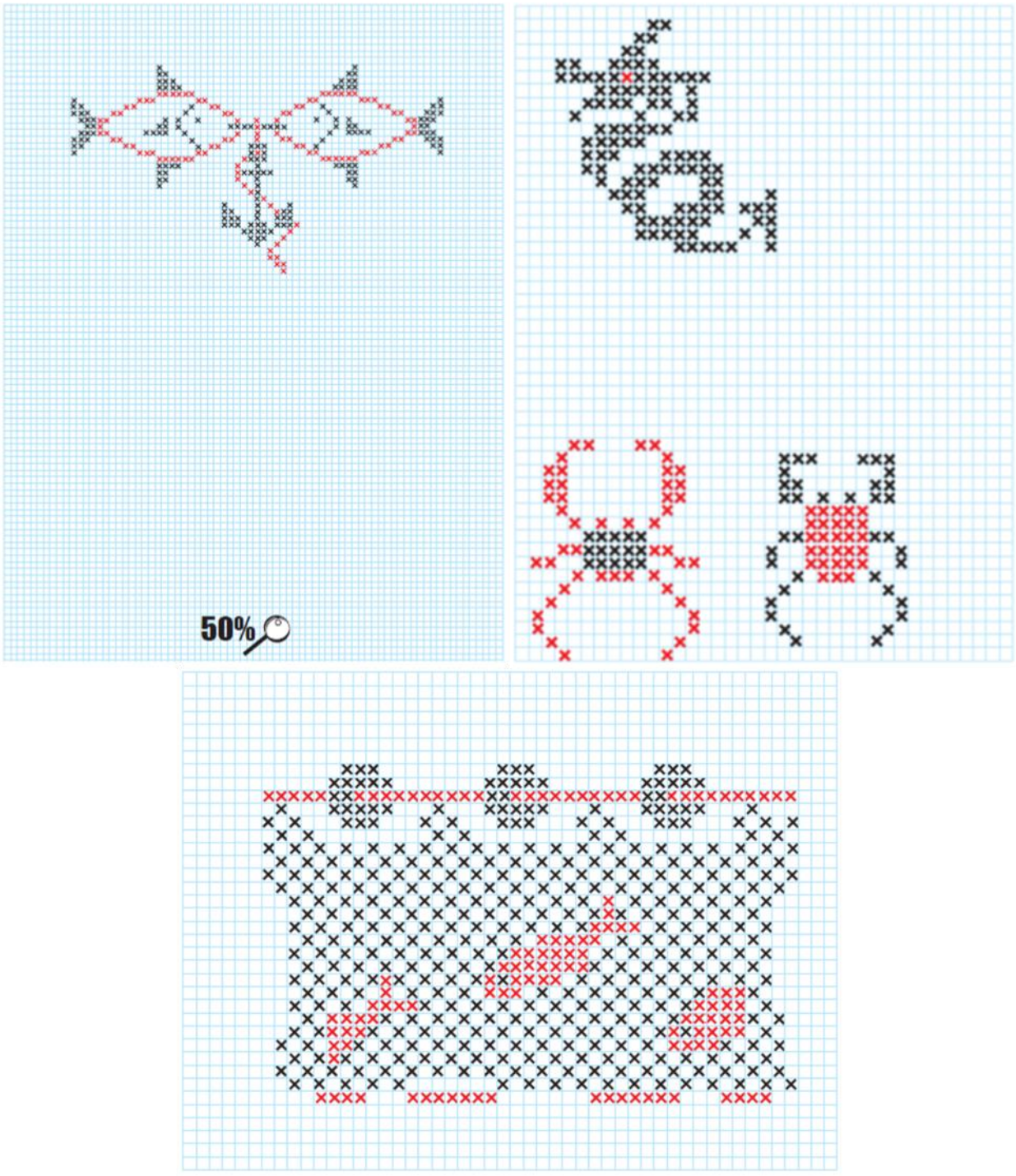

Figura 6.8 - Representação esquemática de motivos fauna marítima (parte 2).

6.2.2 MOTIVOS BARCOS E APETRECHOS MARÍTIMOS

Estes motivos pretendem representar barcos e apetrechos usados na faina marítima, intimamente ligados à vida da comunidade piscatória e da comunidade poveira no geral. Estes motivos poderão ser aplicados nas zonas de aplicação A (Figura 6.4) (apenas de acordo com o especificado em 6.2.7), B, C, D, E e F (Figura 6.4) e poderão ser bordados de acordo com os esquemas abaixo representados nas figuras 6.9, 6.10 e 6.11.

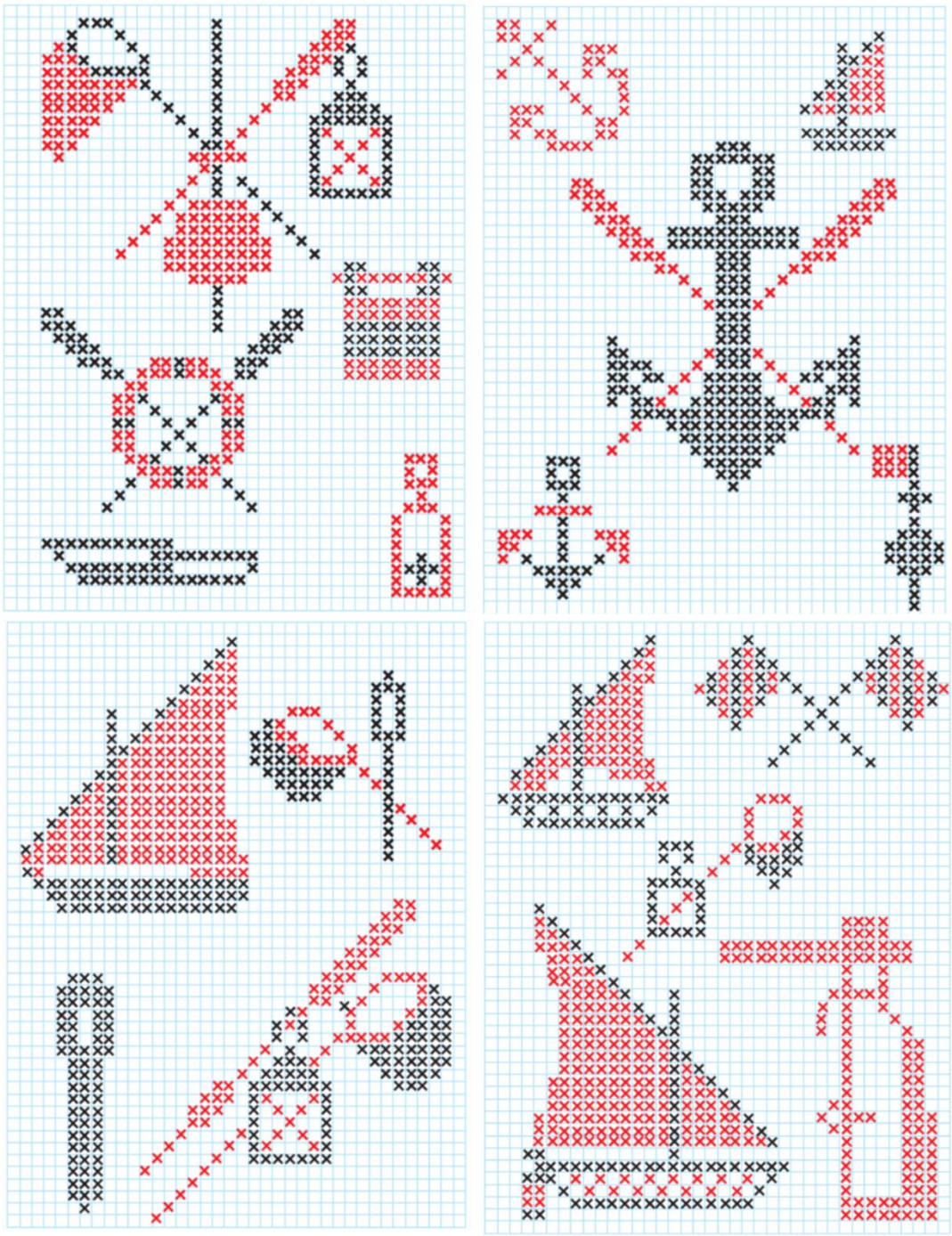

Figura 6.9 - Representação esquemática de motivos barcos e apetrechos marítimos (parte 1).

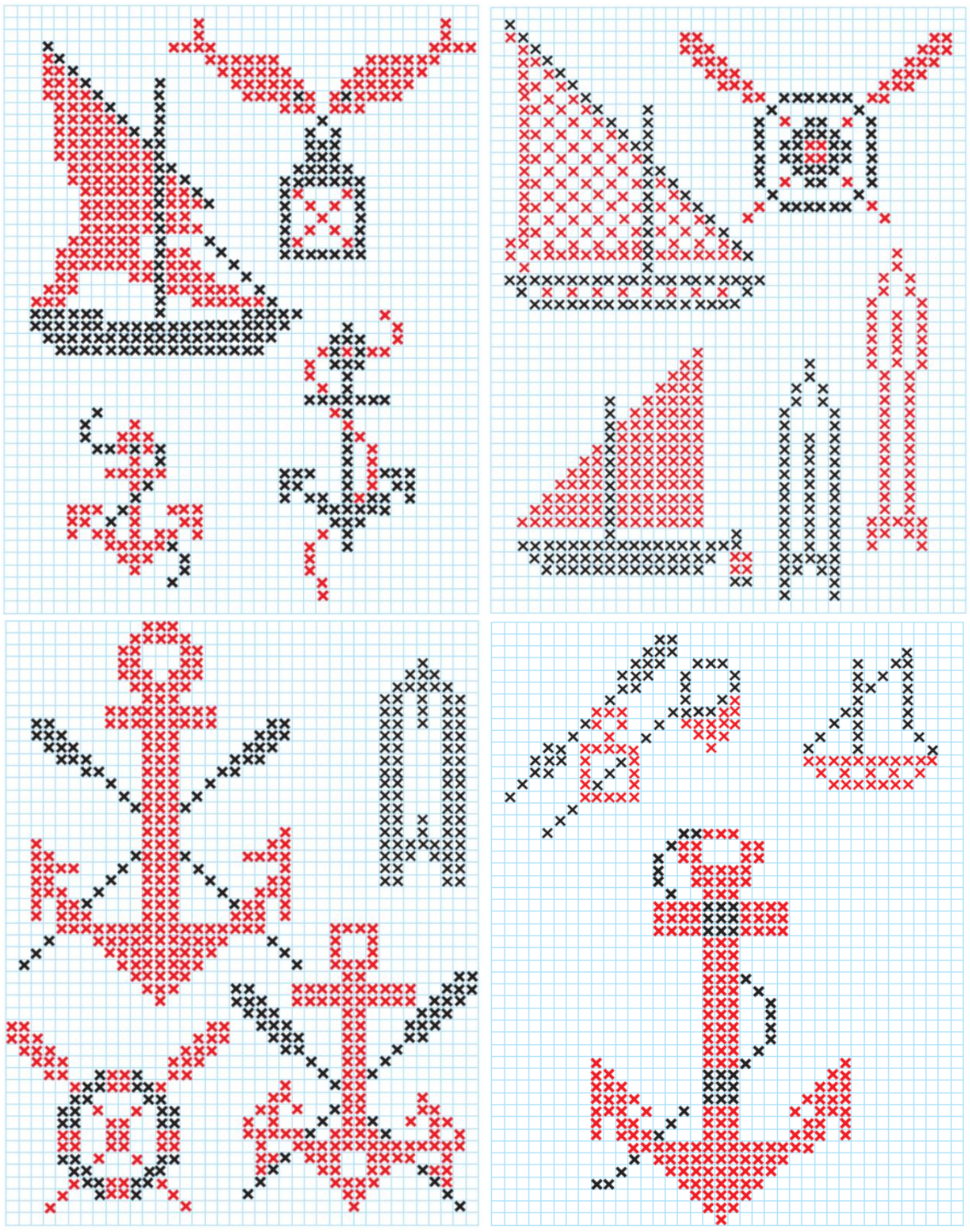

Figura 6.10 - Representação esquemática de motivos barcos e apetrechos marítimos (parte 2).

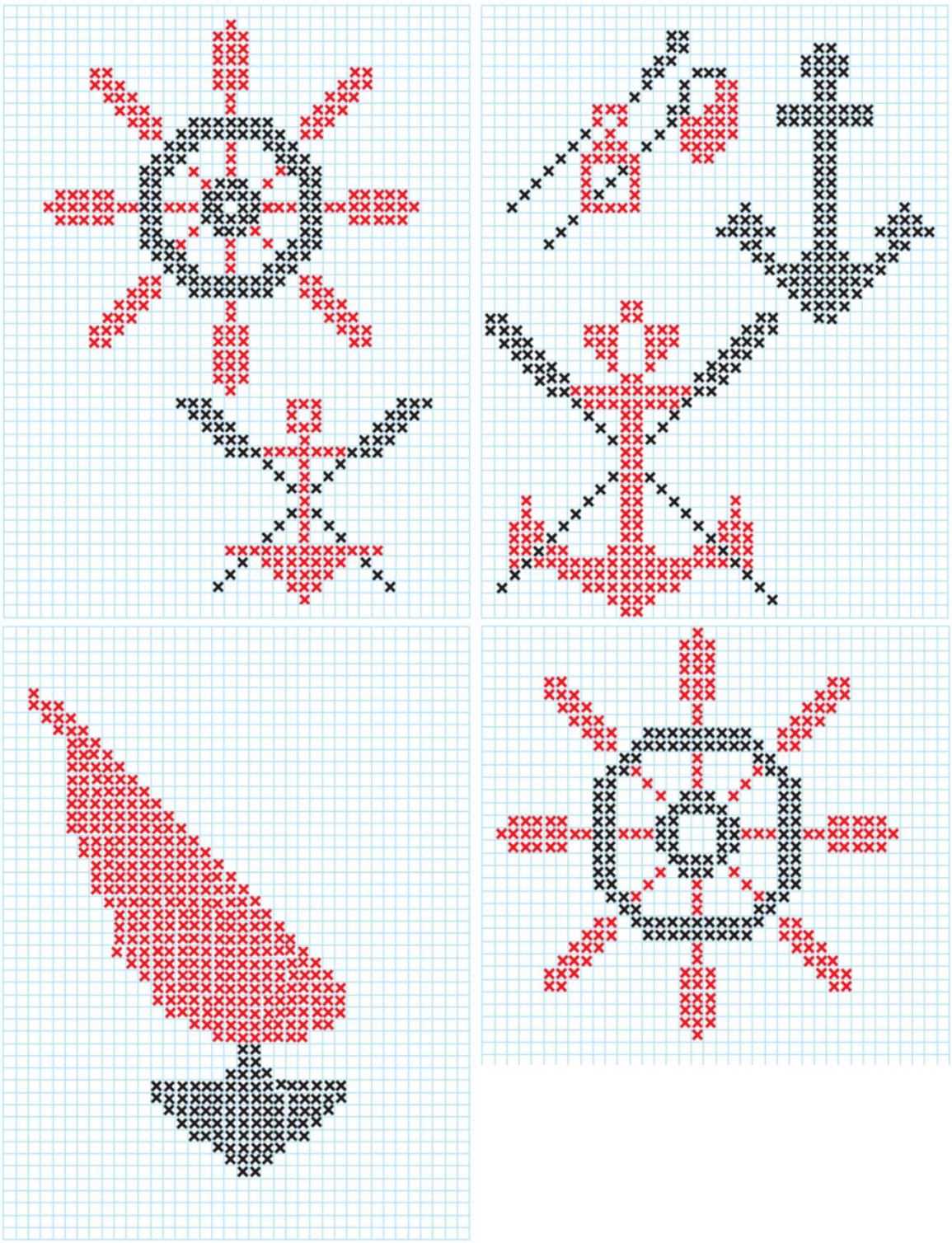

Figura 6.11 - Representação esquemática de motivos barcos e apetrechos marítimos (parte 3).

6.2.3 MOTIVOS NOMES

Os nomes a bordar nas camisolas poderão ser bordados a uma só cor, a preto ou a vermelho (Figura 6.12), ou a duas cores, a vermelho e preto (Figura 6.13) e aplicados exclusivamente na zona de aplicação C (Figura 6.4). Estes deverão ser escritos utilizando o tipo de letra que aparece representado na esmagadora maioria das camisolas estudadas para a elaboração do presente trabalho (Figura 3.10). Este tipo de letra é representado esquematicamente nas Figuras 6.12 e 6.13.

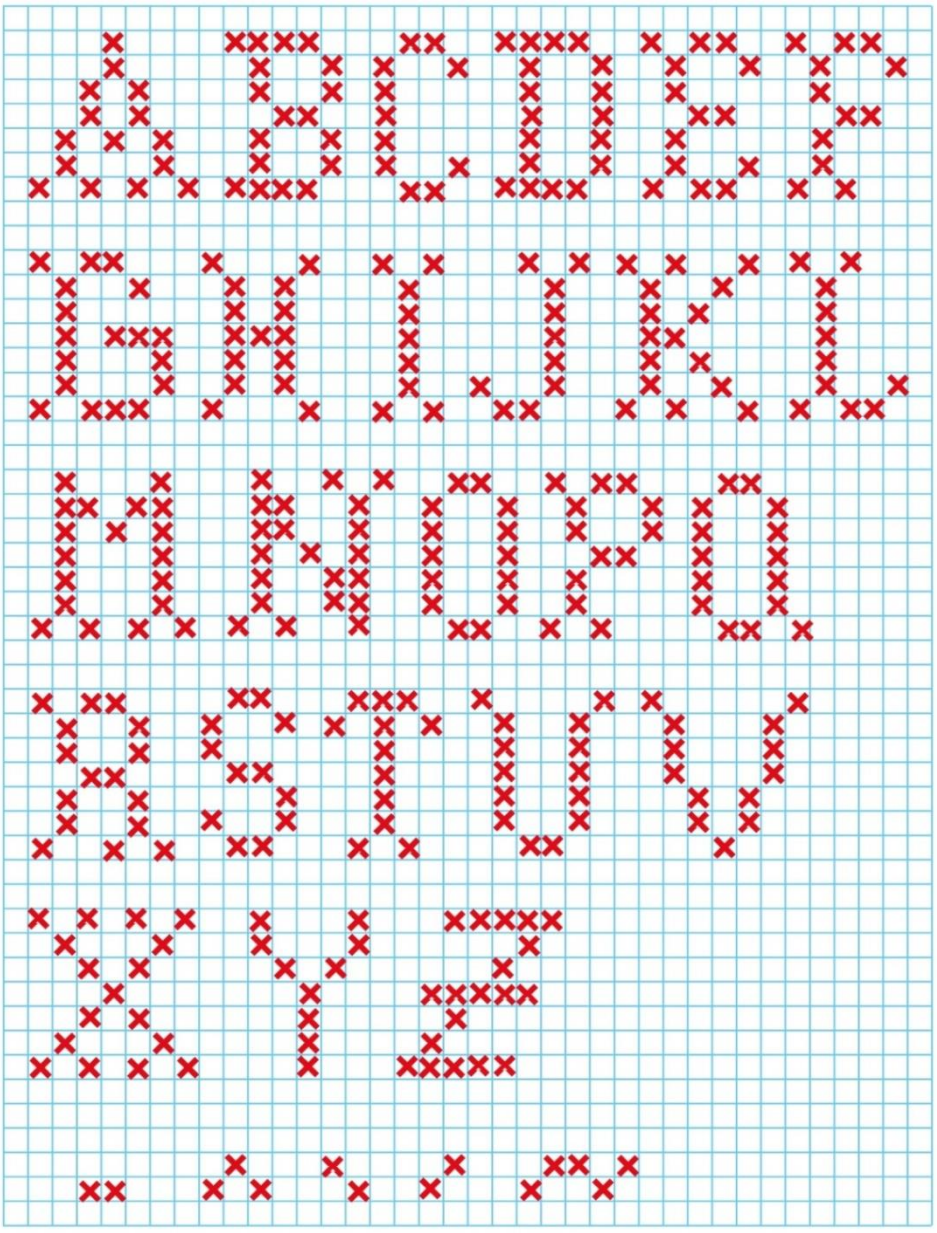

Figura 6.12 - Representação esquemática de motivos nomes a uma só cor.

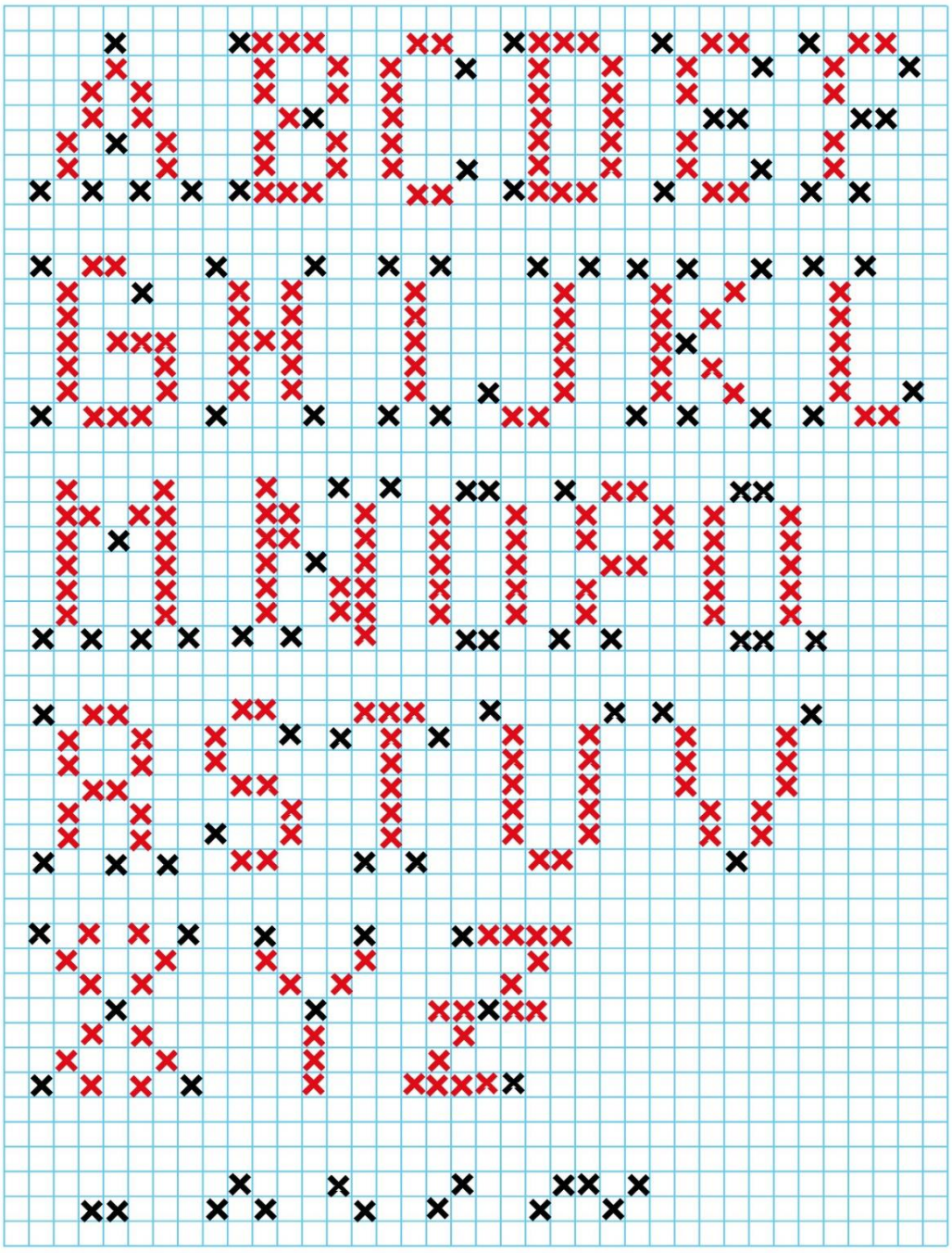

Figura 6.13 - Representação esquemática de motivos nomes a duas cores.

6.2.4 MOTIVOS SIGLAS

Estes motivos representam as “Siglas Poveiras”, intimamente ligados à vida da comunidade piscatória e da comunidade poveira no geral. Estes motivos deverão ser aplicados nas zonas de aplicação D (Figura 6.4) e deverão ser bordados de acordo com os esquemas abaixo representados nas figuras 6.14 a 6.18. As cores de cada um destes motivos pode variar entre exclusivamente vermelho, exclusivamente preto ou apresentar estas duas cores no mesmo motivo. Para além das siglas abaixo representadas, poderão ser bordadas todas as siglas (seguindo as regras do presente caderno de especificações) que se encontram descritas no livro “O Poveiro”, publicado em 1932 (1ª edição), de António dos Santos Graça.

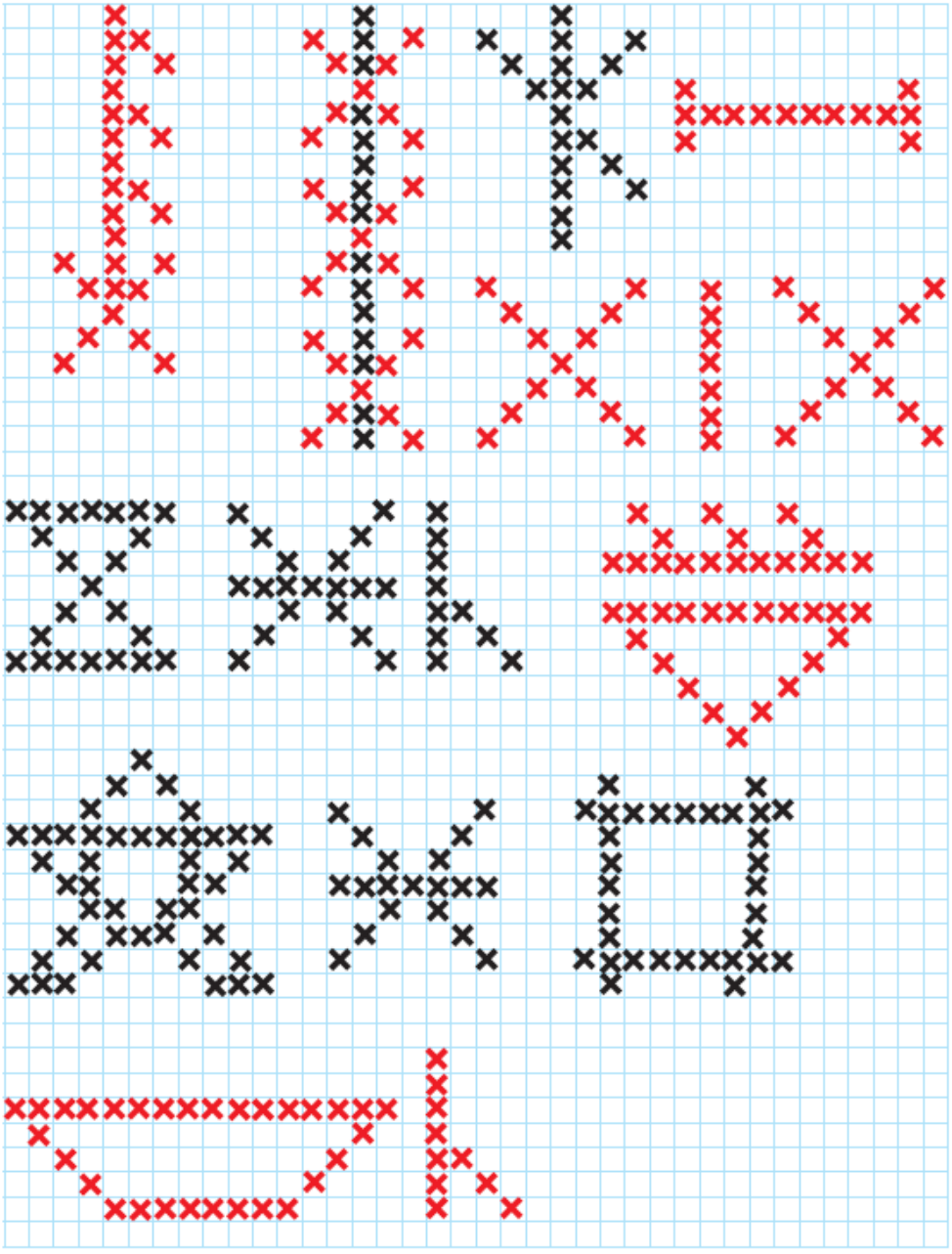

Figura 6.14 - Representação esquemática de motivos siglas (Parte 1).

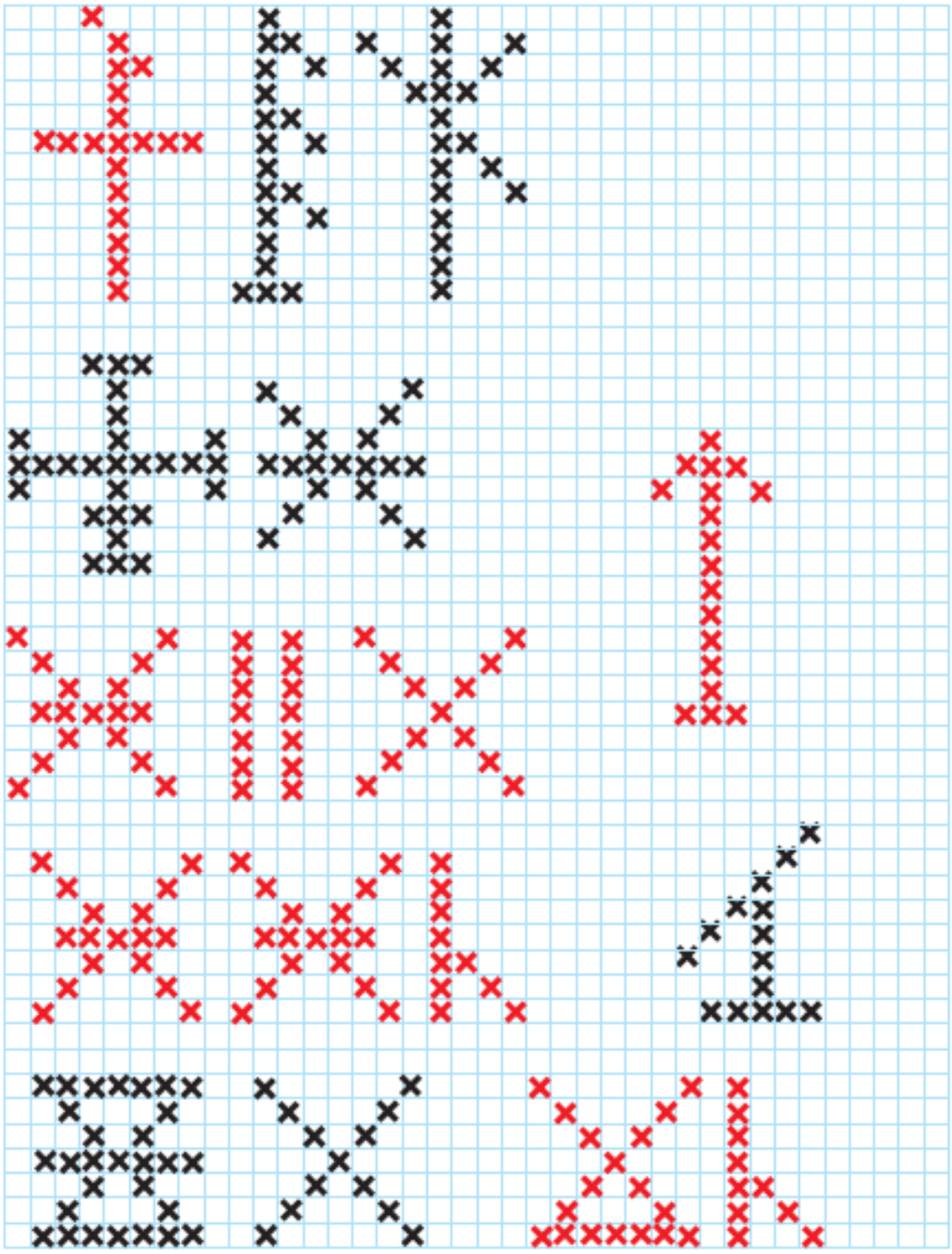

Figura 6.15 - Representação esquemática de motivos siglas (Parte 2).

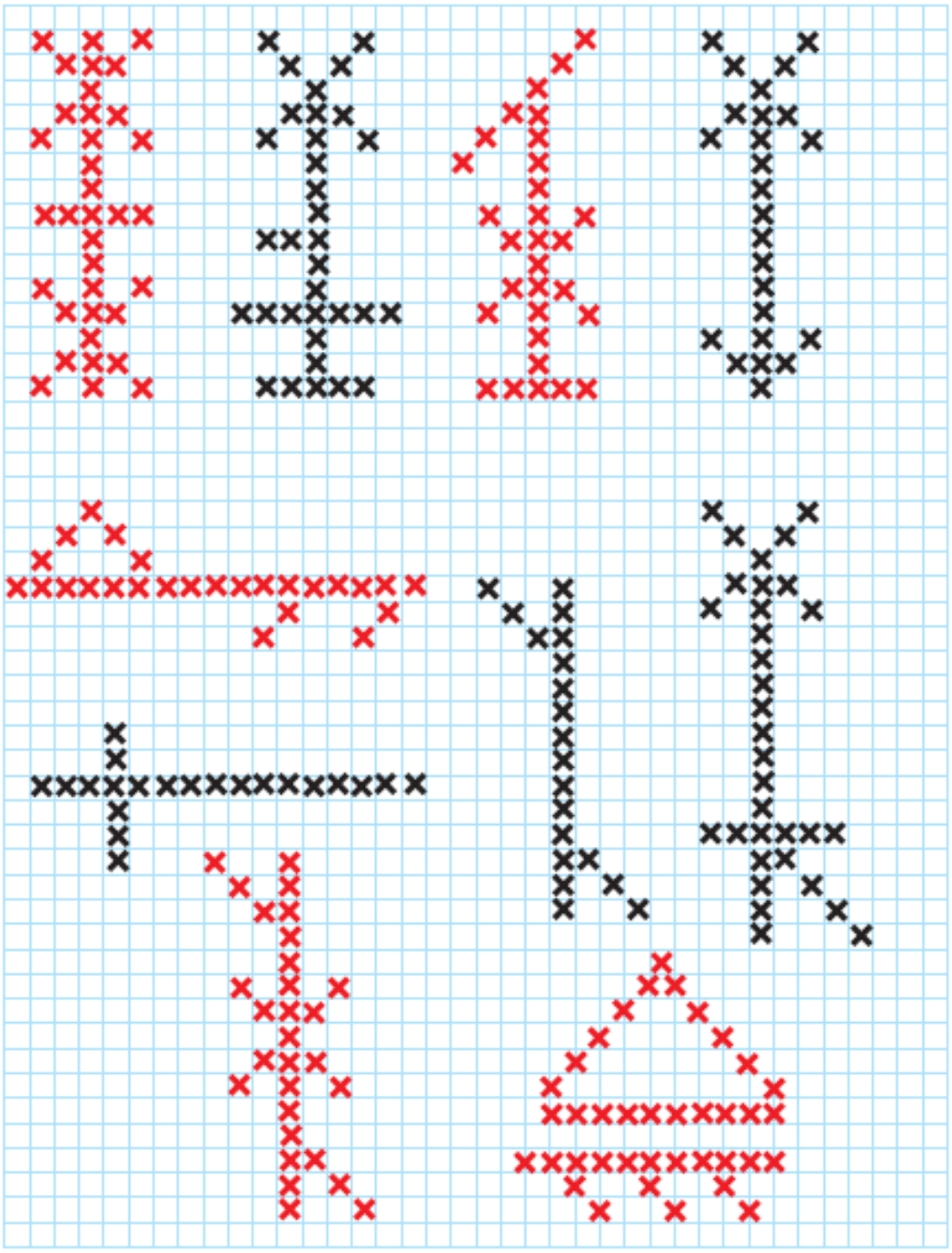

Figura 6.16 - Representação esquemática de motivos siglas (Parte 3).

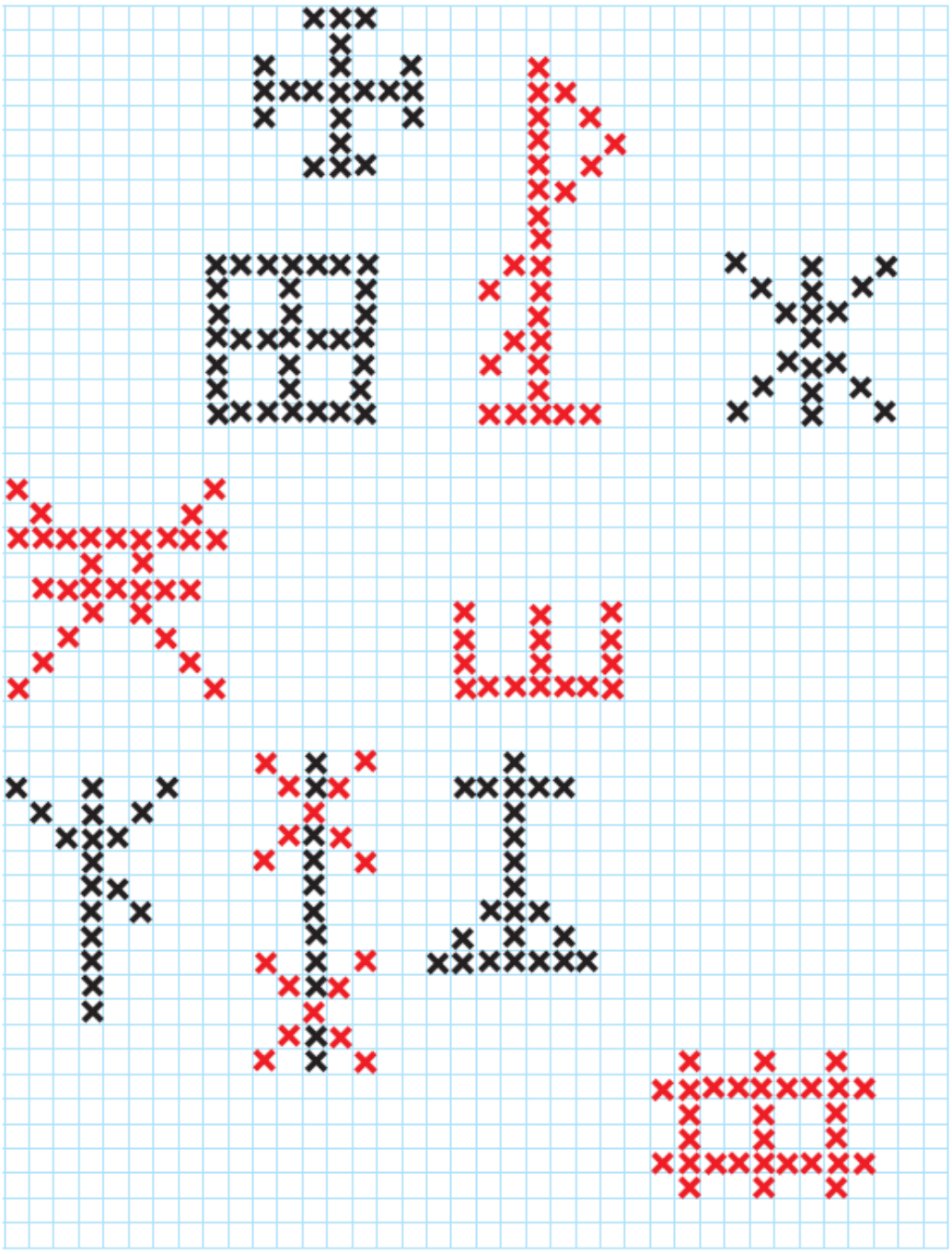

Figura 6.17 - Representação esquemática de motivos siglas (Parte 4).

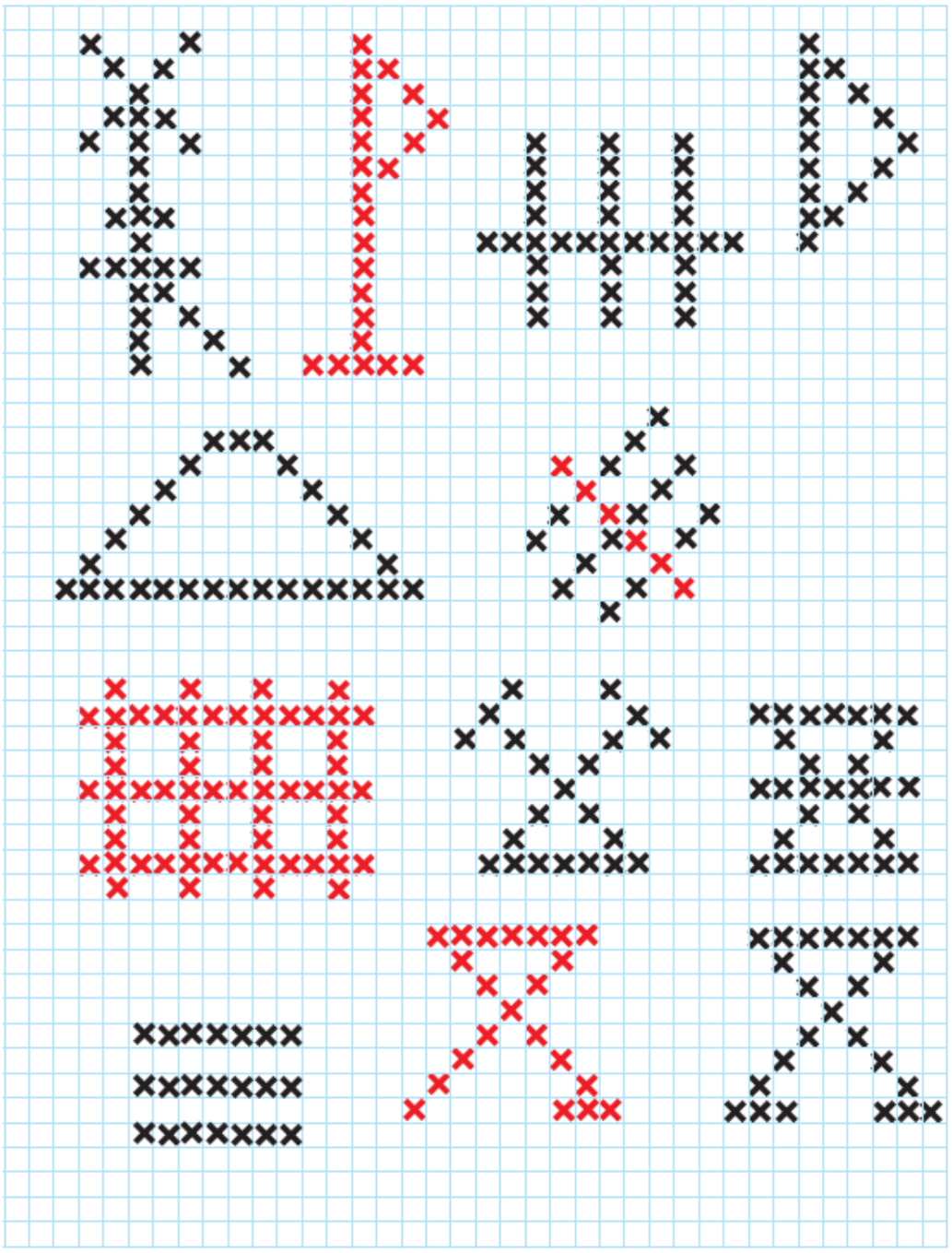

Figura 6.18 - Representação esquemática de motivos siglas (Parte 5).

6.2.5 MOTIVOS FLORAIS, ANIMALISTAS, BRASÕES E COROAS

Entre o século XVIII até início de século XIX, estes foram os motivos primitivos da "Camisola Poveira", e representam os motivos populares comuns a outras regiões de Portugal, em particular os minhotos. Estes motivos poderão ser aplicados nas zonas de aplicação A (apenas de acordo com o especificado em 6.2.7), B, C, D e F (Figura 6.4) e poderão ser bordados de acordo com os esquemas abaixo representados nas figuras 6.19 a 6.22. Em 6.21 os três motivos apresentados na zona inferior estão orientados em posição lateral, no entanto só deverão ser bordados orientados em posição vertical tal como representado em 6.2.7 (Motivos Centrais).

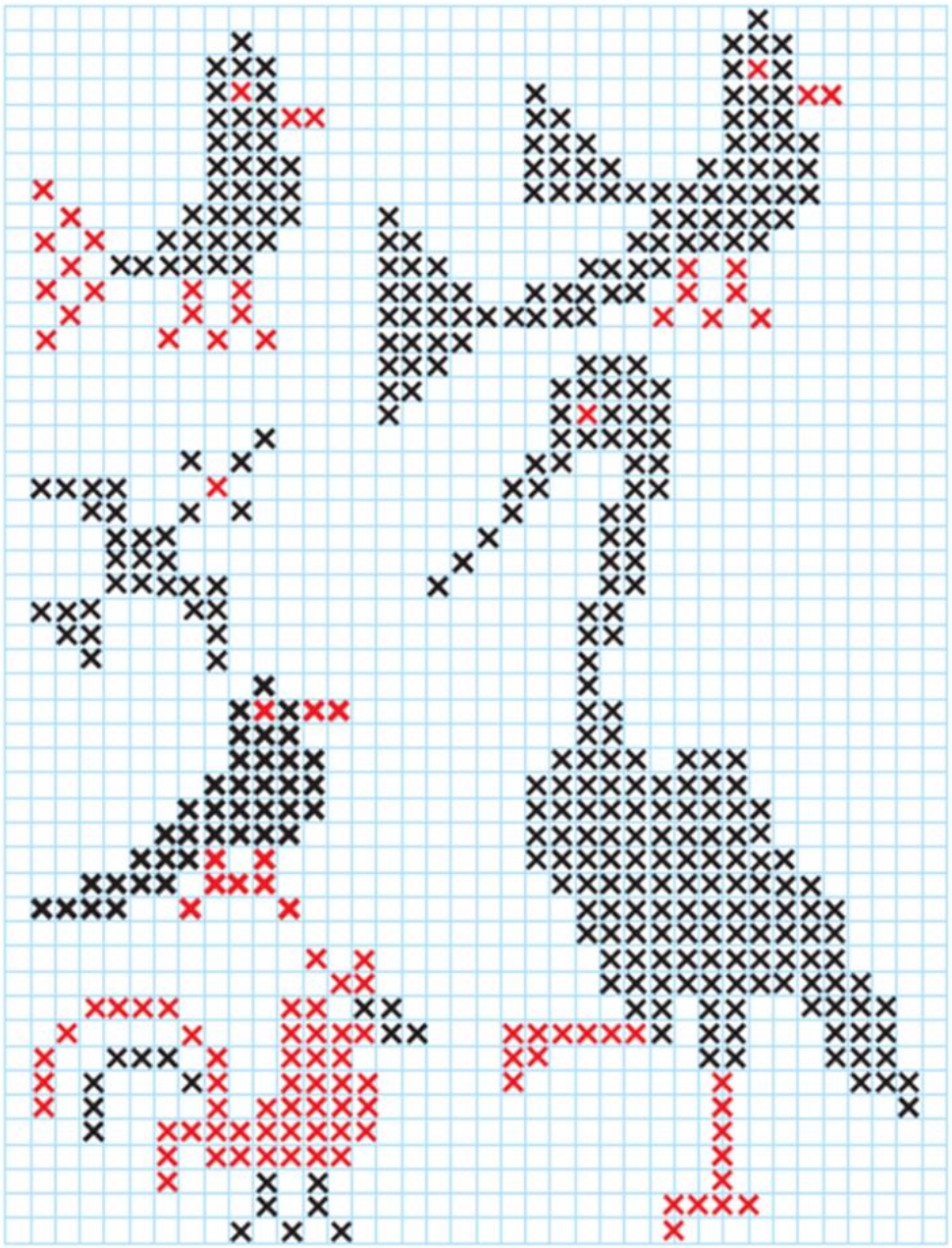

Figura 6.19 - Representação esquemática de motivos florais, animalistas, brasões e coroas (parte 1).

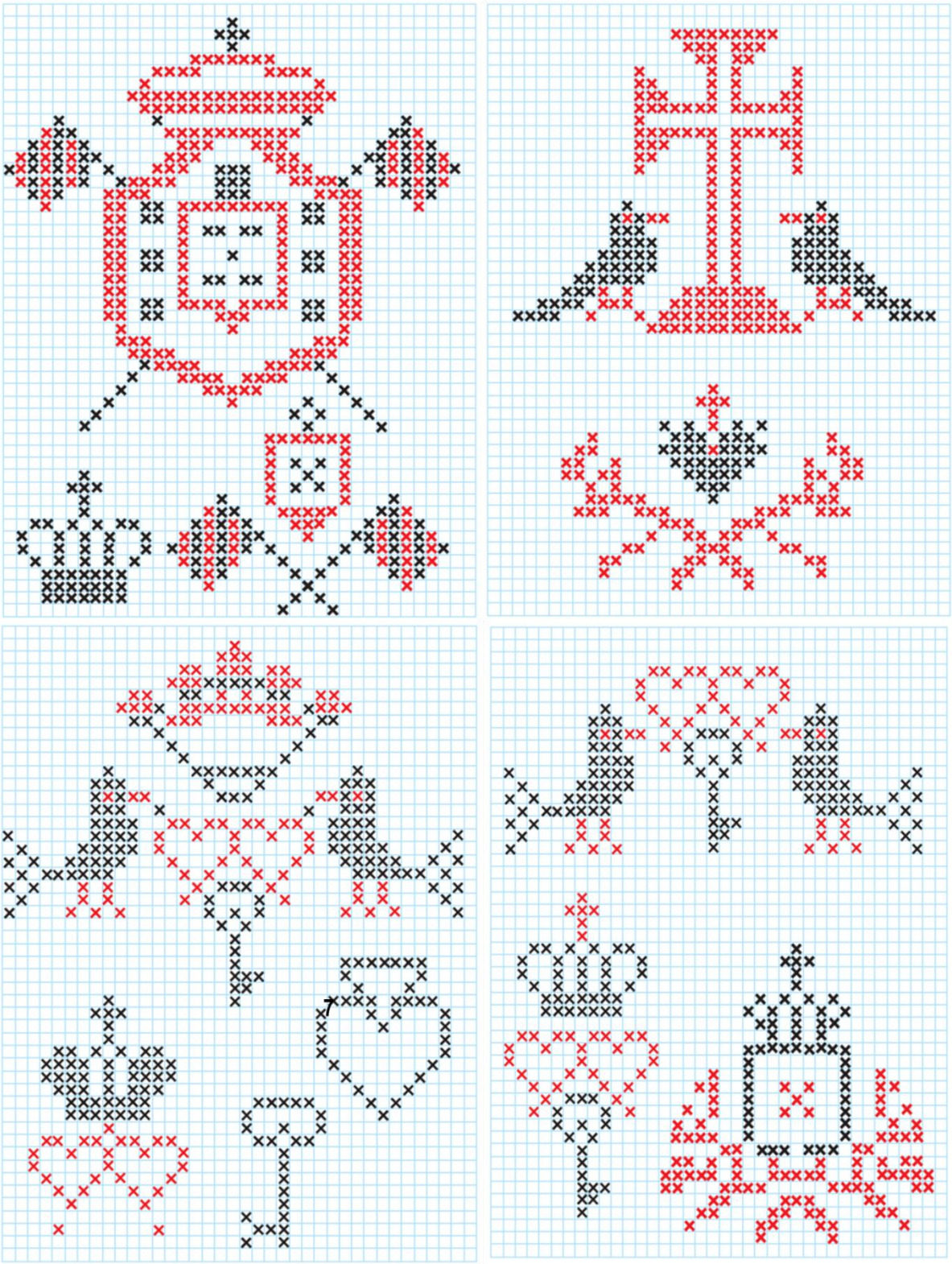

Figura 6.20 - Representação esquemática de motivos florais, animalistas, brasões e coroas (parte 2).

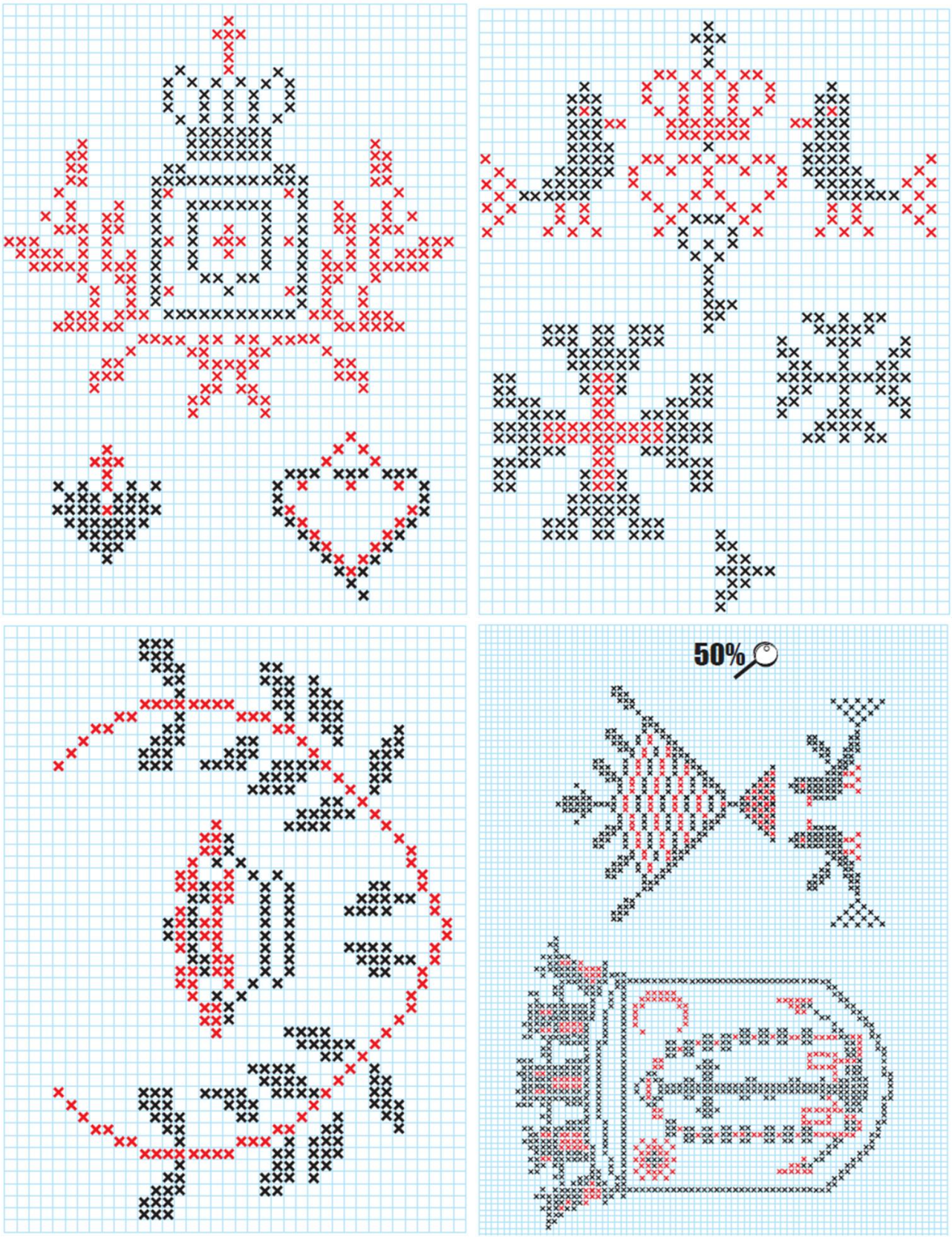

Figura 6.21 - Representação esquemática de motivos florais, animalistas, brasões e coroas (parte 3).

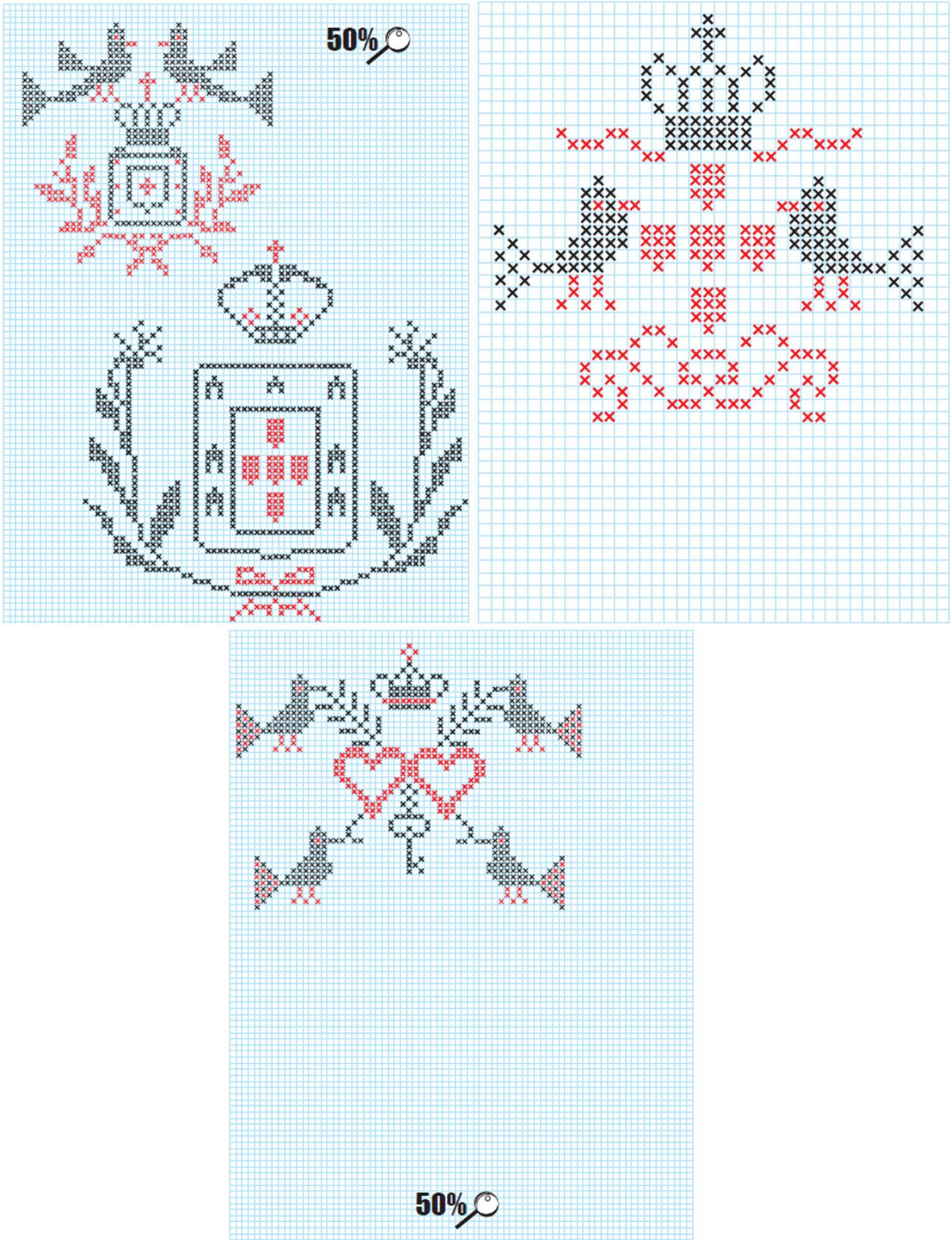

Figura 6.22 - Representação esquemática de motivos florais, animalistas, brasões e coroas (parte 4).

6.2.6 MOTIVOS BARRAS

Estes motivos poderão ser aplicados nas zonas de aplicação B1 e E (Figura 6.4) e poderão ser bordados de acordo com os esquemas abaixo representados nas figuras 6.23 a 6.25.

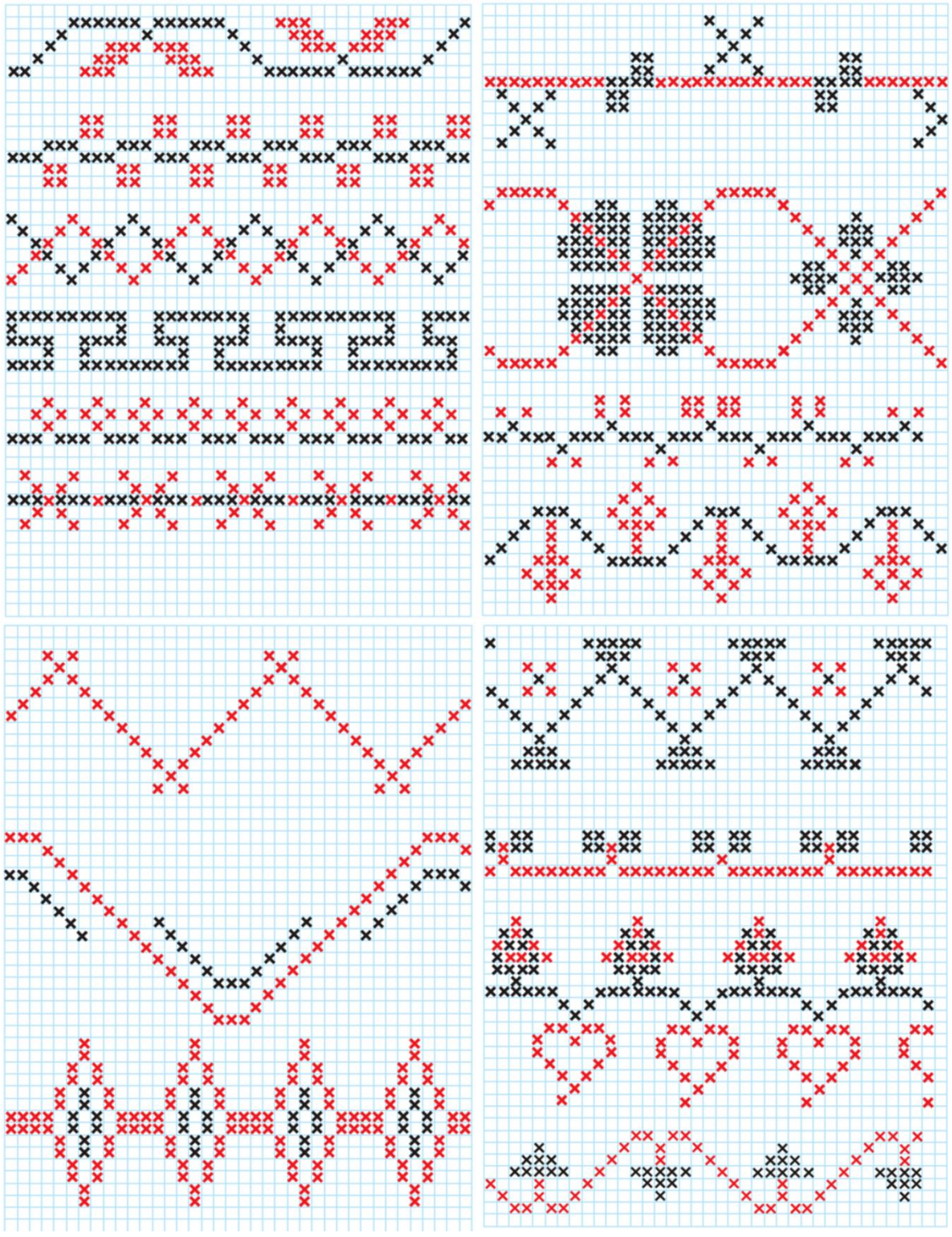

Figura 6.23 - Representação esquemática de motivos Barras (parte 1).

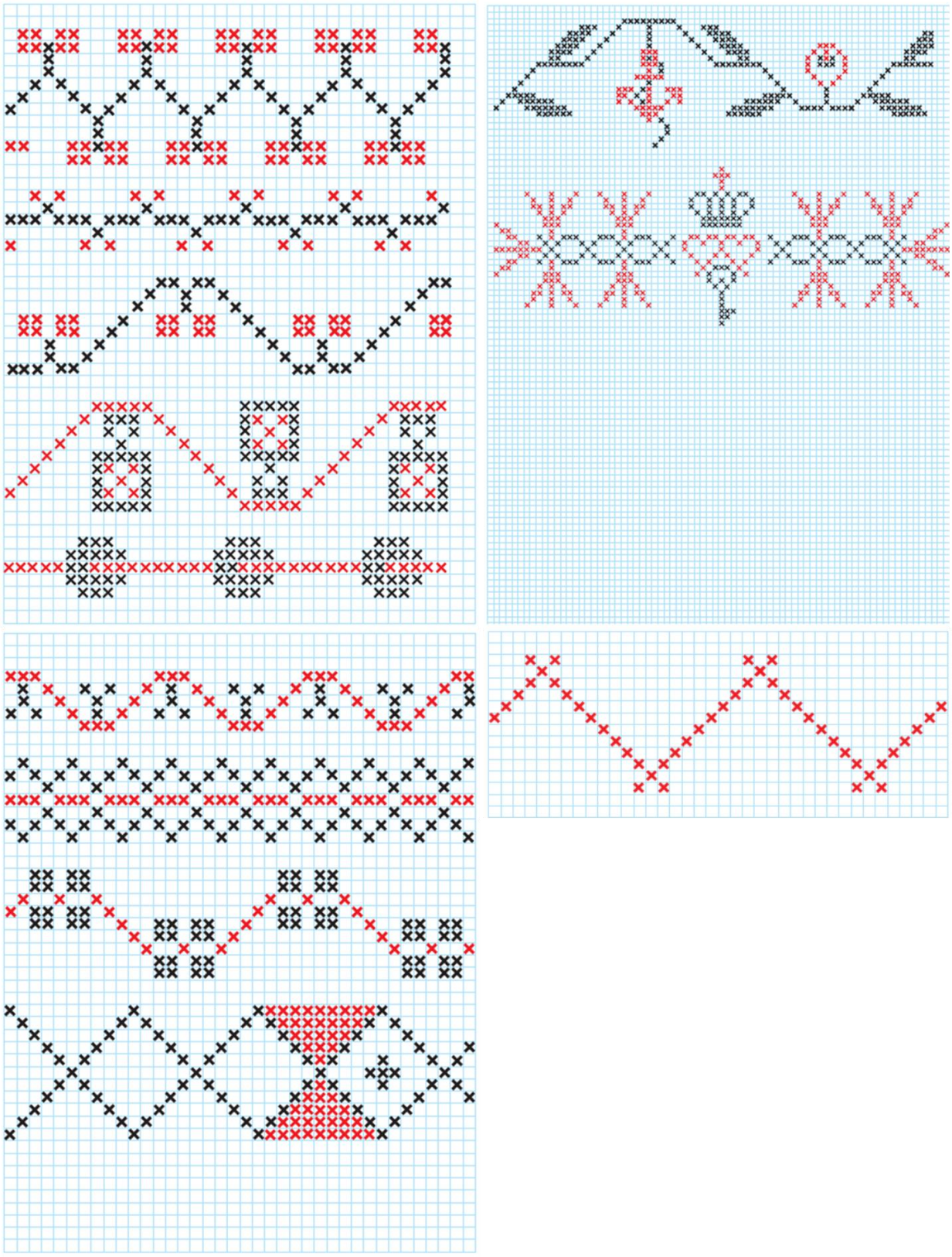

Figura 6.24 - Representação esquemática de motivos Barras (parte 2).

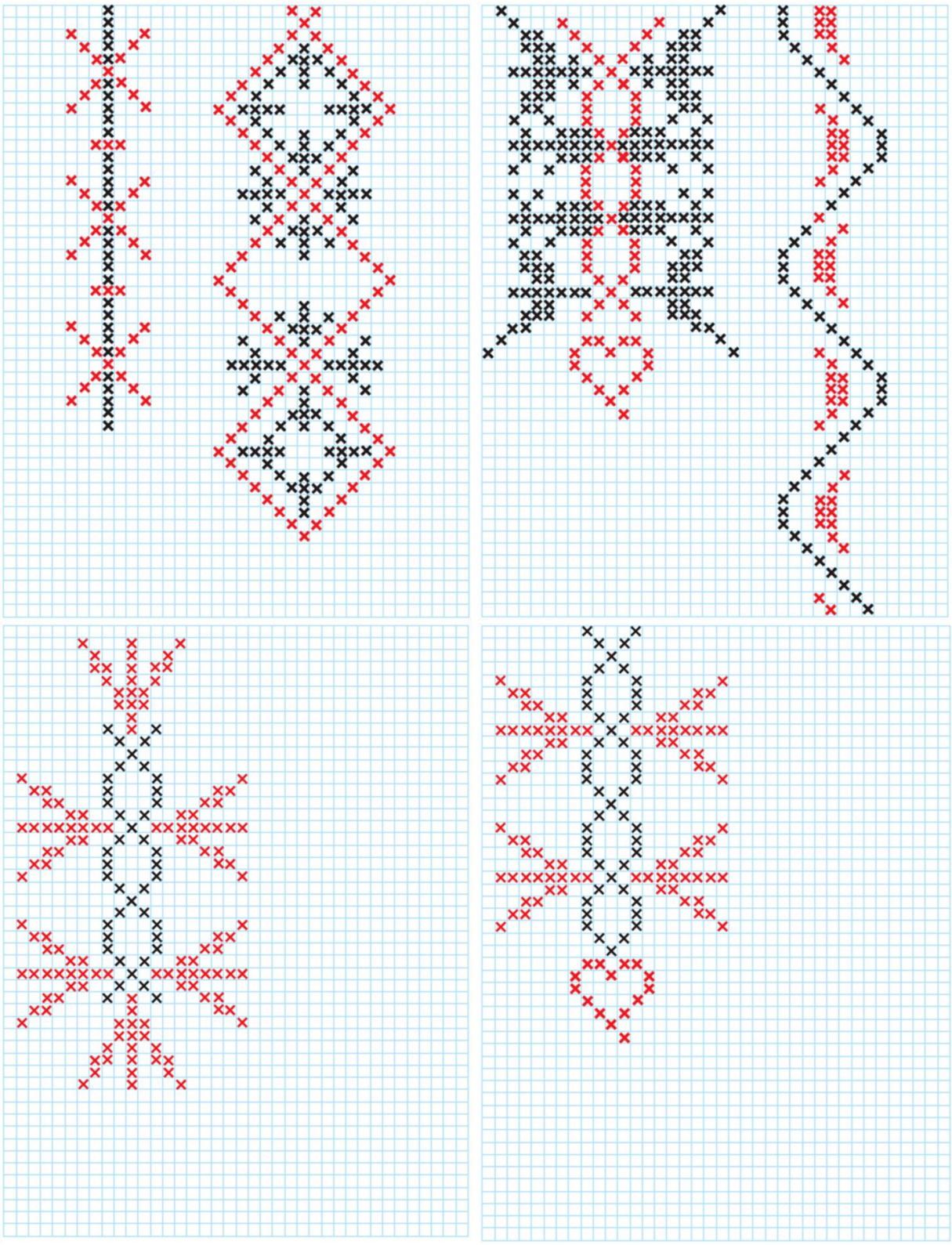

Figura 6.25 - Representação esquemática de motivos Barras (parte 3).

6.2.7 MOTIVOS CENTRAIS

Estes motivos poderão ser aplicados na zona A e F (Figura 6.4) e bordados de acordo com os esquemas abaixo representados nas figuras 6.26 a 6.39. Em 6.27, 6.35, 6.37 e 6.38 os motivos "Ancoras" estão orientados em posição lateral, no entanto só deverão ser bordados orientados em posição vertical, tal como em 6.28.

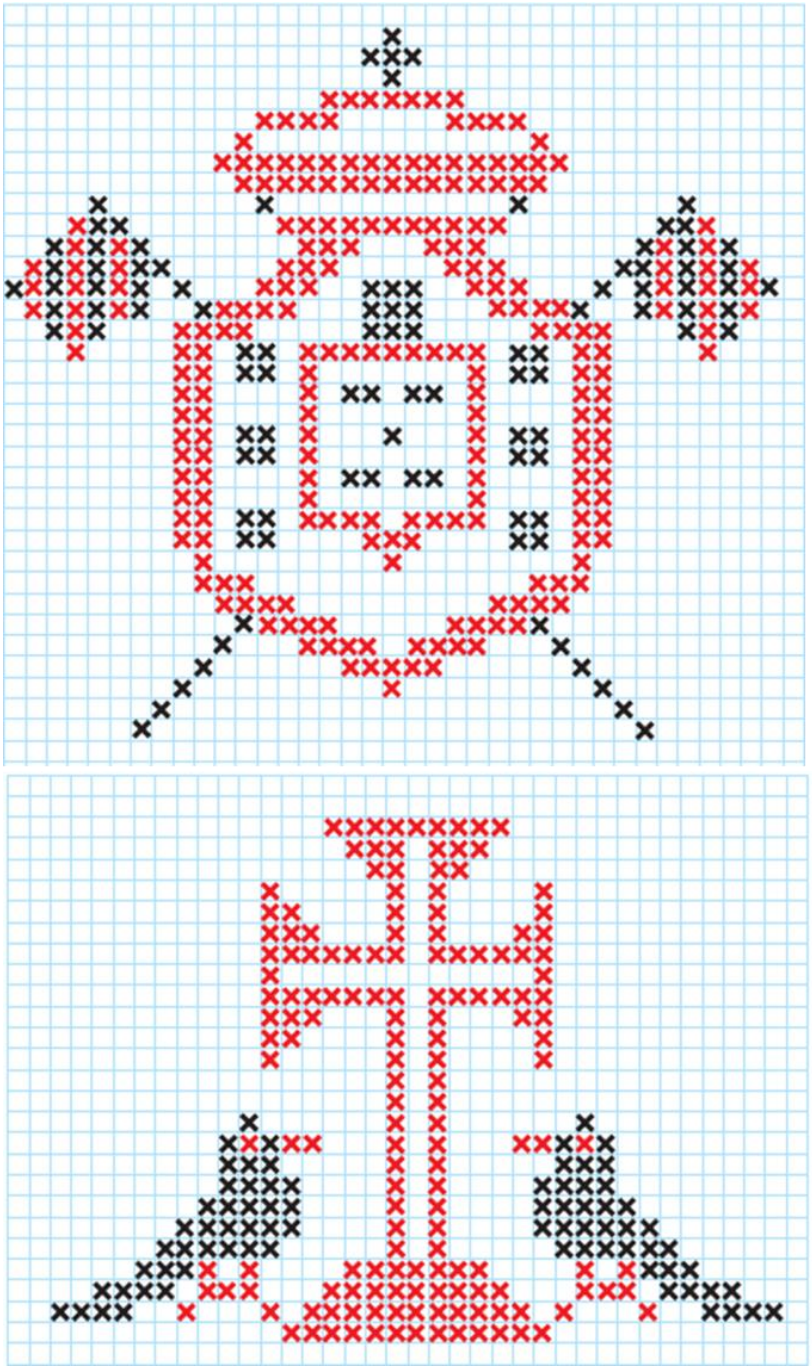

Figura 6.26 – Representação esquemática de motivos Centrais (parte 1).

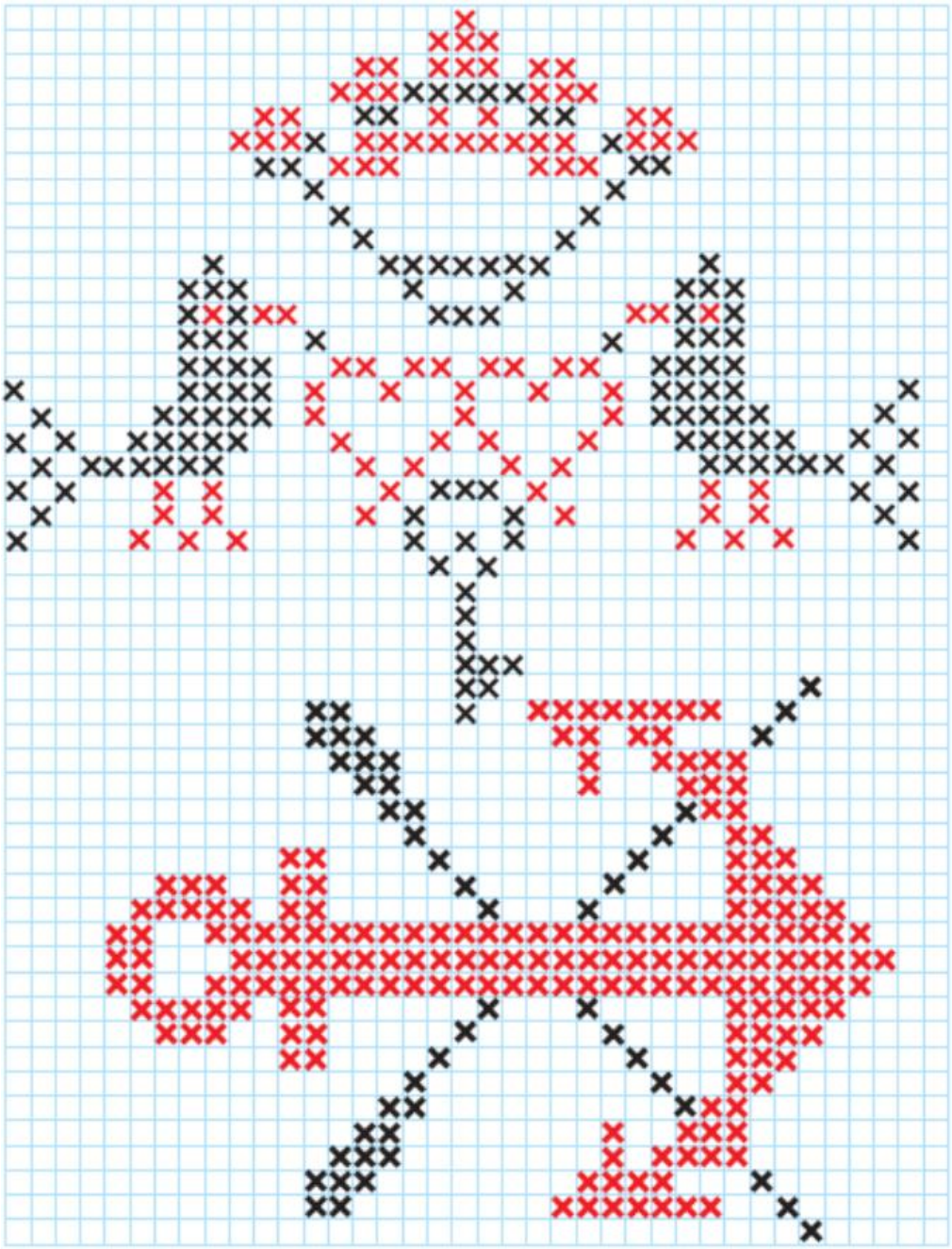

Figura 6.27 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 2).

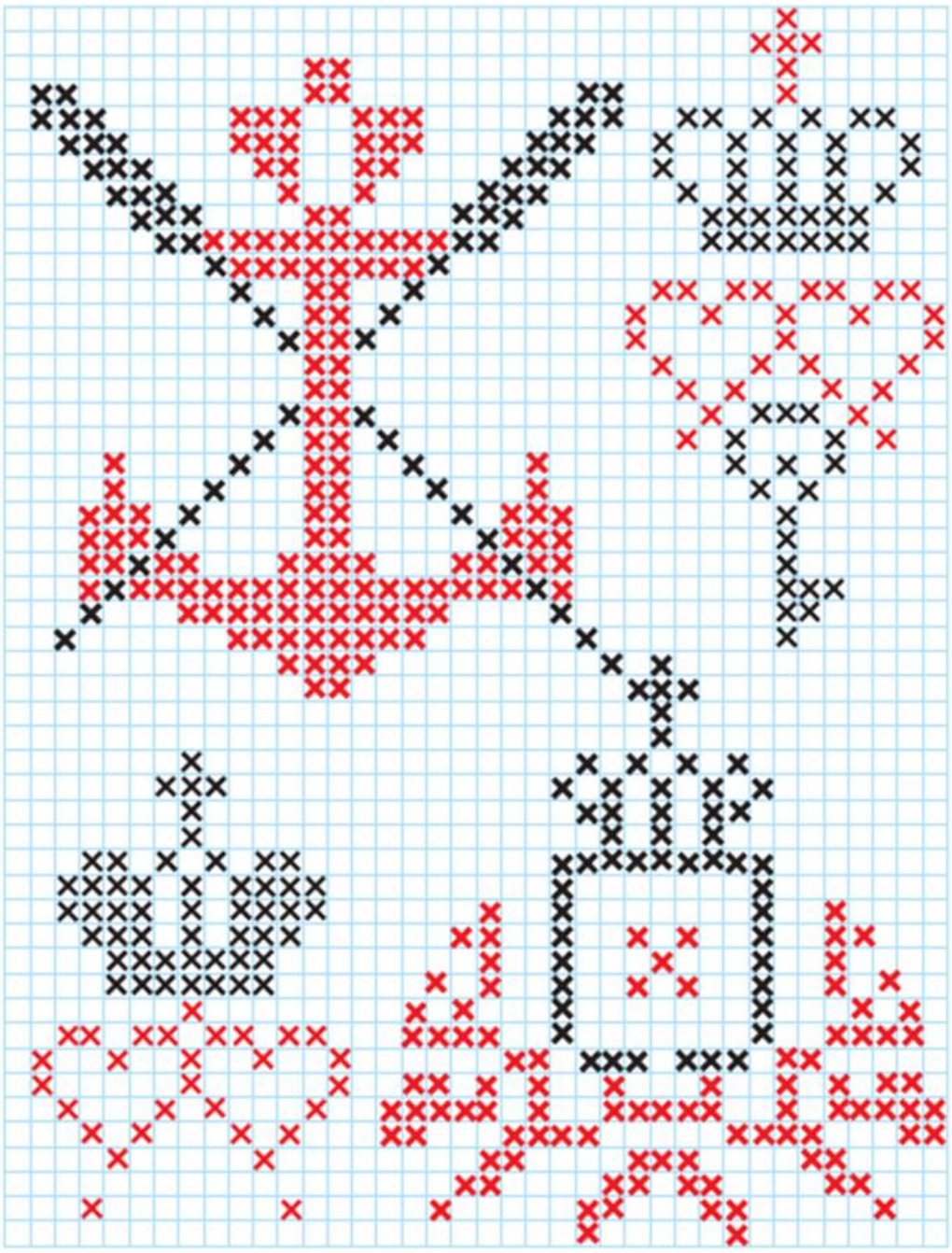

Figura 6.28 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 3).

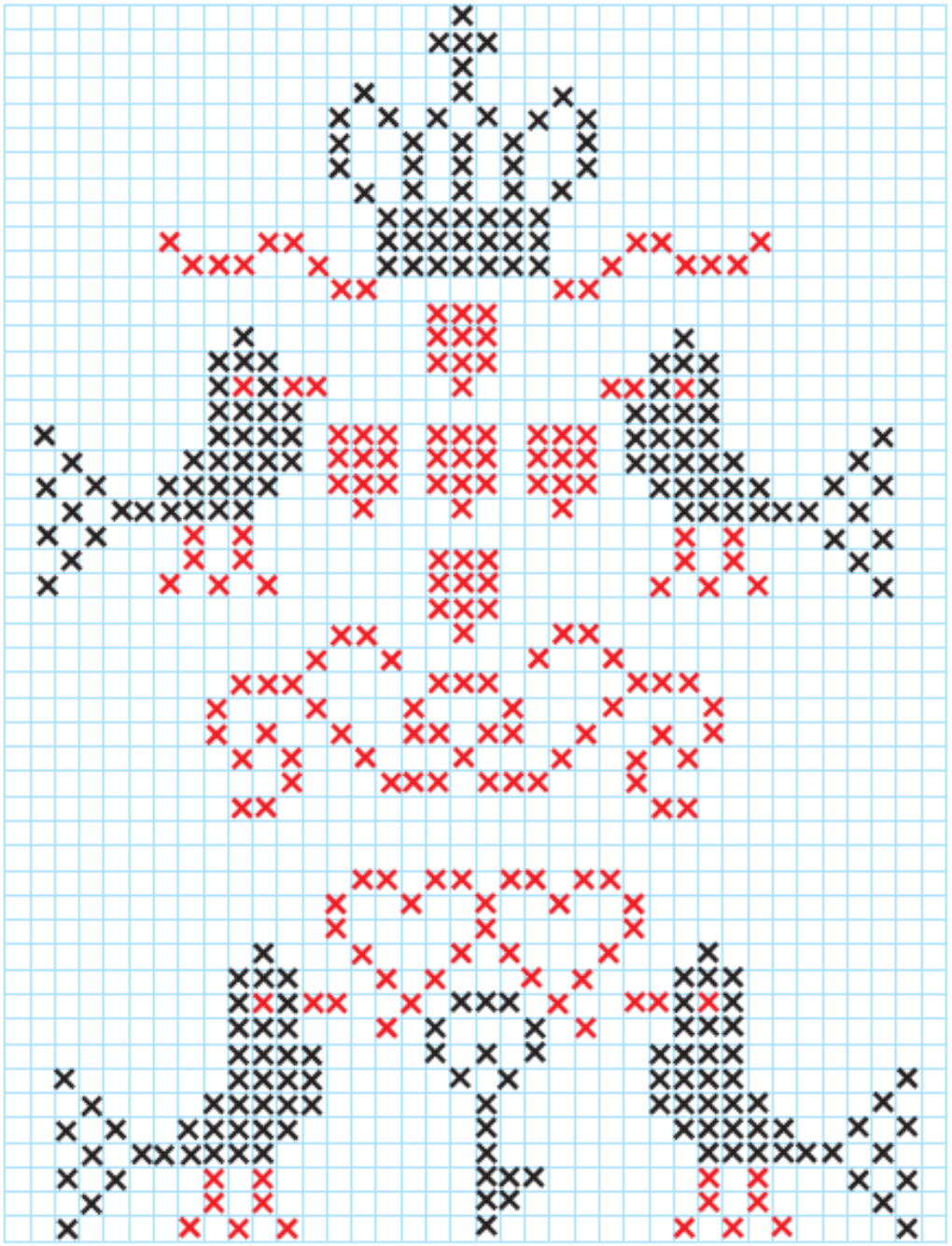

Figura 6.29 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 4).

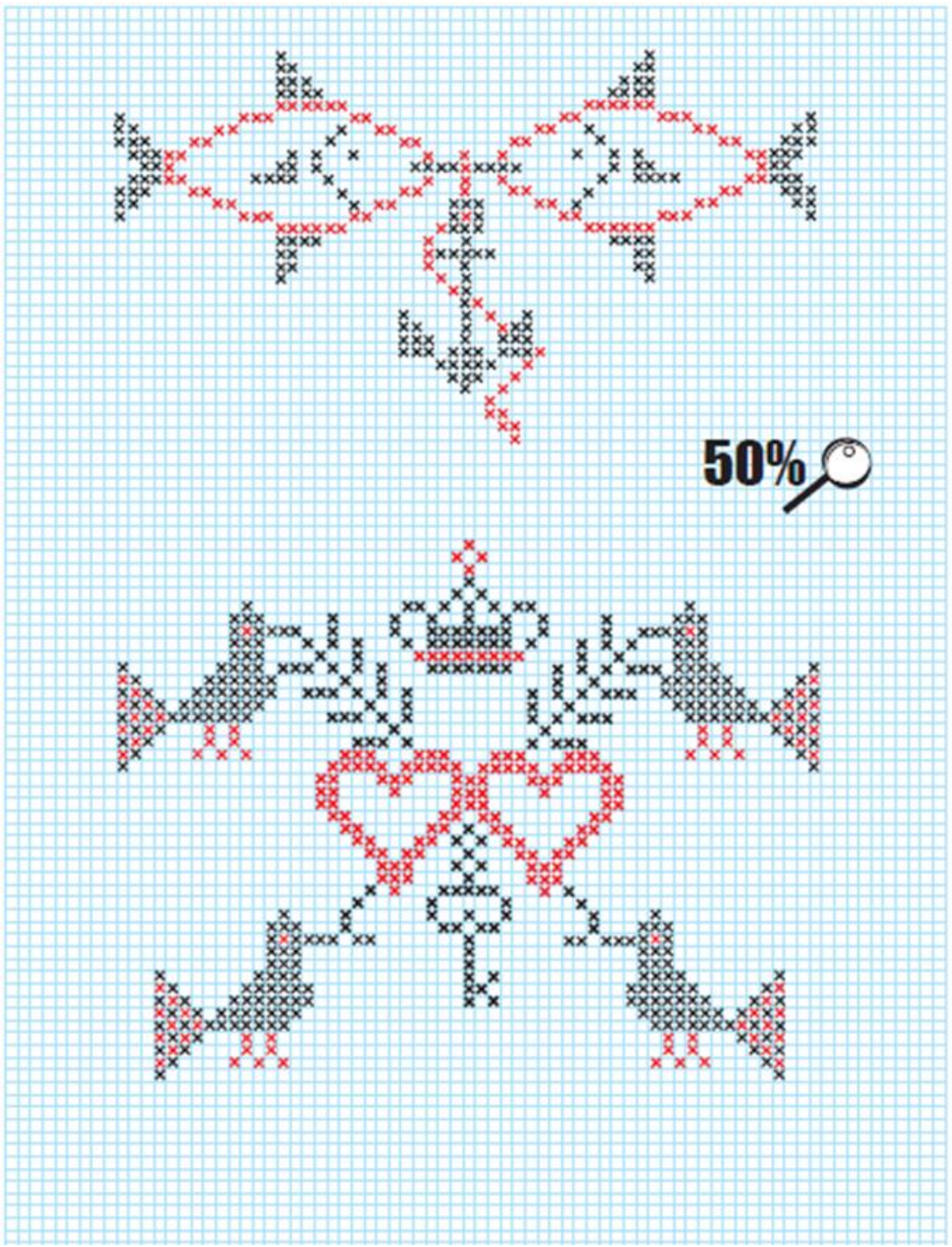

Figura 6.30 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 5).

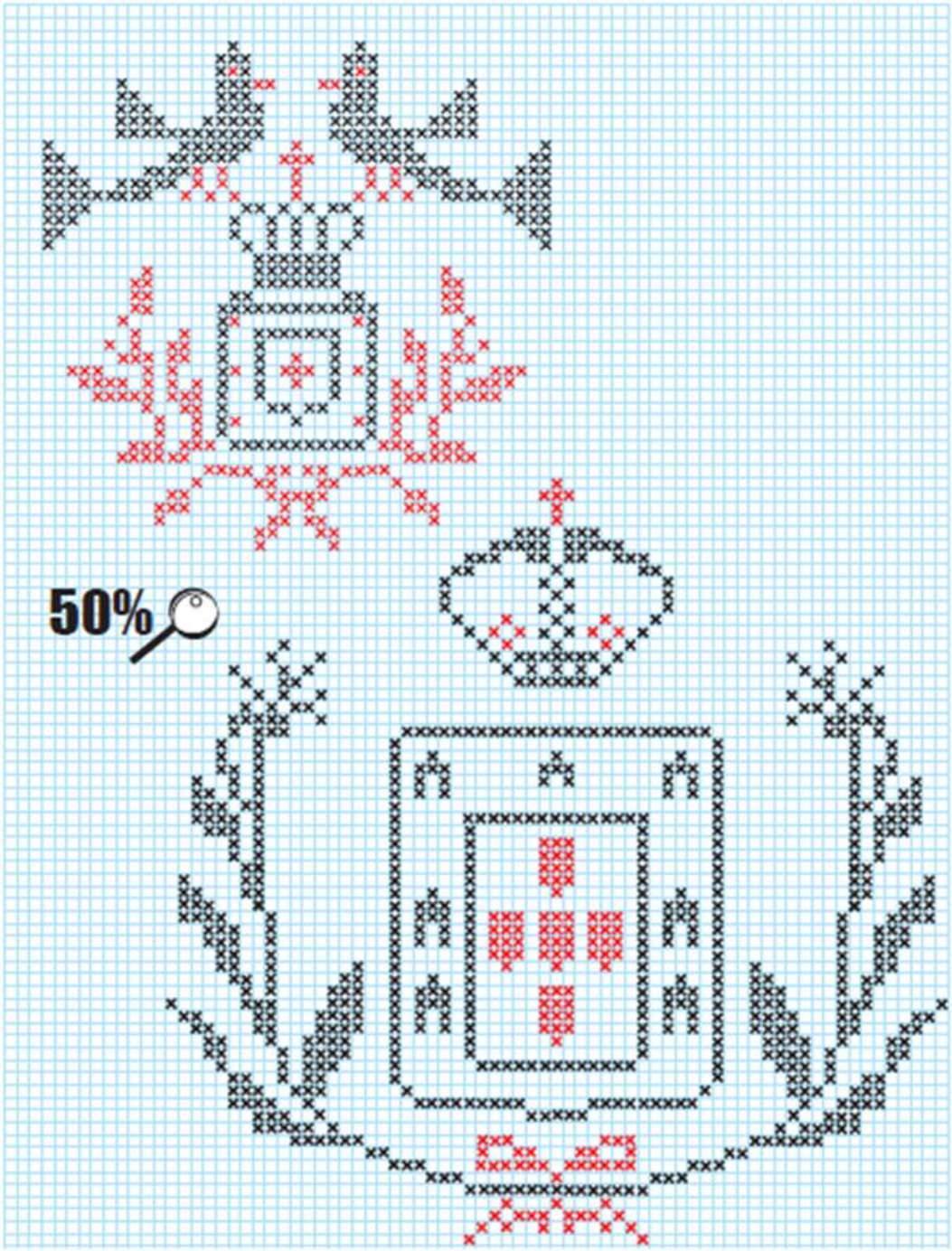

Figura 6.31 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 6).

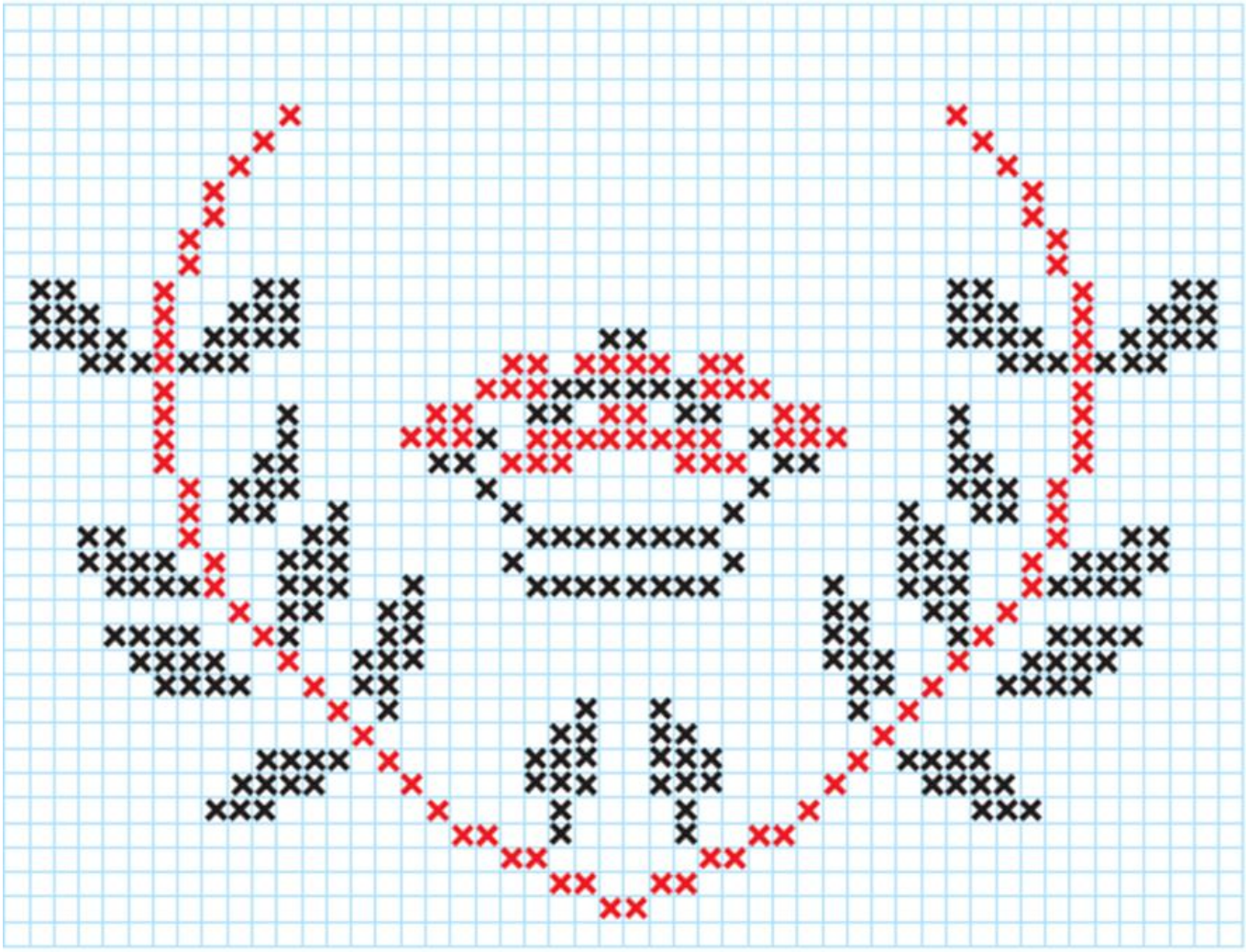

Figura 6.32 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 7).

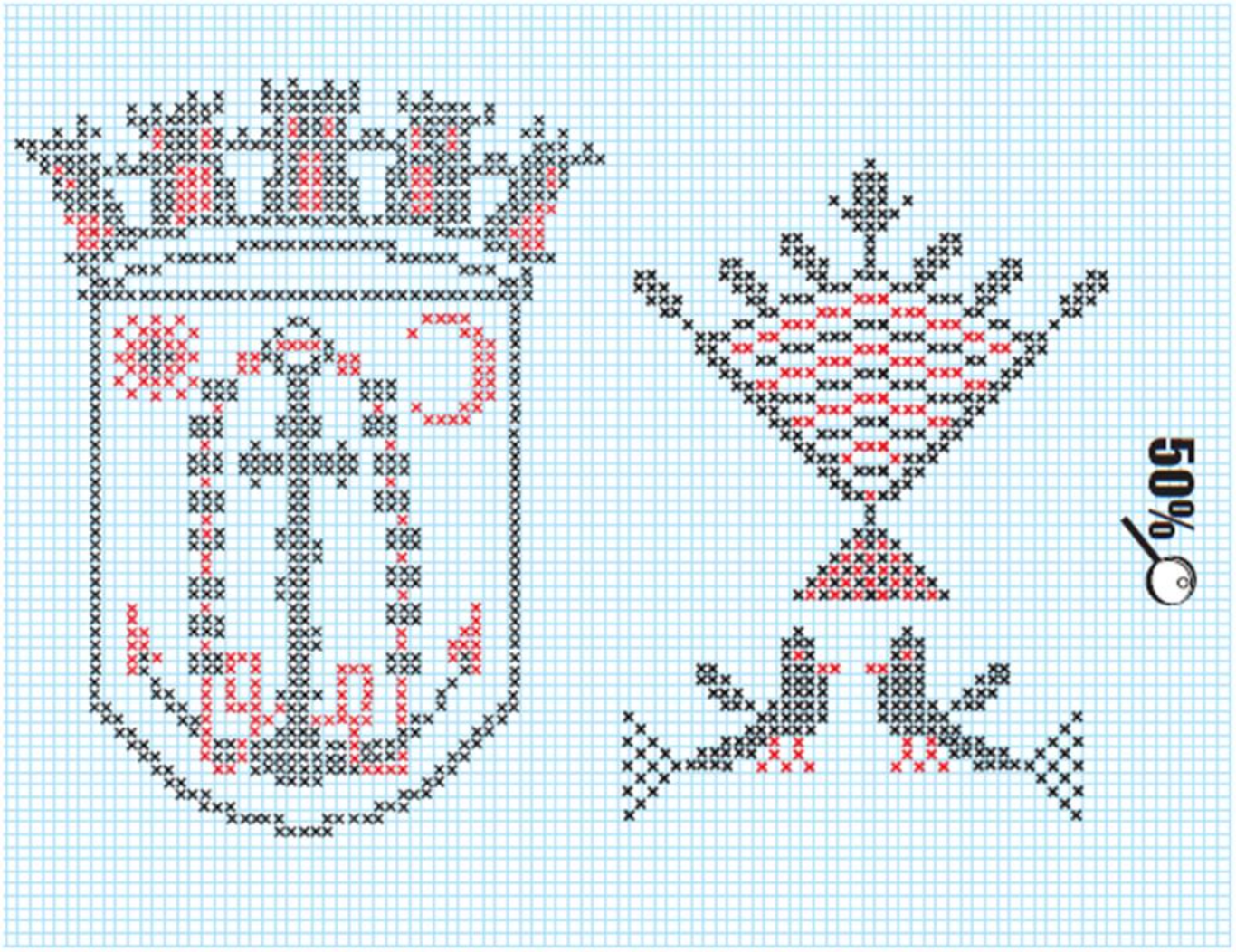

Figura 6.33 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 8).

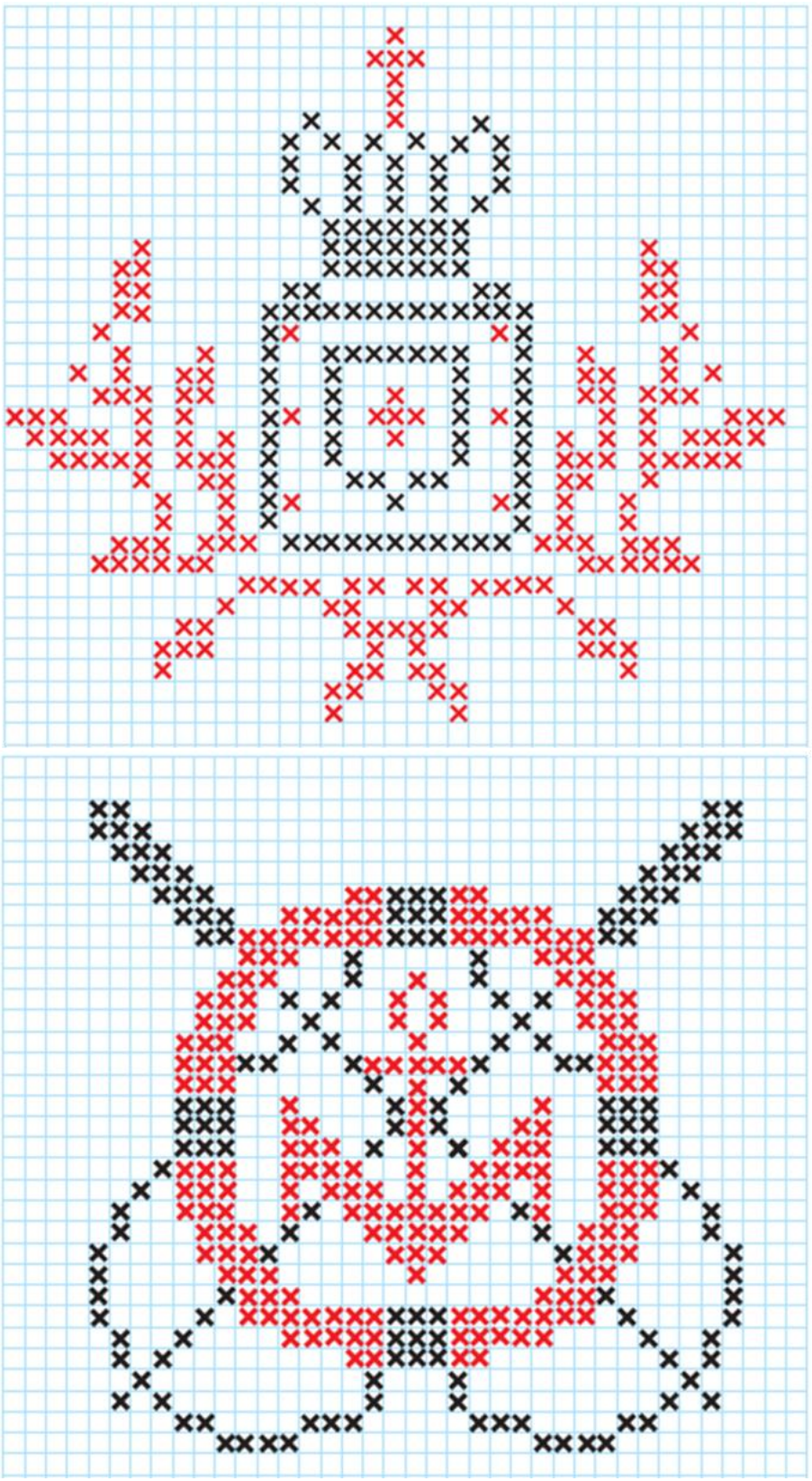

Figura 6.34 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 9).

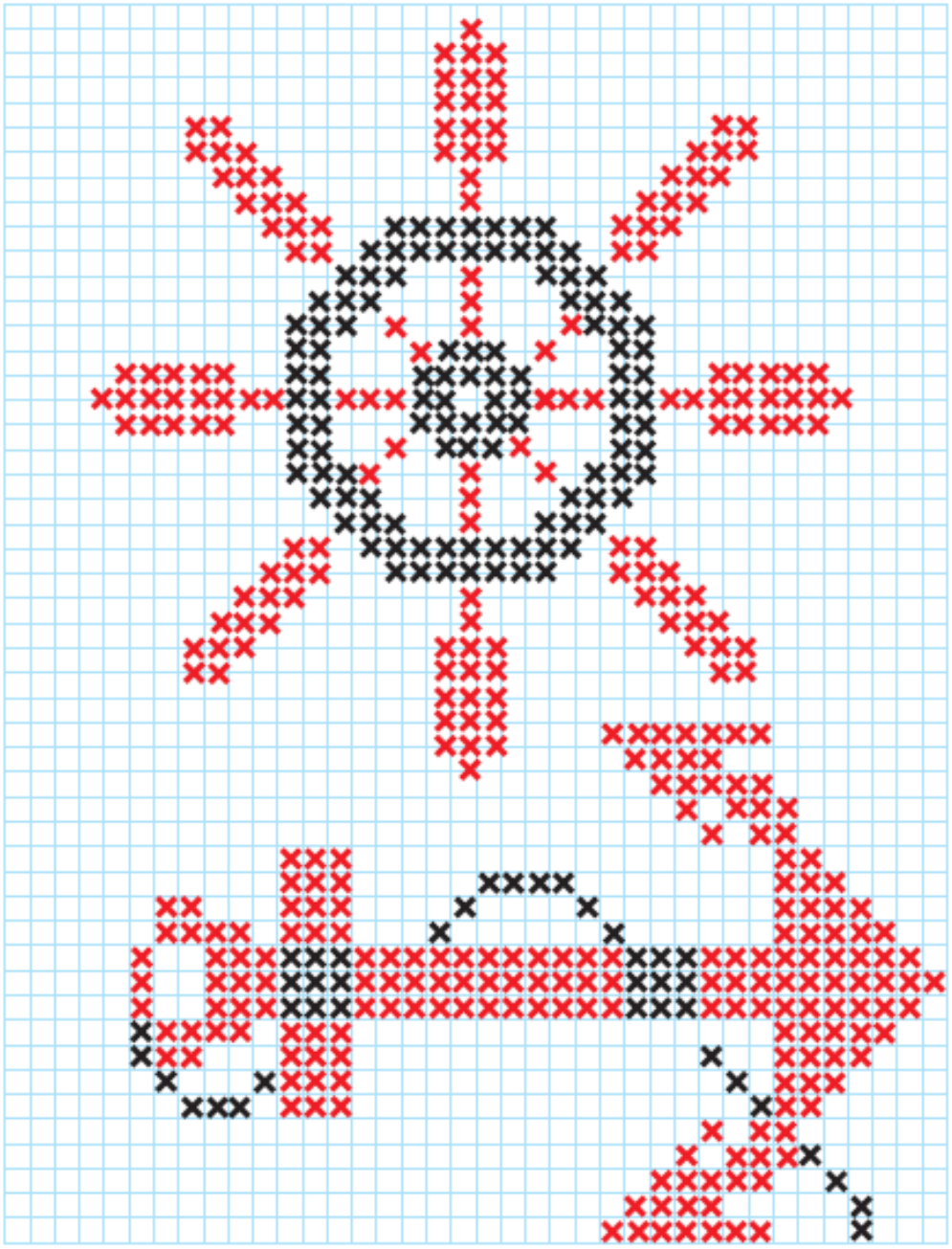

Figura 6.35 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 10).

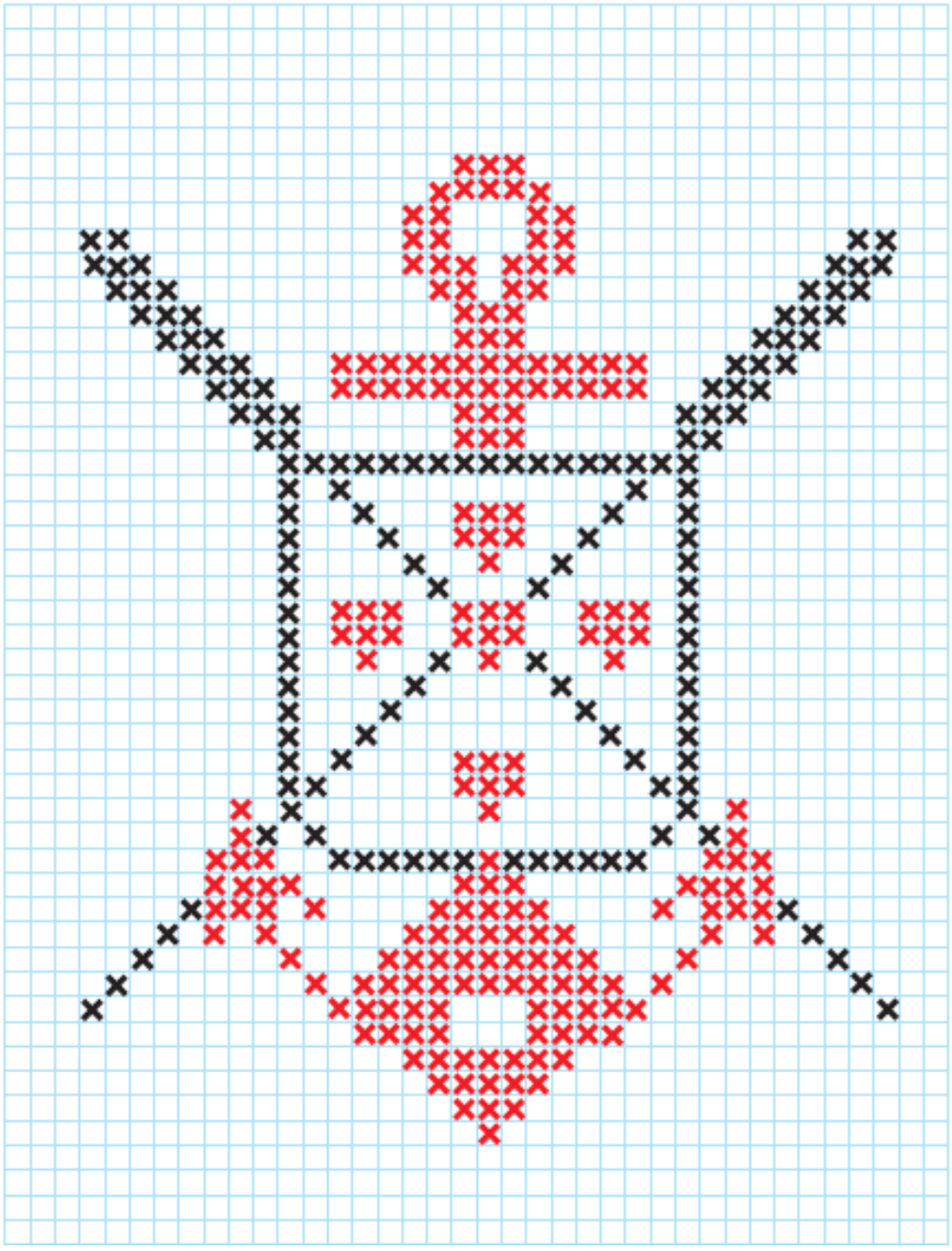

Figura 6.36 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 11).

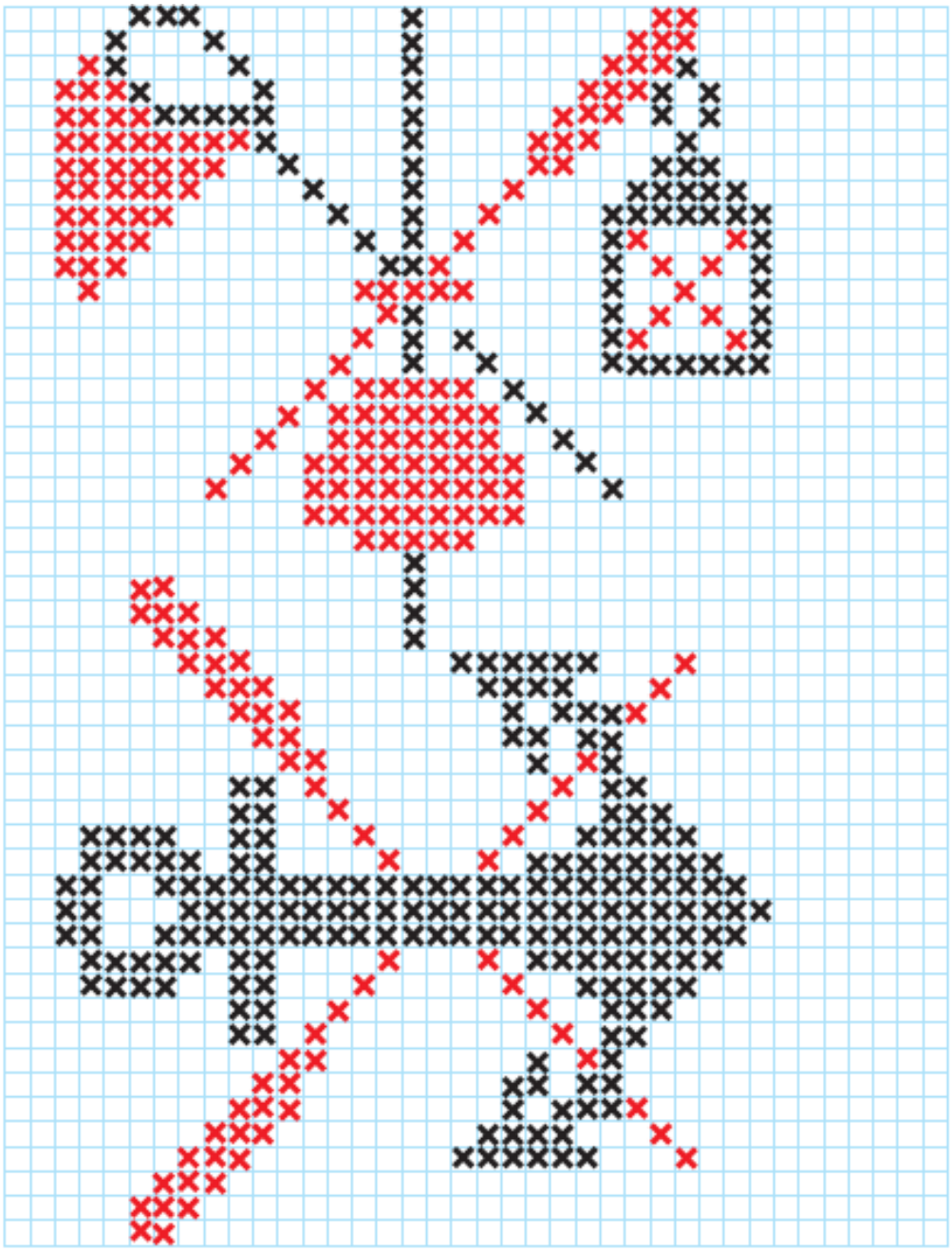

Figura 6.37 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 12).

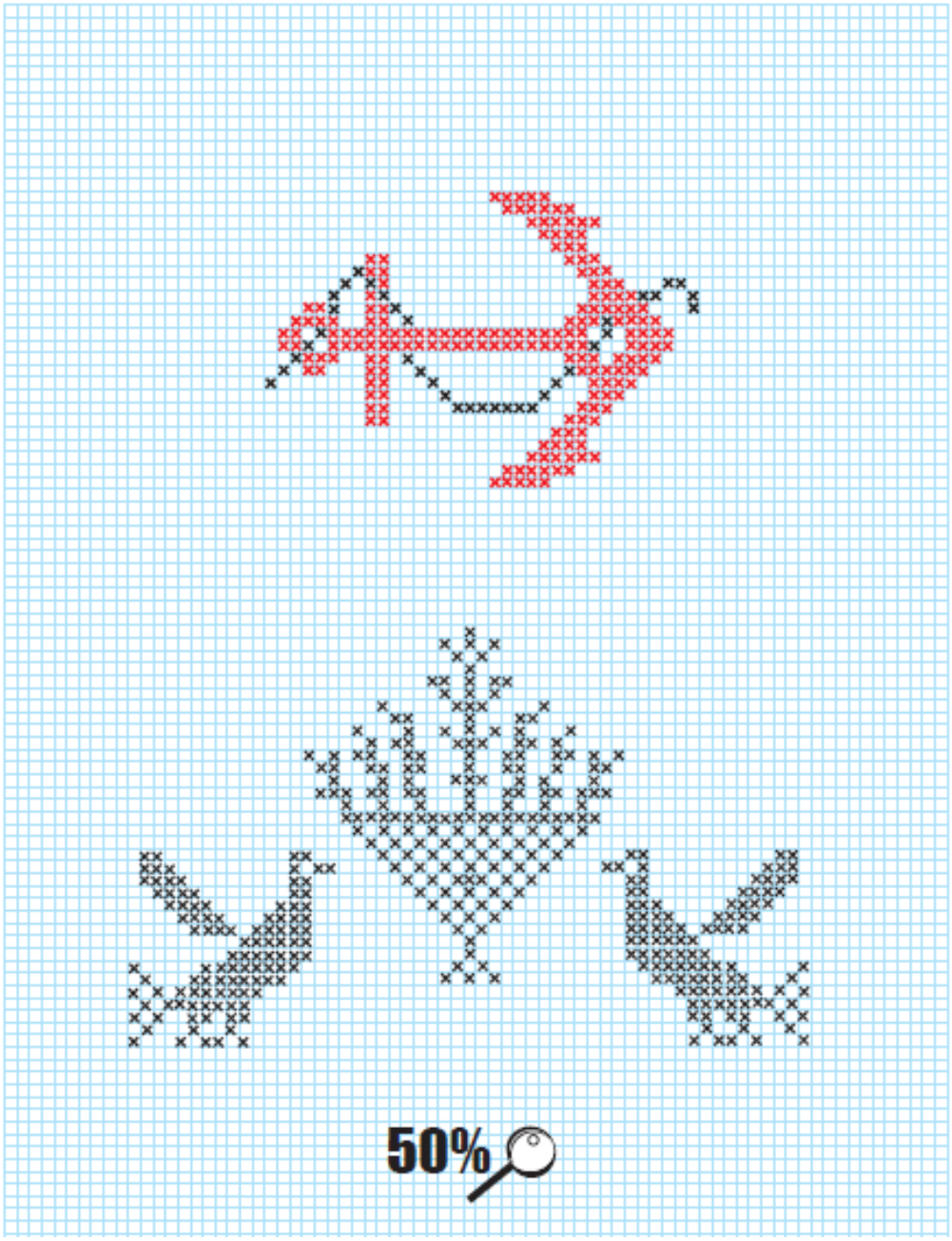

Figura 6.38 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 13).

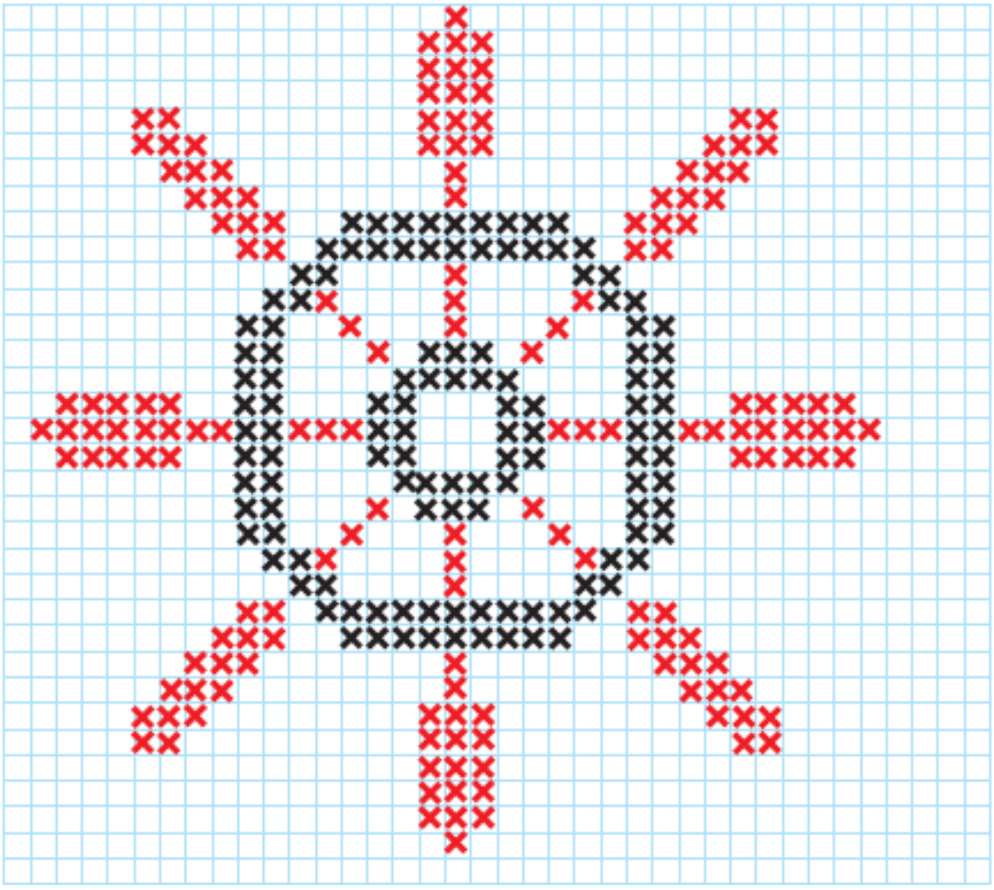

Figura 6.39 - Representação esquemática de motivos Centrais (parte 14).

6.2.8 MOTIVO TREMIDINHOS

Estes motivos poderão ser aplicados nas zonas de aplicação G (Figura 6.4) e poderão ser bordados de acordo com os esquemas abaixo representados na figura 6.40.

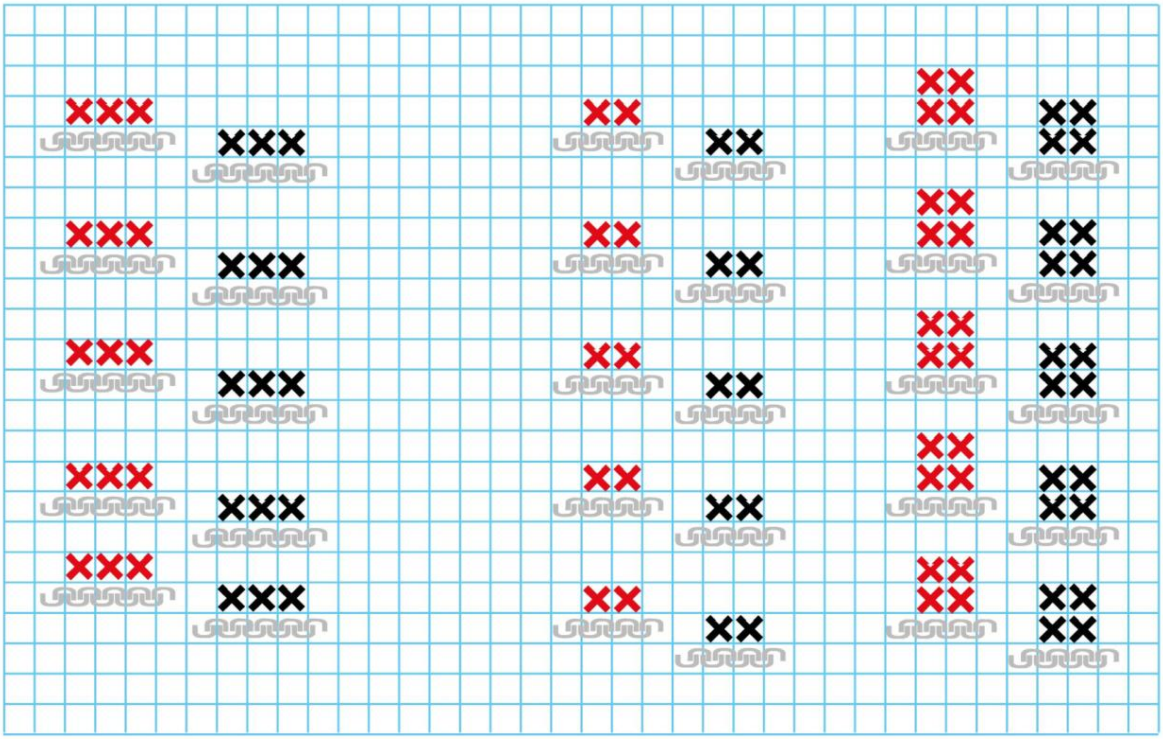

Figura 6.40 - Representação esquemática de motivos “Tremidinhos”.

6.2.9 MOTIVO CASTELINHOS

Estes motivos poderão ser aplicados nas zonas de aplicação H (Figura 6.4) e poderão ser bordados de acordo com os esquemas abaixo representados na figura 6.41.

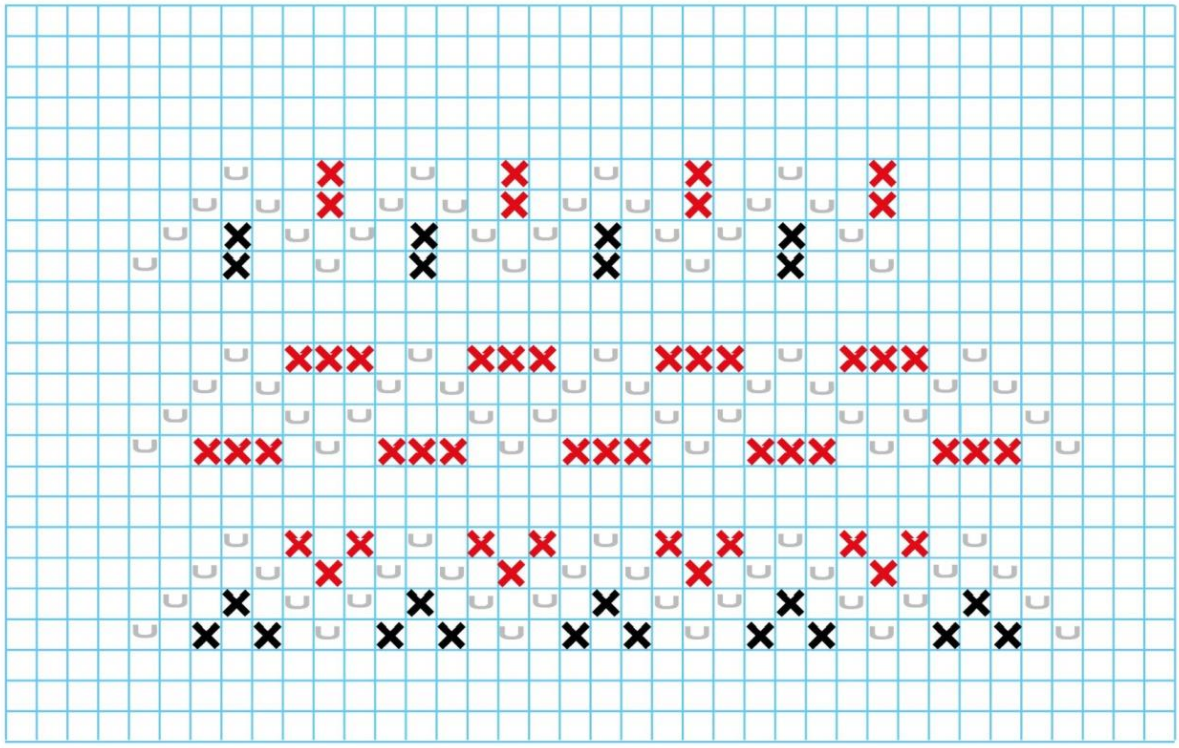

Figura 6.41 - Representação esquemática motivos “Castelinhos”.

7 A DESCRIÇÃO DO MODO DE PRODUÇÃO, DESIGNADAMENTE AS TÉCNICAS E FERRAMENTAS UTILIZADAS E OS EQUIPAMENTOS AUXILIARES

A “Camisola Poveira”, apesar de tecnicamente ser de fácil execução, apresenta pequenos pormenores com alguma complexidade, conferindo-lhe uma beleza singular e identitária. As técnicas e as ferramentas utilizadas na sua produção são abaixo descritas.

7.1 TÉCNICAS

7.1.1 CAMISOLA

A produção da “Camisola Poveira” utiliza a técnica do tricot, tradicionalmente chamado no nosso país como malha. Por ser uma camisola tecnicamente simples, não mais do que o indispensável deste ofício é exigido ao artesão: montar malhas, ponto de meia, ponto de liga (Figura 7.1), aumentos e remates.

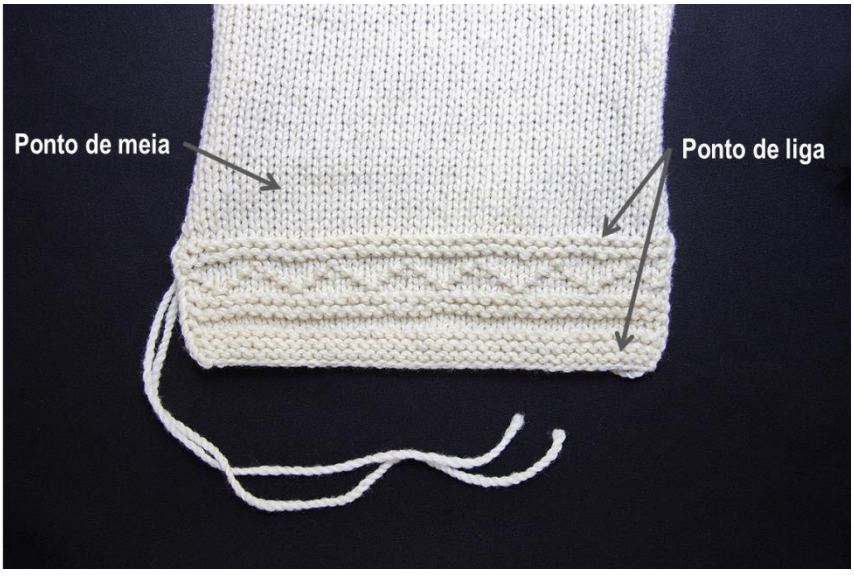

Figura 7.1 - Representação do ponto de liga e do ponto de meia

A camisola começa pela produção de 4 peças separadamente: frente, costas e duas mangas (cosidas manualmente no final (Figura 7.2).

Figura 7.2 - Representação das peças que constituem a "Camisola Poveira", frente (A), costas (B).

O direito da camisola é maioritariamente feito em ponto de meia, sendo apenas usada a combinação com o ponto de liga para o desenho dos "Castelinhos" (Figura 7.3, 7.5, 7.6, 7.7 e 7.8), dos "Tremidinhos" (Figura 7.4 , 7.5, 7.6 e 7.7), e inicio de cós (Figura 7.3), e mangas (Figura 7.8). O avesso é todo ele feito em ponto de liga, exceto quando quando se está a trabalhar o avesso e se pretende fazer um ponto de liga no direito da camisola.

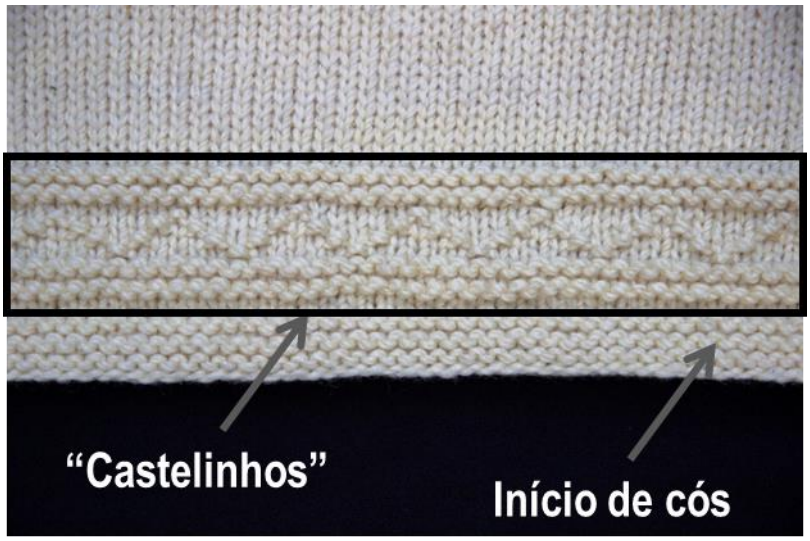

Figura 7.3 - Representação dos desenho "Castelinhos" e inicio de cós.

Os "castelinhos" repetem-se no cós, no início e fim da manga, na largura de ombro a ombro e na gola (Figura 7.2, 7.5, 7.6, 7.7 e 7.8).

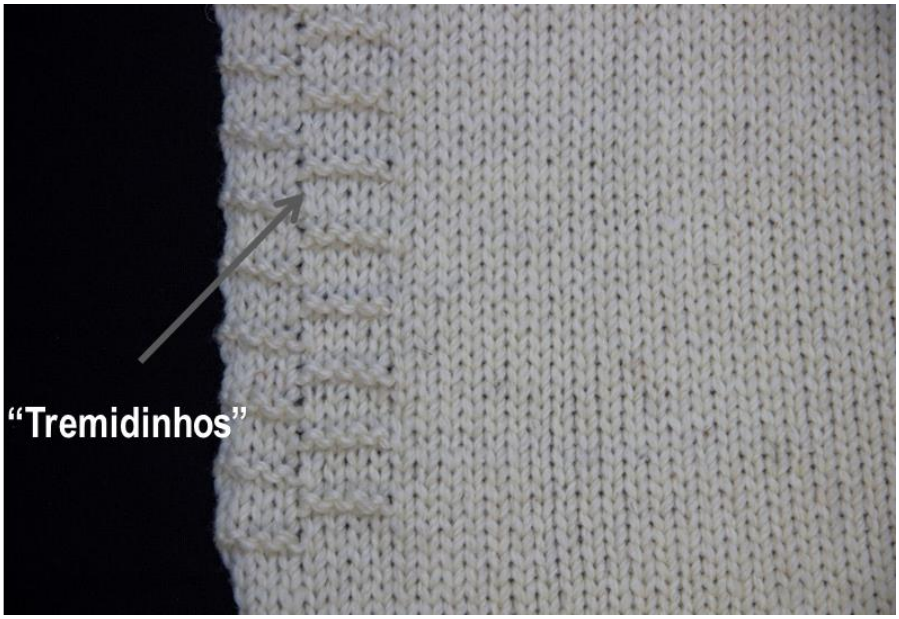

Figura 7.4 - Representação dos desenho "Tremidinhos".

Os "Tremidinhos" reptem-se nas cavas e no decote (Figura 7.5, 7.6 e 7.7).

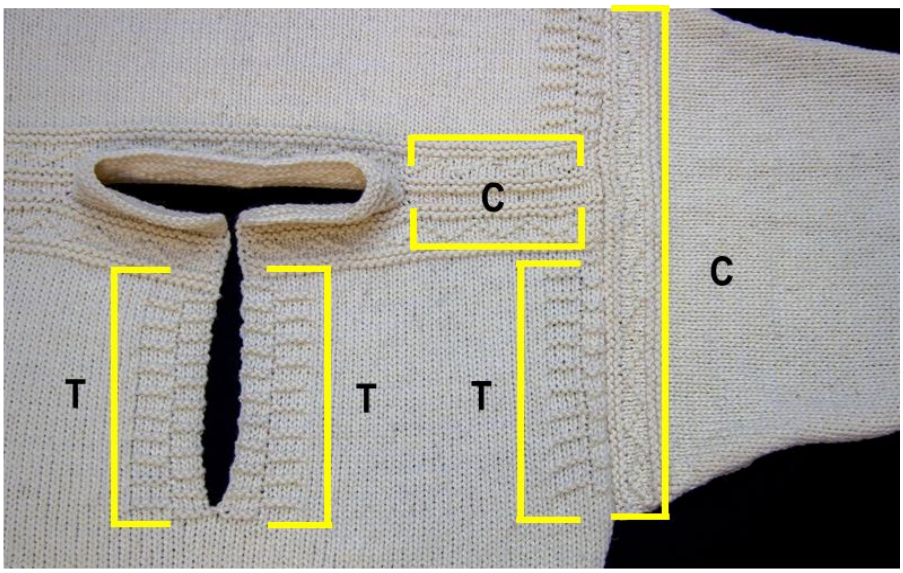

Figura 7.5 - Representação de "Tremidinhos" e "Castelinhos".

Recorrendo à demonstração designada por "receita" usada no tricot, passamos a explicar a execução desses desenhos na malha, usando as seguintes abreviaturas: **Carreira**: carr; **Ponto de Liga**: PL; **Ponto de Meia**: PM; **Malhas**: ms; **Virar trabalho**: vt.

Desenho "barra de castelinhos" (exemplo para 3 castelinhos):

carr 1 a carr 4: trabalhar todas as ms em PL, vt

carr 5: 1PL, 5PM, 1PL, 5PM, 1PL, 5PM, 1PL, vt

carr 6: 1PL, 1PM, 3PL, 1 PM, 1PL, 1PM, 3PL, 1PM, 1PL, 1PM, 3PL, 1PM, 1PL, vt

carr 7: 2PM, 1PL, 1PM, 1PL, 3PM, 1PL, 1PM, 1PL, 3PM, 1PL, 1PM, 1PL, 2PM, vt

carr 8: 3PL, 1PM, 5PL, 1PM, 5PL, 1PM, 3PL, vt

carr 9 a carr 12: trabalhar todas as ms em PL

Nota: As carreiras ímpares são o direito do trabalho. Ao artesão, entendido na técnica, bastará o esquema apresentado porque sabe que no avesso do trabalho faz-se o ponto contrário ao apresentado.

Desenho "tremidinhos" (exemplo para 3 “tremidinhos” em altura)

carr 1: 5PL, 5PM

carr 2: 10PL

carr 3: 5PM, 5PL

carr 4: 10PL

carr 5: 5PL, 5PM

carr 6: 10PL

carr 7: 5PM, 5PL

carr 8: 10PL

carr 9: 5PL, 5PM

Nota : Este desenho, como exemplificado, é feito sempre pelo lado direito do trabalho, o que se torna muito simples.

Na técnica de execução da camisola o trabalho obedece às seguintes regras de estrutura/desenho (o quê e onde devem constar os elementos identificativos):

Frente da camisola (do cós para o topo) (Figura 7.6):

1. uma pequena barra de 3 ou 4 carreiras de ponto de liga;
2. uma carreira de ponto de meia;
3. uma barra de “castelinhos” ;
4. ponto de meia até à altura das cavas;
5. uma pequena fila de 8 pontos de liga na base do decote;
6. “tremidinhos” nas cavas (6.1) e em cada lado da abertura de decote (6.2);
7. uma barra de “castelinhos” à altura dos ombros;
8. termina com 1 ou 2 carreiras de ponto de meia.

Figura 7.6 - Representação técnica de regras de estrutura/desenho de execução da frente camisola.

Costas da camisola (do cós para o topo) (Figura 7.7):

1. uma pequena barra de 3 ou 4 carreiras de ponto de liga (as mesmas escolhidas para a frente);
2. uma carreira de ponto de meia;
3. uma barra de “castelinhos” ;
4. ponto de meia até à altura dos ombros
5. “tremidinhos” nas cavas;
6. uma barra de “castelinhos”;
7. termina com 1 ou 2 carreiras de ponto de meia (as mesmas escolhidas para a frente).

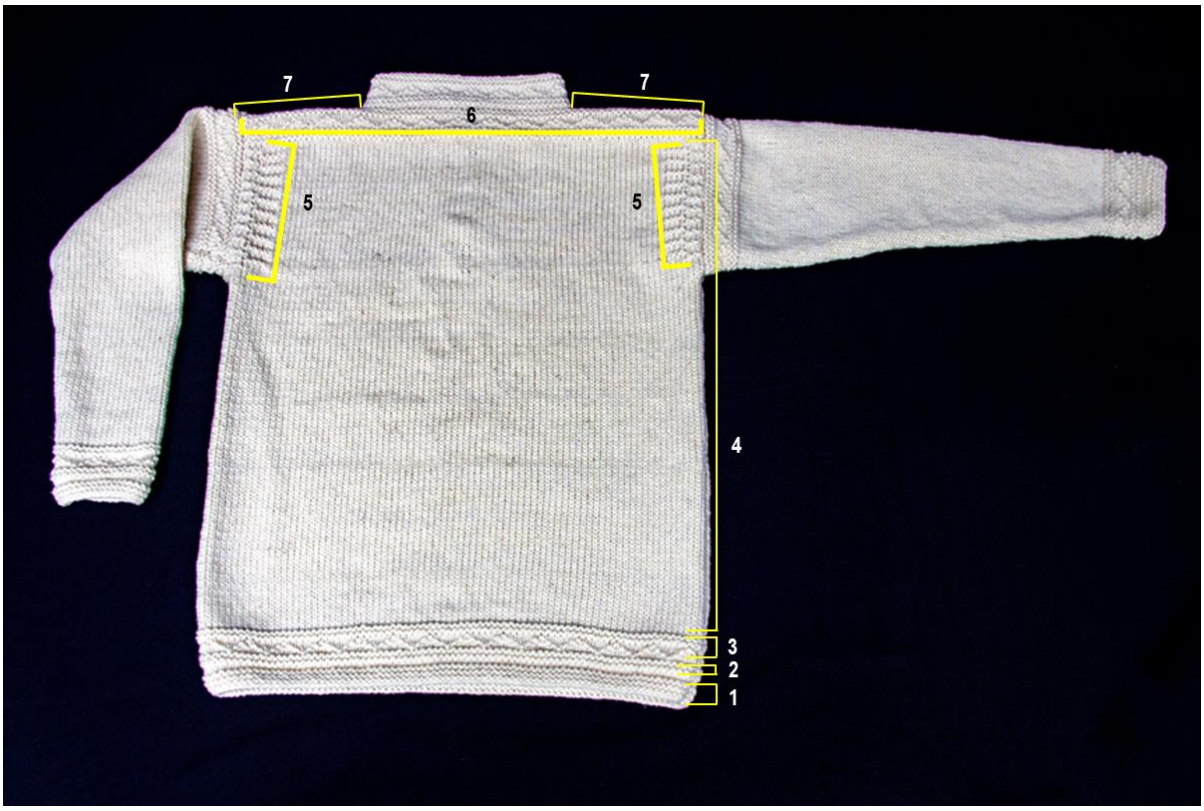

Figura 7.7 - Representação técnica de regras de estrutura/desenho de execução das costas da camisola.

A frente e as costas são unidas até à largura pretendida para a gola, cerzindo as malhas. A união superior da frente e das costas não deverá ser cosida.

Gola:

Inicia-se o trabalho da gola pegando nas malhas da frente e das costas deixadas em espera. Esta é constituída por uma carreira de ponto de meia seguida de uma barra de castelinhos, terminando assim, sem mais nenhuma carreira. A gola é, portanto, uma simples barra de "castelinhos".

Mangas (do punho para as cavas) (Figura 7.8)**:**

1. uma pequena barra de 3 ou 4 carreiras de ponto de liga (as mesmas escolhidas para a frente e costas);
2. uma carreira de ponto de meia;
3. uma barra de "castelinhos";
4. ponto de meia até à altura necessária para iniciar uma barra de "castelinhos";
5. termina com essa barra de castelinhos ou poder-se-á acrescentar uma carreira de ponto de meia.

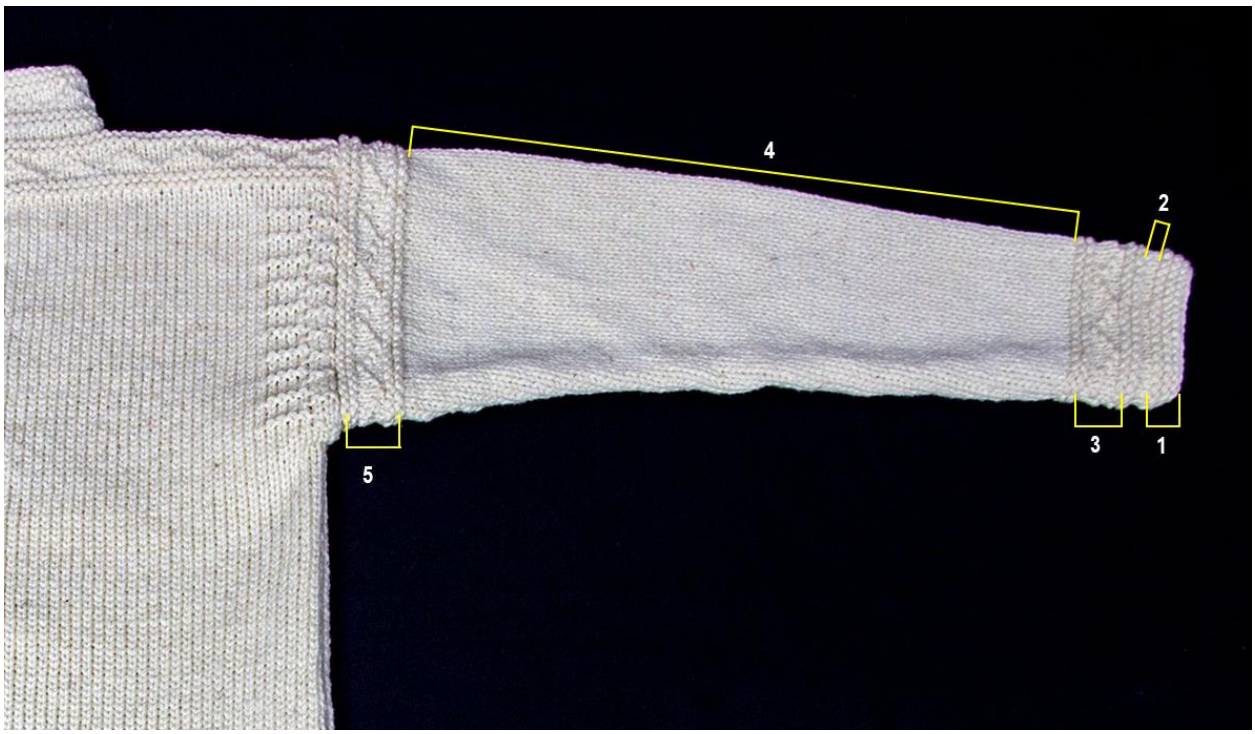

Figura 7.8 - Representação técnica de regras de estrutura/desenho de execução das mangas da camisola.

As mangas e as laterais da camisola são cosidas com o mesmo fio, de forma normal.
Nota: As carreiras mencionadas referem-se ao lado direito da camisola, o avesso é sempre trabalho em ponto de liga, excetuando da barra de "castelinhos", conforme já mencionado.

A máquina de tricotar doméstica não automatizada, poderá ser usada para confecionar a frente, as costas e as mangas da camisola de acordo com o representado na figura 7.9. De acordo com as atividades identificadas no "Reportório de Atividades Artesanais", publicado em anexo à Portaria nº 1193/2003, de 13 de outubro, bem como áquelas que entretanto obtiveram o reconhecimento posterior enquanto atividades artesanais, nos termos do nº3 do artigo 17º-A do Decreto-Lei nº41/20001, de 9 de fevereiro, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto-Lei nº110/2002 de 16 de abril e tal como descrito no documento, Reportório de Atividades Artesanais – Notas Explicativas (CEARTE), são identificadas especificidades e características das diferentes atividades artesanais. Assim, no grupo 01 - Artes e ofícios Texteis, a atividade 01.12 (Confeção de artigos de Malha) está descrito o seguinte "Execução manual de peças de vestuário ou artigos utilitários e decorativos para o lar, utilizando fios de lã, algodão e outros, que são tricotados com duas ou mais agulhas apropriadas, ou com máquinas não automatizadas".

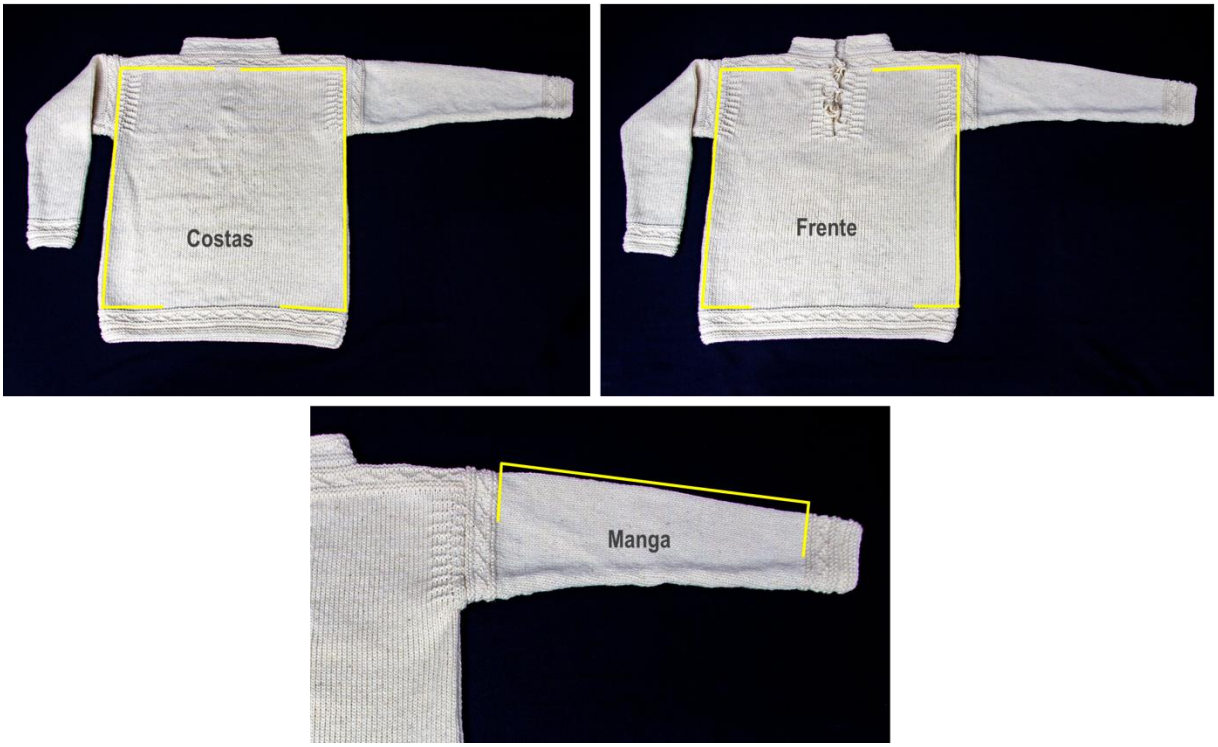

Figura 7.9 - Representação das zonas das camisolas que poderão ser confecionadas utilizando máquina de tricotar não automatizada.

7.1.2 BORDADO

O bordado da "Camisola Poveira" é feito com o ponto de cruz, técnica transposta do bordado em tecido para a camisola, apenas alterando a direção em que é feito o bordado, da vertical para a horizontal. Ao bordar uma camisola, o artesão deverá seguir a verticalidade do ponto de meia da camisola, usando como referência de quadrícula uma malha ou duas, consoante a espessura do fio da camisola e motivo escolhido (Figura 7.10).

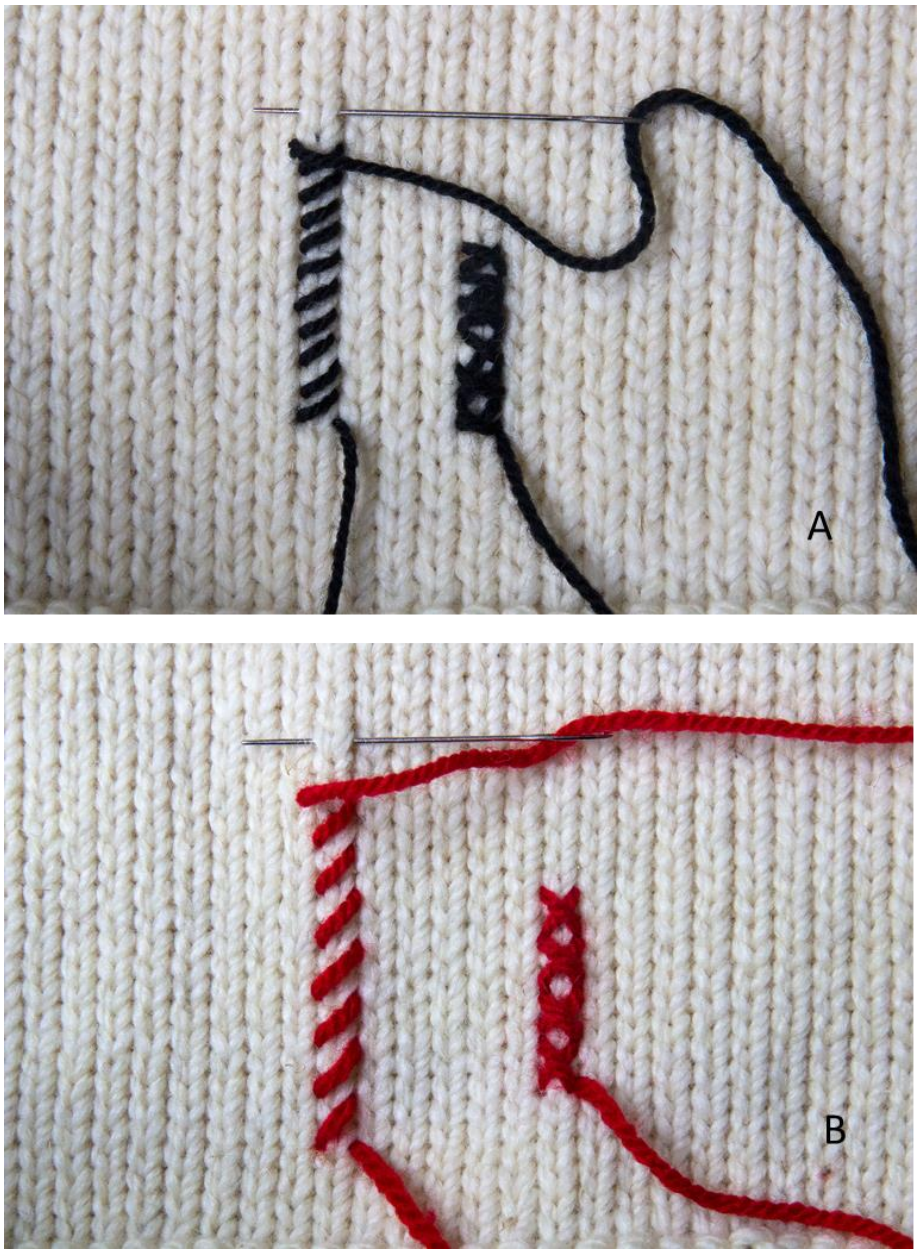

Figura 7.10 - Representação do ponto de cruz usando como referência de quadrícula uma malha (A) ou duas (B), consoante a espessura de fio da camisola.

7.2 FERRAMENTAS E EQUIPAMENTOS

As ferramentas/instrumentos (Figura 7.11 e 7.12) usados na produção da "Camisola Poveira" são os habitualmente usados na prática do tricot. Por tal, são necessários as seguintes ferramentas/instrumentos:

- 1 par de agulhas de tricô com (3) ou sem (2) barbela de espessura entre 3,5 e 5 mm, consoante o fio escolhido;
- 1 agulha de coser lã (5);
- 2 alfinetes para malhas(1);
- fita métrica de costura (6);
- 1 tesoura (4);
- Máquina de tricotar não Automatizada (Figura 7.12).

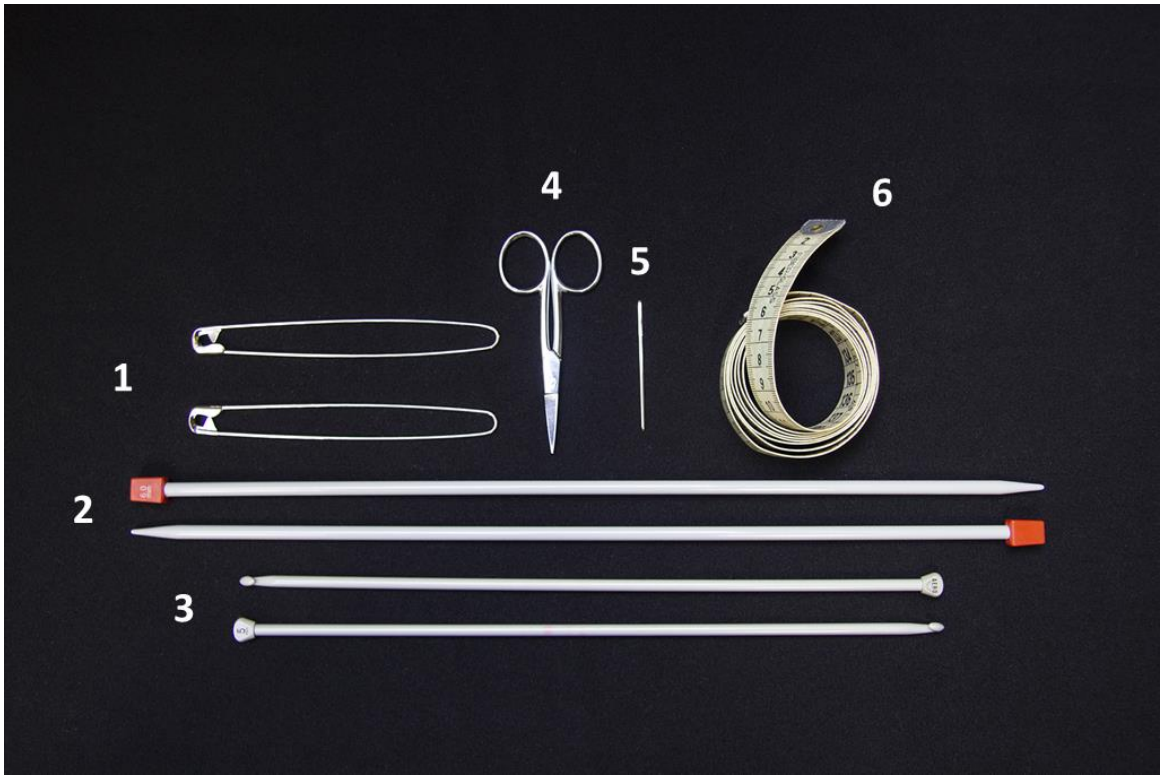

Figura 7.11 - Ferramentas/instrumentos usados na produção das camisolas.

Figura 7.12 - Exemplo de máquina de tricotar não automatizada.

8 CONDIÇÕES DE INOVAÇÃO NO PRODUTO

As características e elementos identitários e, consequentemente, a imagem da "Camisola Poveira" estão intrinsecamente ligadas à sua iconografia através dos motivos bordados em ponto de cruz, à sua forma, assim como à sua cor e à cor dos seus bordados.
Não desvirtuando as suas especificidades identitárias e tendo em consideração a necessidade de adaptação, a novas tendências de procura e de moda mais atuais, e também para que esta produção artesanal tradicional não fique estagnada no tempo, torna-se essencial ponderar a sua inovação. Considerando a inovação um desafio e condição incontornável, importa estabelecer as condições que promovam essa inovação na produção da "Camisola Poveira" de forma responsável, sustentável e que garanta a identidade do produto. O facto de no presente caderno de especificações estarem estabelecidas condições de inovação do produto, não impede que sejam propostas revisões sempre que tal se justifique e com a necessária fundamentação.

São assim consideradas as condições de inovação abaixo descritas. Para determinadas condições de inovação admitidas, de forma a garantir uma proteção acrescida da tradição e das características identitárias, são determinadas quais as características/elementos que não são passiveis de sofrer inovação:

- É admitida a utilização de cores diferentes da mais usual, que é a cor natural da lã no caso da camisola e vermelho e preto no caso dos bordados. As condições para esta inovação, que no fundo é uma revisitação do que chegou a verificar-se a partir de meados do século XX, mas sempre de forma muito residual, estão definidas na tabela seguinte:

	Camisola	Bordados
Condição de Inovação: Cores	Vermelho	Preto e branco
	Azul-marinho	Branco e vermelho
Características/elementos que não são passíveis de sofrer inovação	Forma/estrutura da camisola e motivos bordados	

É admitida a criação de novos motivos bordados diferentes dos descritos/referenciados no presente caderno de especificações, desde que sejam inspirados nas tipologias e desenhados de acordo com as regras descritas no presente caderno de especificações.
Os novos motivos, antes de serem aplicados, devem ser submetidos a aprovação pela comissão de acompanhamento do processo de certificação da produção artesanal da "Camisola Poveira", criada no seio do organismo de certificação ao abrigo do artigo 14º do Decreto-Lei nº 121/2015, de 30 de junho.

9 BIBLIOGRAFIA

- Almeida; V.M.; Bartolo, J., Baltazar, M.J; Ruivo, C.; Bastardo, R.; Milano, M; Ferrão, G. R, ; Rosa, V. (2015). Design Português 1940/1959 Maria João Bantazar.3. ESAD – Escola Superior de Artes e Design.

- Amorim, M; Costa, M.G.A.M.C.; Marques, A.M. (1987). Rancho Poveiro – Cinquenta Anos de História 1936-1986. Binografica. Póvoa de Varzim, p. 34.

- Aranha, Pedro Venceslau de Brito (1868). Villa da Povoa de Varzim. *Archivo Pittoresco*. Porto: Tipografia de J. J. Gonçalves Basto, p.197.

- Augusto, José (1942). As nossas Rêdes de Pesca. Revista de Arte e Turismo - Panorama – número 7. Ano 1 – Volume 2º . Edição do Secretariado de Propaganda Nacional, p. 7.

- Carneiro, D.; Gomes, J.M.F. (2008). Catálogo da Exposição - A Arte e a Devoção Peregrinagem e Ex-Votos de Poveiros no Santuário de Nª. Sra. Da Abadia. Posto de Turismo da Póvoa de Varzim.

- Carneiro, Deolinda (*et. al.)* (2021). A Camisola Poveira – Uma Marca da Póvoa de Varzim. Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

- Costa, Maria da Glória Azevedo Martins (1980). O Traje Poveiro. Póvoa de Varzim Boletim Cultural. Vol. XIX. Nº 2. Edição da Camara Municipal, p.186.

- Duarte, Cristina, L. (2007). Trajes Regionais – Gostos Populares , cores e formas. Edição dos Ctt Correios.

- Ferreira, Paulo; Chaves, Luis; Lage, Francisco; Novais, Mário (1940). Vida e Arte do Povo Portuuês. Secretariado da Propaganda Nacional, p.12, 63.

- Ferro, António; Pinto, Augusto; Ferreira, Paulo (1937). Quelques Images De L'Art Populaire Portugais - Edition du Secretariat de La Propagande Nationale.

- Figueiredo, Andreia Raquel Silva (2010). Tese de Mestrado - Redoma aberta: iconografia tradicional reinterpretada pelo design no museu. Universidade de Aveiro - Departamento de Comunicação e Arte, p. 64-65.

- Graça, António Santos (1982). O Poveiro 2ª Edição. Camara Municipal da Povoa de Varzim.

- Graça, António Santos (1936). Grupo Poveiro A justificação do seu traje. Jornal Comércio da Póvoa de Varzim Ano 33. Nº27.

- Lages, M.F.; Matos, A.T.;Teixeira, M.B. (2008). Portugal – Percursos de Interculturalidade, Raízes e Estruturas – Volume I Capitulo VII. O Traje Regional Português e o Folclore. Edição Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.). Lisboa, p.391-392.

- Moore, W. Robert (1938). Castles and Progress in Portugal. The National Geographic Magazine. Nº 2. Volume LXXIII. 1938.

- Ortigão, Ramalho (1876). As Praias de Portugal. Guia do Banhista e do Viajante. Porto: Magalhães & Moniz Ed., p. 58.

- Ortigão, Ramalho (1892). O Póveiro. Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro Occidente .15º Anno . XV Volume. Nº 476. Lisboa: Adolpho, Modesto & C.ª – Impressores, p. 62.

- Pinto, Maria Helena Mendes (2004). Catálogo de exposição Artes Tradicionais de Portuga. Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Belas Artes. Lisboa, p. 118.

- Pomar, Rosa (2013). Malhas portuguesas – História e prática do tricot em Portugal, com 20 modelos de inspiração tradicional. Civilização Editora.

- Rodrigues, Manoel Maria (1892). Os Naufrágios na Povoa de Varzim. Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro Occidente .15º Anno . XV Volume. Nº 476. Lisboa: Adolpho, Modesto & C.ª – Impressores, p. 59.

- Silva, Jorge (2020). Livro Catálogo TOM. Arranha-Céus, Lisboa, p.91, 96, 102.

- Teixeira, M. B.; Ennes J. (1994). Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional do Traje. Edição: Lisboa : Sociedade Lisboa 94.

- Vieira, José Augusto (1867). *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira - Editor, Vol. II, p. 260.

FICHA TÉCNICA

Coordenação

Mário Linhares

Pesquisa Bibibliográfica e Documental

Mário Linhares

Lara Mafalda Ferreira

Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

Elaboração do Caderno de Especificações

Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

União de Freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai

Mário Linhares

Lara Mafalda Ferreira

Edição

Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Entidade Promotora

Câmara Municipal da Póvoa de Varzim